

REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS



ANO 1 • Nº 3 • NOV • 2020

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO DIA NACIONAL DA CULTURA
E DA LÍNGUA PORTUGUESA
E DO 447º ANIVERSÁRIO DE NITERÓI

ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Praça da República, nº 7

Centro – Niterói – RJ

CEP 24020-099

site: www.academiafluminensedeletras.com.br

e-mail: academiafluminensedeletras@gmail.com

Diretoria 2019/2020

Presidente: Waldenir de Bragança

Vice-Presidente: José Mauro Haddad

1ª Secretária: Márcia Maria de Jesus Pessanha

2ª Secretária: Regina Coeli Vieira
da Silveira e Silva

1º Tesoureiro: Wainer da Silveira e Silva

2ª Tesoureira: Alba Helena Corrêa

Diretor de Acervo Documental e Bibliotecas:
Flávio Chame Barreto

A Revista Fluminense de Letras é publicação oficial da AFL em formato digital, com previsão de quatro edições por ano (além de eventuais edições extras). Ela tem por objetivo divulgar as atividades literárias, artísticas e científicas desenvolvidas pelo corpo acadêmico, além de artigos e trabalhos que contribuam para a difusão das finalidades desta mais que centenária instituição. Todos os textos são apreciados pelos membros do Conselho Editorial antes de sua publicação. As matérias assinadas são de inteira responsabilidade dos autores.

A Academia Fluminense de Letras agradece a todos os(as) acadêmicos(as) que ajudaram e ajudam a manter e divulgar suas finalidades, desde a fundação desta Casa de Amor à Cultura, Guardiã da Memória e da História.



REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Diretor de Redação

Flávio Chame Barreto

Comissão de Redação

Alba Helena Corrêa

Alcir Vicente Visela Chácar

Célio Erthal Rocha

Cleber Francisco Alves

Eduardo Antonio Klausner

Eneida Fortuna Barros

José Mauro Haddad

Jota Carino

Márcia Maria Jesus Pessanha

Maria do Carmo Soares Cordeiro

Matilde Carone Slaibi Conti

Neide Barros Rego

Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

Wainer da Silveira e Silva

Waldenir de Bragança

Revisão

Christiane Braga Victer

Projeto Gráfico

Cleide Villela Abib

Foto da Capa

Antônio Machado

Igreja de São Lourenço dos Índios

Créditos Editoriais

Christiane Braga Victer

Cleide Villela Abib

Publicação novembro/2020

O conteúdo completo da Revista está disponível no site
www.academiafluminensedeletras.com.br/revistafluminensedeletras

Seu conteúdo é de propriedade exclusiva da Academia, não podendo ser reproduzido de nenhuma forma, em parte ou totalmente, sem autorização prévia por escrito da diretoria da instituição.

Distribuição gratuita / esta publicação não pode ser vendida ou comercializada

A Revista digital da Academia Fluminense de Letras tem a parceria da Secretaria de Cultura de Niterói, de acordo com o estabelecido no Termo de Fomento celebrado entre as duas instituições.



SUMÁRIO

Dia Nacional da Cultura e da Língua Portuguesa 7
Waldenir de Bragança

Salve Niterói – 447 Anos 8
Waldenir de Bragança

Niterói: Saudades do Futuro 10
Marco Lucchesi

Mensagem da Universidade Federal Fluminense 11
Antonio Cláudio Lucas da Nóbrega

Agradecimentos 12

MEMÓRIA

Acácia Brazil de Mello 14
Comissão de Redação
(colaboração Waldenir de Bragança)

Affonso Gonçalves dos Reis 18
José Bernardo de Souza

Alberto de Oliveira 20
Waldeck Carneiro da Silva

Altino Pires 21
Alba Helena Corrêa

Carlos Chagas 23
Luiz Augusto Freitas Pinheiro

Castro Menezes 25
João Batista Thomaz

Duque de Caxias 27
Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

Durval Pereira 30
Aidyl de Carvalho Preis

Emílio Carmo 31
Matilde Carone Slaibi Conti

Ezequiel Freire 33
Comissão de Redação
(colaboração Erthal Rocha)

Fagundes Varela 34
Luiz Carlos Lessa

Feliciano Sodré 36
Comissão de Redação
(colaboração Eneida Fortuna Barros)

Guilherme Briggs 38
Comissão de Redação
(colaboração Eneida Fortuna Barros)

Hipólito da Costa 39
Mário de Sousa

Israel Pedrosa 40
Robert Preis

Leir Moraes 41
Maria do Carmo Soares Cordeiro

Lúcio de Mendonça 43
Sávio Soares de Souza

Marcolino Candau 44
Comissão de Redação
(colaboração Waldenir de Bragança)

Nina Rita Torres 47
Comissão de Redação
(colaboração Waldenir de Bragança)

Pedro II (Parte 3/3) 48
Wainer da Silveira e Silva

Saldanha da Gama 50
Luiz Carlos de Albuquerque Santos

Sylvio Vianna 51
Comissão de Redação
(colaboração Waldenir de Bragança)

Visconde de Araguaia 53
Comissão de Redação
(colaboração Eneida Fortuna Barros)

Vital Brazil 55
Antônio Joaquim Werneck de Castro

TEMPLO DA PALAVRA

Galope 59
Marly Prates

Definitivamente 59
Neide Barros Rêgo

Fonte de Luz 60
Sara Rifer

A Volta à Escola na Pandemia 61
Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

Informações Falsas - "Fake News" - Não compartilhe antes de verificar a veracidade: a responsabilidade está em suas mãos 62
Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

Memórias Que Foram Tombadas junto com o leilão do Edifício Rádio Nacional 64
Alcir Chácar

O Segredo do Magistério Consciente 66
Luiz Felizardo Barroso

O médico e o idealismo 67
João Batista Thomaz

NITERÓI INSPIRAÇÃO POÉTICA

Herói 70
Leda Mendes Jorge

Louvor a Niterói (2) 70

Alba Helena Corrêa

Niterói 71

Raul de Oliveira Rodrigues

Pedra do Índio 71

Neide Barros Rêgo

Vila Real da Praia Grande 72

Nilo Neves

NITERÓI HISTÓRIA E ATUALIDADE

O Brasão de Niterói 74

Waldenir de Bragança

48º Jogos Florais de Niterói 75

Comissão de Redação

Joaquim Heleodoro III – Um Elo entre Niterói e

Petrópolis 77

Cleber Francisco Alves

Colégio Brasil 79

Waldenir de Bragança

Hino do Colégio Brasil 79

Colaboração Gracinha Rêgo

FALERJ

FALERJ 81

Comissão de Redação

Academia Campista de Letras: 81 Anos de
História 81

*Hélio de Freitas Coelho e Vanda Terezinha
Vasconcelos*

Ignacio de Moura: primeiro presidente da
Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia 84

Vanda Terezinha Vasconcelos

Carta de Vassouras 86

NOMINATA

Classe de Letras 89

Classe de Belas Artes 91

Classe de Ciências 92

Classe de Ciências Sociais 92

Membros Honorários 93

DIA NACIONAL DA CULTURA E DA LÍNGUA PORTUGUESA



WALDENIR DE BRAGANÇA

Presidente da Academia Fluminense de Letras
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29

Vamos comemorar de forma muito especial o 5 de novembro, Dia Nacional da Cultura e da Língua Portuguesa, convidando para uma análise e reflexão sobre a situação de nosso idioma na atualidade.

Sabemos que o Português é nossa língua oficial (Art. 13 da Constituição Federal de 1988), e nela mora e vive nossa identidade. Ela é nosso patrimônio, caracteriza a unidade nacional, é instrumento de coesão entre os cidadãos, encontrando-se presente em todo o território brasileiro. Mais do que o simples falar, o idioma é um simbolismo nacional.

Aqui queremos fazer um chamamento, uma convocação em defesa da Língua Portuguesa. É legítima a preocupação. Temos compromisso com a preservação do nosso idioma, somos responsáveis por ele – tendo a Academia a função de guardiã do idioma nacional, é nossa missão a sua defesa e valorização.

Verificamos que, em face da globalização e do avanço tecnológico, o Português está sofrendo uma gigantesca onda que o corrói e enfraquece, sendo substituído com palavras e expressões estrangeiras, que vêm se expandindo, envolvendo até aqueles que têm compromisso em preservar nossa linguagem.

Estamos vivendo em um mundo novo,

com recursos tecnológicos que são importantes e valiosos, e necessitam, naturalmente, ser utilizados. Em face, principalmente, da pandemia, que distanciou pessoas, o uso dessas ferramentas tem a importante função de nos aproximar; mas o que vem ocorrendo é que esse uso da tecnologia tem provocado transformações, inclusive na postura relacionada à linguagem nacional. Nessa conjuntura de globalização, necessitamos nos adaptar, evoluir, mas sem desvalorizar o que nos compete preservar. Se temos em nosso idioma palavras para definir o que desejamos expressar, por que o substituir por palavras em outras línguas?

O uso de expressões estrangeiras está se generalizando de forma visível, enfraquecendo o sentimento de respeito ao valor fundamental da Língua Portuguesa. Verifica-se que até atos e documentos oficiais estão sendo publicados sem obedecer ao vernáculo, o que caracteriza desrespeito à Constituição. Esses atos exigem que sejam publicados de forma a alcançar e serem entendidos por toda a comunidade brasileira, e não só por alguns que conhecem o idioma estrangeiro.

Isso está conduzindo a um novo hábito do falar, como se não tivesse consequências danosas, como se não fôssemos cúmplices de uma corrosão do idioma nacional, que nós, ao assumirmos a condição de Acadêmicos, ficamos comprometidos em preservar. É preciso haver, com urgência, uma conscientização do que está ocorrendo, sobretudo dos membros de Academias de Letras e outras organizações culturais congêneres. É importante ressaltar que, lá fora, a UNESCO criou o Dia Mundial da Língua Portuguesa (5 de maio) para dar relevância ao nosso idioma; é de esperar-se que o Brasil, onde se encontra o maior número de falantes do idioma no mundo, promova um maior esforço para engrandecê-lo.

Aí se encontra o desafio que nos pertence, que somos convocados a enfrentar, com esperança, como guerreiros defensores de nosso sagrado idioma, que merece, confia e espera ser valorizado.

*"Um povo só começa a perder a sua
independência, a sua existência
autônoma, quando começa a perder
o amor do idioma natal."*

Olavo Bilac

SALVE NITERÓI

447 ANOS

WALDENIR DE BRAGANÇA

Presidente da Academia Fluminense de Letras
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29

A mais que centenária Academia Fluminense de Letras, que é Academia de Letras oficial do Estado do Rio de Janeiro, tem sede nessa cidade, que está comemorando 447 anos de preciosa história. Começando como a Aldeia de São Lourenço dos Índios fundada pelo herói Arariboia; passando a Vila Real da Praia Grande; chegando a Nictheroy, capital da Província do Rio de Janeiro, Cidade Imperial por decreto de D. Pedro II; e Niterói, ex-capital do Estado do Rio de Janeiro.

Cidade múltipla, de cenário abençoado cheio de belezas naturais e arquitetônicas; rico patrimônio histórico, a começar pela Igreja de São Lourenço dos Índios, local da apresentação da 1ª peça teatral no Brasil, o *Auto de São Lourenço*, em versos de Anchieta; museus com preciosos acervos (como o Museu Antônio Parreiras); o Teatro Municipal (de 1842, o 1º no País a apresentar uma peça genuinamente brasileira); parques (como o Campo de São Bento, o Horto Botânico, o Parque da Cidade); fortes (como a Fortaleza de Santa Cruz); obras eclesiásticas como o mais que centenário monumento a Nossa Senhora Auxiliadora (1900); o conjunto da Praça da República – que inclui a Câmara Municipal (antiga Assembleia Legislativa); o Tribunal de Justiça; a sede da nossa Academia Fluminense de Letras e da Biblioteca Pública; o prédio do Liceu Nilo Peçanha; entre tantos outros tesouros...

Niterói cidade cultural, berço das artes e de talentos que se destacam no Brasil e no mundo, sede de várias entidades relevantes – além da própria AFL, o Cenáculo Fluminense de História e Letras, Academia Niteroiense de Letras, a Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, a Associação Niteroiense de Escritores, a União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói, o Elos Clube da Comunidade Lusíada, o Centro Cultural Maria Sabina, entre muitas outras.

Sede ainda da Imprensa Oficial do Estado do Rio, de *O Fluminense* (o mais antigo jornal do Estado do Rio e um dos mais antigos do país), de *A Tribuna* e diversos jornais alternativos, refletindo

a elevada estrutura de comunicação na cidade.

Niterói cidade universitária, sede da primeira Escola Normal das Américas (atualmente Instituto de Educação Ismael Coutinho); dos centenários Liceu Nilo Peçanha, Conservatório de Música, Colégio Salesiano Santa Rosa e Faculdade de Direito; da primeira universidade federal do antigo Estado do Rio de Janeiro (Universidade Federal Fluminense); além de outras universidades (como as Faculdades Maria Thereza, UniLaSalle, Universo, Estácio de Sá, Cândido Mendes) e outras instituições educacionais.

Niterói cidade de ciência e progresso, sede do também mais que centenário Instituto Vital Brazil, centro de pesquisas internacionalmente conhecido, e do Hospital Universitário Antônio Pedro, além de extensa rede assistencial médico-hospitalar; a pioneira na construção naval (Estaleiro Mauá), possuidora de elevado índice de desenvolvimento, com expressiva parcela de população idosa.

Uma das cidades mais alfabetizadas do Brasil, com diversos colégios de renome, públicos e particulares – Aurelino Leal, Henrique Lage, São Vicente, Plínio Leite, Salesiano Santa Rosa, Assunção, Instituto Gay Lussac, Instituto Abel, Nossa Senhora das Mercês, Raul Vidal... líder também no escotismo desde 1917, com vários grupos escoteiros em atividade.

Niterói celeiro de atletas, inclusive campeões olímpicos, sede de agremiações esportivas como o Grupo de Regatas Gragoatá e o Clube de Regatas Icaraí, fundados em 1895, e o Rio Cricket, de 1897; o Clube Central, o Canto do Rio, late Clubes – além dos vários clubes sociais e recreativos, premiadas escolas de samba.

Niterói de várias entidades filantrópicas assistenciais relevantes, como o antigo Asilo Santa Leopoldina, hoje Irmandade São Vicente de Paulo, a Associação Fluminense de Amparo ao Cego, a Sociedade Pestalozzi, a Associação Fluminense de Reabilitação, a APAE, a APADA, a Casa Maria de Magdala, além de clubes de serviços e ainda mais...

Niterói Cidade-Sorriso, de alma acolhedora dos que para aqui vieram de outras cidades, estados e até países, e se integraram para ajudar a construir seu progresso. Quanto mais teria a citar, se não fossem as restrições de espaço...

Parabéns Niterói, pelos seus 447 anos de significativa e brilhante trajetória que orgulha a todos os niteroienses – os de nascimento e os de coração.

*Busto de Arariboia localizado em frente
à Igreja de São Lourenço dos Índios
Foto: Acadêmico Antônio Machado*



NITERÓI: SAUDADES DO FUTURO



MARCO LUCCHESI

Presidente da Academia Brasileira de Letras
Acadêmico Titular da Cadeira nº 41 da
Academia Fluminense de Letras

Sou carioca e vim para Niterói com oito anos de idade. E como não existe país maior que a infância, Niterói me capturou desde cedo, tornando-se, com o passar do tempo, um excessivo amor, uma quase obsessão, que começou pelo fascínio da baía da Guanabara.

"Ingá", "Flechas", "Icaraí", "Visconde do Rio Branco". Nomes que soam como os de um tempo mítico, as velhas barcas Rio-Niterói, como se formassem uma silenciosa melodia: "Flechas", "Icaraí", "Paquetá". Sinais de chegar e partir. Eu tomava a barca de Icaraí para Santa Rosa.

Porque houve, sim, uma barca: atrevida, senão tímida, ou desvairada, que atracava todos os dias no porto dos Salesianos. Fui vela, timão e passageiro dessa barca imaterial. Zarpava da Comendador Queiroz, às seis da manhã. Seguia pela Mariz e Barros, cortando as ruas sonolentas. As janelas bocejavam e as casas adquiriam enredos inventados. Percorria aquele espaço-tempo como quem nada numa torrente de esperanças.

Eu via a Notre Dame, de Victor Hugo, nas formas neogóticas de Nossa Senhora Auxiliadora.

Imaginando personagens. E quem chegava era padre Marcelo, com Bach e César Frank. E de repente, a Fuga em Ré Menor desatava um grande temporal. Aquele não era um padre, mas uma condição meteorológica.

Meus patins corriam pelo Campo de São Bento. E passeios nas praias de Adão e Eva. Tardes brasileiras, que se deitavam preguiçosas, nos romances de Alencar, Macedo e Machado. Como eram belas, manchadas de azul, aquelas tardes!

Nem me faltava a alameda Carolina, espécie de refúgio secreto, onde eu me perdia, em passeios e leituras, assim como na boca da ilha de Boa Viagem, de beleza outrora esquecida, com sua ponte frágil. Pensava nas caravelas de Portugal. Nas moedas preciosas sob as areias da praia. Niterói me pertencia de direito e de fato. As ilhas e dobrões que até hoje me escapam.

Como bom niteroiense, tornei-me arqueólogo de uma paisagem devastada, preso aos vestígios, às ruínas deixadas pela selvagem especulação imobiliária, para recompor meus fragmentos, minha infância e a memória da cidade. Invicta, mas nem tanto, porque lotearam boa parte do céu, com o cipoal de edifícios, devastaram as dunas de Itaipu e aterraram sua lagoa, ferindo a beleza primitiva das praias oceânicas. E como perdoar as mortes no Morro do Bumba?

Tenho saudades do futuro: uma Niterói praticamente sem carros, boa parte da qual reflorestada, com barcas saindo de muitas partes da baía, sem violência, como se fosse uma pequena república democrática.

O Globo, 24/07/2015



MENSAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE



ANTONIO CLÁUDIO LUCAS DA NÓBREGA
Magnífico Reitor da
Universidade Federal Fluminense

Liberdade. Livre. Livro. Letras. A etimologia da palavra “livro” não me autoriza essa associação sequencial, mas como a liberdade com responsabilidade deve ser aceita e estimulada, uma vez que é a base da coexistência democrática, me permitam, pois é tentador: o livro liberta. O ato de “ler”, com origem em colher, recolher, escolher, nos liberta da miséria humana, nos liberta para conhecer, discordar, construir, desafiar. Portanto, nos liberta de termos que acreditar no que nos dizem. Livros e liberdade unem a Academia Fluminense de Letras (AFL) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), enquanto que o Estado do Rio de Janeiro nos identifica a ambos como fluminenses (flumine + ense), “naturais do rio”. Esta simbiose potencializa nossas missões institucionais e nos alegra a festejarmos juntos o Dia Nacional da Cultura e da Língua Portuguesa no ano que a UFF completa 60 anos.

Muito embora contemos com Escolas centenárias, a UFF foi



constituída em 1960 quando Niterói ainda era a capital do Estado. Após muitos desafios, expansão, crescimento e qualificação, hoje a UFF celebra a convicção de que vem cumprindo com vigor sua missão de contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país produzindo e compartilhando conhecimento, ciência, tecnologia, arte e cultura. Somos hoje dentre todas as universidades federais, a que abriga o maior número de estudantes segundo o MEC; figuramos entre as 20 primeiras federais em todos os rankings e possuímos unidades acadêmicas em todas as mesorregiões do nosso estado, movimentando a economia local e regional e formando profissionais-cidadãos éticos e de alto nível, ativos na transformação positiva da sociedade.

Os desafios seguem enormes, ataques constantes, calúnias frequentes. Tudo isso nos indigna, mas também nos fortalece na certeza de que alto nível acadêmico combina sim com inclusão social. A UFF é prova disso. Diversidade é riqueza sim. A UFF é prova disso. Com letras, palavras, frases, textos e cultura seguimos nosso caminho de construirmos juntos uma sociedade solidária com base na educação, ciência e tecnologia para o bem comum. Viva a Cultura, viva a AFL, viva a UFF!

*Reitoria da Universidade Federal Fluminense
Fonte: (Ironquedes 2017)*



AGRADECIMENTOS

A Comissão de Redação da Revista da Academia Fluminense de Letras agradece ao Colégio Salesiano Santa Rosa por autorizar o uso de imagens disponíveis em seu sítio de internet e ao Conservatório de Música de Niterói por autorizar o acesso para fotografias.

Da mesma forma, agradece pela especial colaboração de:

- Acadêmica Eneida Fortuna Barros (Classe de Letras), nos artigos sobre a memória dos Patronos Feliciano Sodré, Guilherme Briggs e Visconde de Araguaia;

- Acadêmico Erthal Rocha (Classe de Letras), no artigo sobre a memória do Patrono

Ezequiel Freire;

- Acadêmico Antônio Machado (Classe de Belas Artes), cedendo fotos de sua autoria para abrilhantar mais este número de nossa Revista;

- Senhora Marly Oliveira Vianna e Professor Jorge Mário Barcellos, no artigo sobre a memória do Patrono Sylvio Vianna;

- Pesquisador Érico Vital Brazil, no artigo sobre a memória do Patrono Vital Brazil;

- Jornalista Gilson Monteiro, no artigo sobre a memória da Patrona Nina Rita Torres;

- Professora Denise Taraciuk, do Arquivo Histórico do Colégio Salesiano Santa Rosa, no artigo sobre a memória do Patrono Affonso Gonçalves Reis;

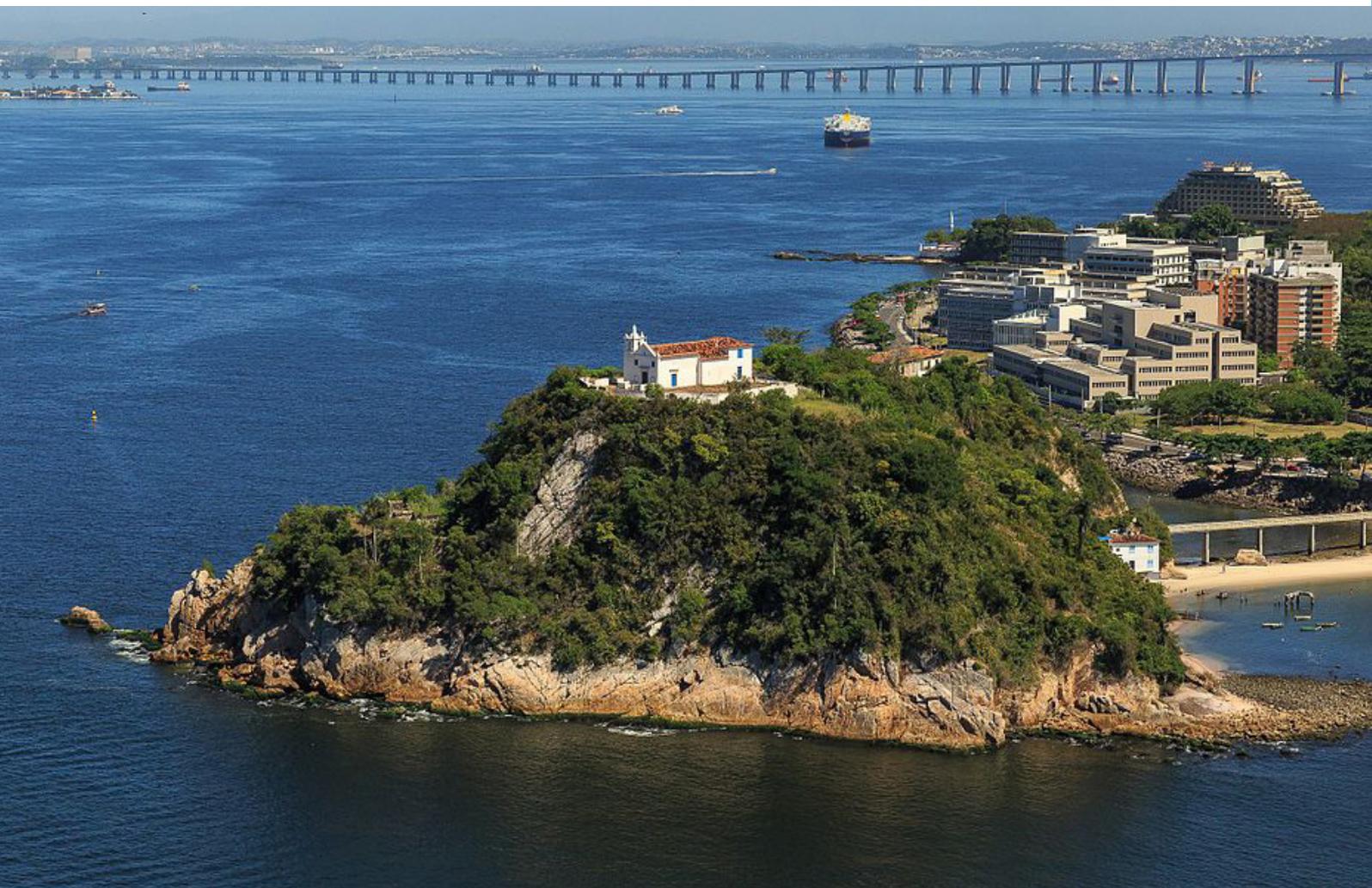
- Professor Joaquim Eloy Duarte dos Santos, no artigo sobre Joaquim Heleodoro III.



Ilha da Boa Viagem

Foto: Diego Bavarelli (Wikipedia)

No ponto mais alto vê-se a Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem, erguida no século XVIII. A Ilha da Boa Viagem já esteve sob responsabilidade da Marinha e da Sociedade Protetora dos Homens do Mar; em 1937 foi entregue à Federação dos Escoteiros do Mar, sendo hoje administrada pelo grupo Gaviões do Mar. A ponte que liga a ilha ao continente foi construída na década de 1970.



MEMÓRIA



ACÁCIA BRAZIL DE MELLO 1921-2008

Patrona da Cadeira nº 1
Classe de Belas Artes

WALDENIR DE BRAGANÇA
Comissão de Redação

A ilustre musicista Acácia Brazil de Mello nasceu em Niterói, em 24 de maio de 1921, filha de Dinah Carneiro Vianna e Vital Brazil Mineiro da Campanha – o renomado médico e cientista, fundador do Instituto que leva o seu nome.

Vocacionada para a música, desde os 9 anos começou a estudar e tocar harpa, instrumento que seu pai muito admirava, tendo como professora a harpista espanhola Lea Bach. Aos 10 anos, em 23 de agosto de 1931, fez sua apresentação de estreia no Teatro Cassino, no Rio de Janeiro, acompanhando a professora.

Em 1939 formou-se pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, onde mais tarde trabalhou como professora, assim como no Conservatório de Música de Niterói. No mesmo ano, casou-se com o advogado Ernesto Imbassahy de Mello, com quem teve três filhos, Lívia, Raul e Luiz Ernesto.

No campo da Educação Musical foi uma das principais influenciadoras na formação de gerações de harpistas brasileiros. Era impregnada de alma musical e dotada de admirável poder de liderança, que soube utilizar para criar o 1º Centro de Harpa do Brasil, para ensinar e preparar bons harpistas.

A sua longa carreira confunde-se com a própria história da harpa em nosso país. Segundo ela, desde que nasceu foi “destinada a tocar

harpa”. Dona de incrível sonoridade, talento e sensibilidade invulgar, Acácia Brazil de Mello destacou-se como solista, solista com orquestra e camerista.

Foi 1ª Harpista da Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC e da Orquestra Sinfônica Brasileira, fundou e participou dos Duos: A Camerata – com a flautista Odette Ernest Dias; Flaut Harpa – com o flautista Lenir Siqueira; Grandjany – com a harpista Wanda Eichbauer. Fundou e participou do Quarteto de Harpas com as harpistas Elza Marins, Maria Célia Machado e Wanda Eichbauer, fundou e dirigiu o Trio Acácia Brazil, formado por suas alunas Tatiana e Suzana Sánchez e Cristiane Simões.

Entre 1976 e 1977 acompanhou o marido, então na presidência de Rotary International, em visitas a diversos países ao redor do mundo; pelas dezenas de cidades por onde passava o presidente Ernesto Imbassahy de Mello, levando seu lema “Dignificar o Ser Humano”, a talentosa Acácia se apresentava, brindando a todos com sua arte musical, projetando ainda mais a cidade de Niterói, o Estado do Rio de Janeiro e o Brasil. Foi, ainda, a 1ª presidente da Casa da Amizade de Rotarianas e Senhoras de Rotarianos de Niterói.

Apresentou-se como camerista, recitalista e conferencista na Europa, Ásia, EUA, Brasil e América do Sul. Foi membro da American Harp Society, EUA; da Corporation of World Harp Congress, EUA; da Sociedad Ludovico, Espanha, assim como de outras sociedades internacionais de harpa. Em 1977, fundou no Brasil a Seção Rio de Janeiro, a primeira do país, da American Harp Society, da qual foi presidente por dois períodos: o primeiro, de quatro anos, e o segundo, de seis anos.



*Pintura do retrato da harpista Acácia Brazil de Mello (1921-2008), localizado na Sala da Congregação na Escola de Música UFRJ
Autoria: Augusto Bracet (1881-1960)*



Foi um concerto brilhante o que a notável harpista catalã, sra. Léa Bach, realizou, há dias, no teatro Casino. Oito harpas, com lavôres góticos, encheram de harmonia e reflexos dourados esses minutos de beleza, que deram aos assistentes do recital a ilusão da Idade Média. No concerto, brilharam, ao lado de Léa Bach, as senhoras Zuleika Bittencourt Sampaio e Diva Mendes, as senhoritas Jacy Lobato, Lavinia Guimarães Natal, Sonia Llobera e Anna Martins e as meninas Accacia Brasil e Nini Bittencourt Sampaio, lindas castellâzinhas de mãos leves como azas, que se revelaram dois talentos indiscutíveis na execução do instrumento de Erard e dos Cousineau.

Reportagem da Revista Fon Fon
Fonte: A Harpa Nordestina

Foi Professora Titular do Curso de Harpa da Escola de Música da UFRJ; foi professora do CIVEBRA em 1979 e 1980 em Brasília e professora de harpa da Escola de Música da UFMG.

Participou da quinta e da sexta edições do Concurso Internacional de Harpa de Israel como membro do Júri; participou ainda diversas vezes do Congresso Mundial de Harpa, realizados na Holanda, em Israel, na Dinamarca e na Áustria; tomou parte na Harp Week em 1980 e 1981, realizada na Holanda; participou como harpista convidada do 1º Concurso de Composición Rochas del Arpa, realizado no Paraguai; organizou e coordenou o 1º Concurso de Interpretação de Harpa realizado pela American Harp Society, Brasil, Seção Rio de Janeiro.

Publicou os trabalhos: *A Harpa na Orquestra; Origem da Música Brasileira e Uma Música Nascida de Vozes da Floresta*. Gravou o primeiro CD de harpa solo do Brasil. Foi eleita Membro Honorário da Academia Brasileira de Música em 1998. Formou o conjunto Harpistas do Rio com Cristina Braga, Sílvia Passaroto e Wanda Eichbauer.

A Patrona da Cadeira nº 1 da Classe de Belas Artes desta Academia se tornou uma personalidade querida e admirada internacionalmente, com larga experiência e grandiosa história de vida. Tive o privilégio de conhecer e sentir sua extrema generosidade, a forma simples e solidária de ofertar seus talentos. Estivemos juntos em diversos momentos e recebi

seus gestos de bela amizade. Veio várias vezes à Universidade Aberta da Terceira Idade de Niterói / UNIVERTI, na Faculdade de Direito da UFF, trazendo sua harpa em seu carro, para abrihantar encontros para as pessoas idosas.

Acácia Brazil de Mello faleceu no dia 28 de outubro de 2008, aos 87 anos, sendo sepultada no Cemitério de São Francisco, em Niterói, ao lado do marido.

A 1ª ocupante da Cadeira nº 1 da Classe de Belas Artes foi a Acadêmica Dalka Lima Coutinho de Azevedo, falecida em fevereiro de 2020.

Referências:

ACKER, Felipe. **Acácia Brazil**: Harpa. 1 fotografia. 1998. 1 CD.



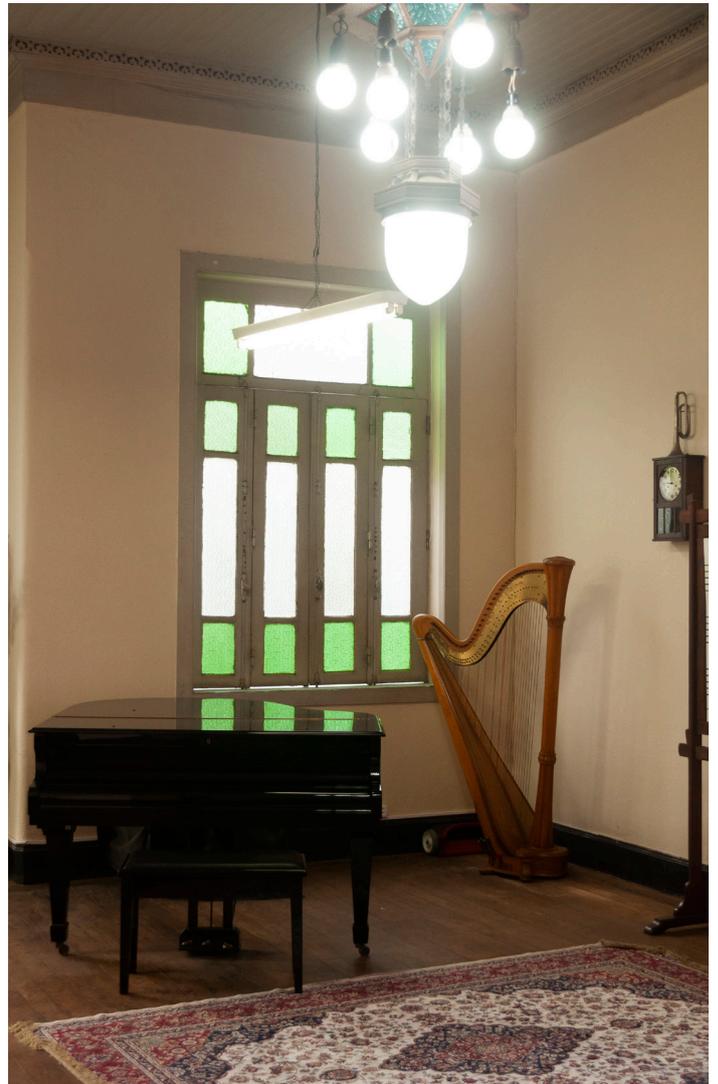
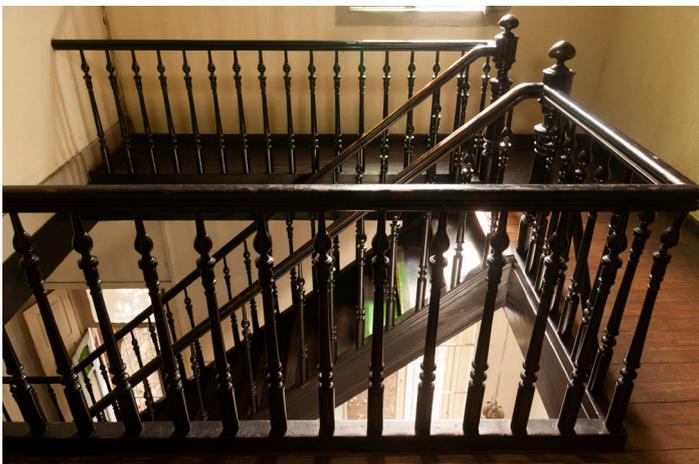
WALDENIR DE BRAGANÇA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras, a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Academia Brasileira Rotária de Letras. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados*; das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas*, *O direito do idoso e a realidade*, *O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social*. Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).

Conservatório de Música de Niterói
Foto: Acadêmico Antônio Machado





Sala de Música e escadaria do Conservatório de Música de Niterói
Foto: Acadêmico Antônio Machado



AFFONSO GONÇALVES DOS REIS 1916-2011

Patrono da Cadeira nº 2
Classe de Belas Artes

JOSÉ BERNARDO DE SOUZA

Nascido em Ponte Nova / MG, em 13 de agosto de 1916, Affonso Gonçalves dos Reis foi um religioso, professor, músico e maestro que por mais de 60 anos dedicou-se à formação musical dos jovens como regente da Banda do Colégio Salesiano Santa Rosa.

O Mestre Affonso, como era mais conhecido, iniciou-se na atividade musical ainda na infância, em uma orquestra familiar, aprendendo a tocar saxofone alto e bombardino.

Estudou nos Colégios Salesianos de Ponte Nova / MG, e de Campinas / SP, onde participou das bandas estudantis, tocando bombardino e trompete e chegando a contramestre. Mais tarde, tornou-se regente titular da banda de São Carlos do Pinhal / SP e, a seguir, da banda do Colégio Salesiano de Lorena / SP.

Em 1941, assumiu a direção da Banda de Música da Escola Agrícola de Lorena, período em que estudou Harmonia com J. Geraldo de Souza e Flauta com L. Perteneli. Ao mesmo tempo, dedicava-se ao estudo da Teologia. Compromissado a contribuir para a formação dos jovens como "bons cristãos e cidadãos honestos", ingressou no apostolado da obra de Dom Bosco em Campinas, SP; em 1947, fez a profissão perpétua.

Transferido para Niterói em 1948,

tornou-se regente da Banda do Colégio Salesiano Santa Rosa. Deu continuidade aos estudos no Conservatório de Música de Niterói com os professores Darcy March e Flávia Chapot Prevost, e fez o curso de formação de professores no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, tendo como mestres luminares como Andrade Muricy, Iberê Gomes Grosso, Julieta Strut, Brasília Itiberê, Vieira Brandão e José Paulo da Silva.

Sob sua regência a Banda Sinfônica do Colégio Salesiano Santa Rosa gravou sete discos, conquistou diversos prêmios, alcançando fama internacional, e foi reconhecida com os títulos de Patrimônio Cultural Fluminense, concedido pela Secretaria de Estado e Cultura, e de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Natureza Imaterial do Município de Niterói.

Foi campeã internacional no II Festival de Música da Juventude em Zurique, Suíça, em 1992, competindo com bandas da África do Sul, Canadá, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Noruega, Polônia, Romênia, Rússia, Tchecoslováquia e Suíça. Sagrada vencedora, a banda participou de apresentações, gravações e desfiles pela cidade de Zurich, mostrando a música brasileira. Apresentou-se ainda na Tonhalle, uma das mais célebres casas de ópera daquele país.

O Mestre Affonso ensinou e influenciou inúmeros músicos que integraram e integram bandas civis e militares, orquestras sinfônicas e populares nacionais e internacionais. Entre vários talentos brasileiros que iniciaram os estudos sob sua batuta se encontram: Alexandre Romanazzi (flautista); Cristiano Alves (clarinetista), Delton Martins Braga (trompetista); Júlio São Paio (guitarrista, flautista, compositor); Ivan Mendes (fundador do grupo de Choro Unha de Gato); Gilberto Fraga Portilho (clarinetista, fundador do

*Maestro Affonso com a Banda do Colégio Salesianos
Fonte: Arquivo Histórico do Colégio Salesianos*



Ensemble de Clarinetas Jayoleno dos Santos).

A amizade pessoal com Joaquim Naegele e J. Nascimento rendeu aos três maestros oportunidade de precioso intercâmbio de experiências sobre o trabalho com bandas de músicas. Após seu falecimento, a família do maestro Naegele doou todo o seu acervo musical ao mestre Affonso.

Mestre Affonso possuía, ainda, formação em Agronomia (Campinas), e Educação Física (Universidade de Goiânia, SP), tendo exercido, por mais de 20 anos, a função de professor de Ginástica no Colégio Salesiano Santa Rosa.

Foi homenageado com a Medalha Tiradentes (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro), o Título de Cidadão Niteroiense, o Prêmio Cultural J. Bezerra de Meneses, O Troféu "O Semeador" (Lyons Club de Niterói) – além dos vários prêmios de Melhor Regente em concursos musicais.

Autoproclamado "niteroiense de coração", Mestre Affonso manteve ainda laços com a terra natal, sendo incentivador das bandas de música também em Minas Gerais. Através da amizade pessoal com o Maestro Juquita, contribuiu para a formação do acervo da Corporação Musical União 7 de Setembro, de Ponte Nova, do qual grande parte foi doada pelo Colégio Salesiano

Santa Rosa. Em diversas ocasiões levou sua banda para apresentar-se em Ponte Nova.

Em 6 de dezembro de 1998, durante homenagem pelos 50 anos do Mestre Affonso à frente da Banda do Colégio Salesiano Santa Rosa, foi recitado o poema *Na Direção dos Cinquenta*, do trovador Valter Augusto Guimarães Rosa, do qual transcrevo o trecho a seguir:

(...)

*E agora aqui chegaste nesta etapa da viagem
recebe nossa homenagem pelo tanto que fizeste
pelos músicos que deste à música de presente.*

*Em nome de tanta gente que acompanhou
a tua luta que seguiu tua batuta, que bebeu teus
conselhos, nós aqui te agradecemos do jeito que
assim sabemos: abrindo as alas em par para o
Maestro passar pedindo bênçãos e paz, pedindo
saúde e luz*

*àquele que em Sua cruz há de atender aos
apelos que fazemos em teu nome.*

*Sê feliz que mais mereces, leva o amor em
nossas preces, no caminho que traçaste na direção
dos cinqüenta.*

*Obrigado por tudo, Maestro Affonso
Gonçalves dos Reis.*

*Maestro Affonso com a Banda do Colégio Salesianos
Fonte: Arquivo Histórico do Colégio Salesianos*



Convivi, admirei e respeitei muito Mestre Affonso. Juntos viajamos pelo Estado do Rio e por outros estados brasileiros. Onde o mestre chegava era alvo de homenagens e manifestações de apreço. Com ele muito aprendi, buscando absorver parte de sua profunda sabedoria. Conteí, ainda, com sua preciosa colaboração quando exerci a presidência da Federação das Bandas de Música Cívica do Estado do Rio de Janeiro.

Cumprindo a elevada missão de educador, o Mestre Affonso foi, acima de tudo, exemplo de vida, ensinando, para além da música, dedicação, respeito, empenho, disciplina e responsabilidade. Faleceu no dia 8 de outubro de 2011, aos 95 anos, no Hospital Santa Martha, em Niterói, deixando enlutada uma legião de amigos e admiradores.

Referências:

AFFONSO Reis. **Portal Ponte Nova Online**. Disponível em: <<http://www.pontenova.com.br/affonso/affonso.html>>. Acesso em 12 set. 2020.

HIGINO, Elizete. **Um Século de Tradição**: A Banda de Música do Colégio Salesiano Santa Rosa (1888-1988). Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2094/CPDOC2006ElizeteHigino.pdf>>. Acesso em 12 set. 2020.

MAESTRO é homenageado por bandas no Campo de São Bento. **Portal da Prefeitura de Niterói**. Disponível em: <http://www.niteroi.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1317:maestro-e-homenageado-por-bandas-no-campo-de-sao-bento>. Acesso em 12 set. 2020.

MESTRE Affonso. Homenagem ao centenário de nascimento do maestro, professor, irmão salesiano e Cidadão Niteroiense. **Portal do Colégio Salesiano Santa Rosa**, 2016. Disponível em: <<http://portal.salesianoniteroi.com.br/SR/materia.php?id=473&segmento=6#secao&gsc.tab=0>>. Acesso em 12 set. 2020.

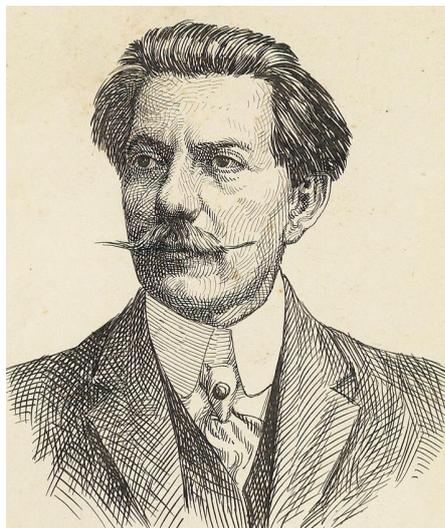


JOSÉ BERNARDO DE SOUZA

Acadêmico Titular da Cadeira nº 2
Classe de Belas Artes

Formação e especialização em Música pelo Corpo de Fuzileiros Navais. Formado em Conhecimentos Musicais pelo Instituto Villa-Lobos. Bacharel em Regência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Escola Técnica

Henrique Lage, cuja banda musical dirigiu de 1981 a 2005. Fundou a Banda Musical Santa Cecília de Niterói (1984). Regeu a Banda da Prefeitura Municipal de Niterói até 2015. Fundou a Banda Musical Souza Marques, no Rio de Janeiro, que regeu de 1976-2016. Gravou em CDs *A Festa do Divino de Angra dos Reis* e apresentação musical no Teatro da Universidade Federal Fluminense.



ALBERTO DE OLIVEIRA 1857-1937

Patrono da Cadeira nº 2
Classe de Letras

WALDECK CARNEIRO

Antônio Mariano Alberto de Oliveira nasceu em 28 de abril de 1857, em Saquarema,

Estado do Rio de Janeiro. Seus pais, José Mariano de Oliveira e Ana Ribeiro de Mendonça, tiveram dezesseis filhos, sendo ele o quarto. Foi casado com a viúva Maria da Glória Rebelo Moreira e, dessa união, nasceu o filho Artur.

No início de carreira, em 1873, trabalhou como Guarda-Livros em Itaboraí. Em 1844, diplomou-se em Farmácia e se formou para o exercício do Magistério. Exerceu a profissão de farmacêutico e ingressou na Faculdade de Medicina, mas abandonou o curso no 3º ano. Foi Professor de Língua Portuguesa e de Literatura na Escola Normal e na Escola Dramática, dirigida por Coelho Neto, no Rio de Janeiro. Colaborou em vários jornais: *A Gazeta*, *Diário do Rio de Janeiro*; *A Semana*; *Correio da Manhã*; *Tribuna de Petrópolis*, *Diário do Rio de Janeiro*, entre outros.

No presente texto, nosso foco é o Alberto de Oliveira escritor, “o príncipe dos poetas brasileiros”, líder do parnasianismo no Brasil, membro da tríade parnasiana com Olavo Bilac e Raimundo Correia. Estreou com o livro *Canções Românticas*, mas depois seguiu o estilo parnasiano. A esse respeito, Machado de Assis

publicou o artigo *A Nova Geração, sobre poetas anti-românticos, entre eles Alberto de Oliveira*. Além de Machado de Assis, Alberto de Oliveira tornou-se amigo de Ferreira de Araújo, diretor da *Gazeta de Notícias*, e dos escritores já citados Raimundo Correia e Olavo Bilac. Em 1892, foi nomeado oficial de gabinete do Presidente José Thomaz da Porciúncula, do Estado do Rio, sendo depois Diretor Geral da Instrução Pública.

Com a instalação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, foi o fundador da Cadeira nº 8. Foi eleito para presidir a referida instituição em 1926, mas rejeitou o cargo. Influenciado pelo parnasianismo, proveniente da Europa, principalmente por seu irmão Artur de Oliveira, Alberto de Oliveira tornou-se árduo seguidor do *Le Parnase Contemporain*. Participou de querelas como colaborador na *Lira Acaciana*, coletânea de sátiras e epigramas contra Alberto Torres, sob os pseudônimos: "D. Bibas" e "Atta Troll".

Residiu por um tempo em Petrópolis e, ao retornar ao Rio, morou em São Cristovão, na Rua Abílio, e depois cedeu sua casa para uma instituição religiosa, que passou a ser conhecida como "A casa da rua Abílio", sendo até título de um poema. Registra-se sua presença em Niterói, desde quando morou com seus pais na Engenhoca.

Ingressou no Cenáculo Fluminense de História e Letras e é Patrono da Academia Fluminense de Letras, Cadeira nº 02, que hoje tenho a honra de ocupar. Faleceu em Niterói, em

19 de janeiro de 1937, na casa de seu irmão Luiz Mariano.

Dentre suas obras, destacamos: *Canções Românticas* (1878); *Meridionais* (1884), que marca sua transição da fase romântica para o parnasianismo; *Sonetos e poemas* (1885); *Versos e Rimas* (1895); *Poesias* (1900), entre outras publicações.

Referência:

M. J. Garnier - GARNIER, M.J. **Alberto de Oliveira**. Rio de Janeiro (RJ): F.Briguiet & Cie. Editores, [189-?]. 1 des., pb. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon960829/icon960829_042.jpg>. Acesso em: 2 mai. 2015.



WALDECK CARNEIRO

Acadêmico Titular da

Cadeira nº 2

Classe de Letras

Deputado estadual/RJ; três mandatos de vereador em Niterói. Mestre em Educação / UFF e doutor em Ciências da Educação pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Sorbonne (Universidade

Paris V). Foi diretor da Faculdade de Educação da UFF e presidente do Fórum Nacional de Diretores de Faculdades de Educação das Universidades Brasileiras. Em Niterói foi secretário de Educação e de Educação, Ciência e Tecnologia. Professor da Faculdade de Educação da UFF desde 1990; atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação (CNPq). Autor de livros, capítulos, artigos e comunicações a congressos.

ALTINO PIRES

1881-1966

Fundador da Cadeira nº 10

Classe de Letras

ALBA HELENA CORRÊA

Altino Pires nasceu em Japuíba, RJ, em 26 de novembro de 1881 e faleceu em Niterói, aos 84 anos, no dia 15 de abril de 1966. Foi poeta, funcionário público, jornalista, crítico literário acirrado, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e um dos 40 fundadores da Academia Fluminense de Letras.

No desempenho do jornalismo, foi ativo, honesto e eficiente. Foi editor da revista *A Cithara*, cuja finalidade declarada era "dotar a capital do

Estado com uma revista ilustrada, obedecendo a todos os progressos das publicações desse gênero" (*A CITHARA*, 1905, apud COSTA, 20--?). O editorial de 28 de fevereiro de 1905, que inaugurava uma segunda fase da publicação, destaca:

confiados na benevolência da adiantada população niteroyense, esperamos poder transpor facilmente todos os obstáculos e fazer d'A Cithara, senão uma publicação que honre a nossa terra, ao menos uma iniciativa que deve atrair a atenção do público pelas novidades que apresenta. (*A CITHARA*, 1905, apud COSTA, 20--?)

Colaborou também em *A Semana* (hebdomadário surgido em Niterói, em 1906) e na *Revista Fon-Fon*. Atuou em vários jornais: *A Hora*, *O País*, *Diário Fluminense* e *Diário do Comércio*. Foi o 1º diretor do *Diário Oficial do Estado*.

Na AFL, ocupou a cadeira número 13, patroneada por Casimiro de Abreu. Era frequentador do Café Paris, reduto da intelectualidade da época, em Niterói.

A história de Altino Pires está, por coincidência, muito ligada à de Vilmar de Abreu Lassance que, anos depois, viria a ser o 2º ocupante da cadeira número 13. Contou-nos o inesquecível escritor (Vilmar), o relacionamento que teve, na infância, com o seu antecessor. Foram vizinhos no bairro de Santa Rosa. Havia entre eles, a diferença de trinta e quatro anos. Vilmar frequentava a sua casa, para usar o telefone, e nessas oportunidades Altino abordava assuntos de literatura que Vilmar, ainda meninote, muito apreciava, embora, às vezes, não tivesse alcance para entender. Imagino que bons conselhos deve ter dado ao jovem!...

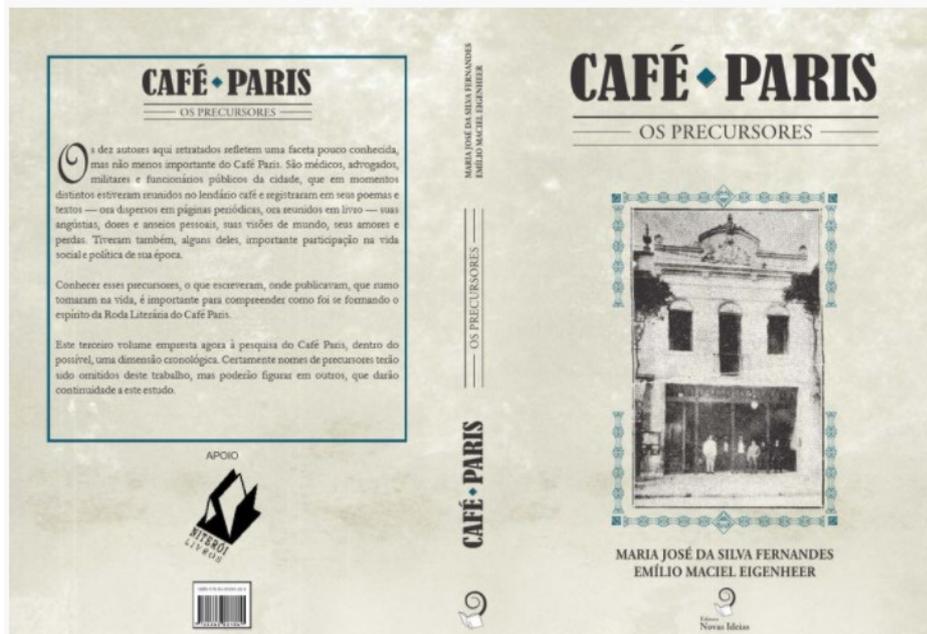
Quanto ao tipo físico, assim o descreve: era magro, muito esguio. Ficou-lhe gravada uma frase que ouvira desse amigo: "Eu nunca me envaideço da minha inteligência – Deus m'a deu, é claro! Mas da minha cultura, sim, pois não tem preço"! Que bela lição entre esses dois privilegiados: o mais experiente dando o exemplo ao que seria, anos depois, o seu sucessor!...

Descreve-o, ainda, como um homem de hábitos simples. Na intimidade do lar, calçava tamancos (uso que era comum na época), calças simples, camisas de mangas arregaçadas, mas acrescenta: quando ia à rua, de sapatos brancos, camisas alvas, colarinhos e punhos engomados, era bem a expressão das letras e a figura mais representativa da literatura!

Consta da "Oração de Posse do Acadêmico Vilmar de Abreu Lassance" (publicada na *Revista da AFL*, Vol. XIII, de abril de 1968), a complementação ideal à biografia de Altino Pires. A peça laudatória foi escrita em forma de poema e começa assim:

*Eu era bem rapaz e, Altino um homem feito
quando fomos vizinhos, lá em Santa Rosa,
onde moravam ele e aquele ser perfeito
que era D. Dolores, plácida e bondosa,
capaz de perdoar tudo que a ofendia.
Sua filha Nadir, também lá residia
com Ary, seu esposo, bom e compreensivo.*

Livros que deixou: *Pétalas Soltas*, 1903; *Sons*



Capa do livro *Café Paris: os precusores*
Fonte: Cultura Niterói

Dispersos no Ar, 1906; *Almanaque de Lembranças para Niterói*, 1923; *O Livro das Crianças*; *Luz e Sombra*; *O Amor Materno Através da Lira dos Poetas*.

Referências:

BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras**. Gráfica Editora La Cava Santos: Niterói/RJ, 1975.

COSTA, Maria Ione Caser da. **A Cithara**: revista bi-mensal. 20--?. BN Digital - Periódicos e Literatura. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-periodicos-literatura/a-cithara-revista-bi-mensal/>. Acesso em: 28 out. 2020.

CULTURA NITERÓI. **Café Paris**: os precusores. 1 imagem de capa de livro. Disponível em: <<http://www.culturanniteroi.com.br/blog/?id=1828>>. Acesso em: 28 out. 2020.



ALBA HELENA CORRÊA

Acadêmica Titular da

Cadeira nº 13

Classe de Letras

Pedagoga – Faculdade Fluminense de Filosofia, pós-graduada em Orientação Educacional – Faculdade Nacional de Filosofia. Mestre em Educação – UFF. Trovadora, sonetista,

cordelista, haicaísta, cronista, contista, biógrafa, ensaísta e declamadora diplomada. Colaboradora do jornal *Unidade* e da Universidade Aberta da Terceira Idade. Membro das Academias Brasileiras de Literatura de Cordel e de Trovas, e membro correspondente das Academias Itaperunense de Letras e Cachoeirense de Letras. Vice-presidente da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Integrante dos Escritores ao Ar Livro e do Calçadão da Cultura.



CARLOS CHAGAS 1879-1934

Patrono da Cadeira nº 3
Classe de Ciências

LUIZ AUGUSTO DE FREITAS PINHEIRO

Carlos Chagas: o Homem e a Obra

Biografar o eminente brasileiro, médico clínico, cientista e pesquisador Carlos Chagas, mesmo que sucintamente, reveste-se de prazer e honra.

Dia nove de julho de 1879, na Fazenda do Bom Retiro, município de Oliveira, Estado de Minas Gerais, nascia Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas, filho de um cafeicultor, José Justiniano das Chagas, e da Sra. Mariana Cândida Ribeiro de Castro Chagas.

O pequeno Carlos, órfão de pai aos quatro anos, fez seu curso básico em cidades do interior mineiro (Oliveira e Ouro Preto) e nas paulistas, Itu e São Paulo – capital. Ato contínuo, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, capital do Brasil à época, para cursar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, havendo colado grau em 1902 com elaboração de tese, no Instituto Soroterápico, intitulada *Estudo hematológico do Impaludismo*. Encantou-se com a clínica médica influenciado pelo Professor Miguel Couto e envolveu-se também com a pesquisa básica, atraído pelo Professor Francisco Fajardo o que muito o ajudaria em seus trabalhos futuros. Curioso para os niteroienses é saber que Chagas, em 1904, recusou uma oferta de Oswaldo Cruz para ser médico do Instituto Soroterápico para vir trabalhar como clínico no Hospital de Jurujuba

em Charitas.

Naquela ocasião casou-se com Íris Lobo e o casal teve dois filhos: Evandro Chagas e Carlos Chagas Filho. Ambos viriam a ser notáveis cientistas, porém Evandro morreu precocemente, aos 35 anos, em um acidente aéreo na Amazônia.

Sua passagem por Niterói foi assaz produtiva, porém curta, pois ainda em 1904 foi convocado para combater um surto de malária numa represa de Itatinga – SP. Debelou a doença em cinco meses, sendo considerada a ação mais bem sucedida, no Brasil, até aquela época.

Ao retornar ao Rio foi, pouco tempo depois, admitido no Instituto Soroterápico que passaria a se chamar Instituto Oswaldo Cruz em 1908.

Nova missão lhe foi confiada: combater outro surto de malária na baixada fluminense (Xerém). Teve como companheiro de trabalho o Dr. Arthur Neiva e concluíram a missão com grande sucesso.

Em junho de 1907 é convocado para dirigir-se à cidade mineira de Lassance, visando enfrentar novo surto de malária no local onde ocorriam obras da Estrada de Ferro Central do Brasil. Durante dois anos trabalhou em um vagão, atendendo consultas e pesquisando.

Na ocasião, alertado por um fazendeiro, iniciou pesquisa sobre um inseto hematófago conhecido como “barbeiro”, pois picava a face das pessoas e habitava as frestas das casas de “pau a pique” muito comuns na área rural naquele tempo. O inseto era o *Triatoma infestans*. Examinando o sangue dos saguis e fezes dos *Triatomas* encontrou, no sangue dos primeiros e no intestino dos segundos um protozoário que batizou como *Trypanosoma minasensis*. Investigando, no Rio de Janeiro, o material enviado por Carlos Chagas, Oswaldo Cruz verificou tratar-se de um novo tipo de protozoário, que o primeiro fez questão de denominá-lo *Tripanosoma cruzi*, em homenagem a seu chefe, mentor e amigo. Mais tarde o microrganismo foi rebatizado como *Schizotripanum cruzi*.

Seguindo suas pesquisas, Chagas encontrou o protozoário no sangue de gatos e em 23/04/1909 detectou-o no sangue de uma

"Não vai demorar que passemos
adiante uma grande e bela ciência,
que faz arte em defesa da vida."
Carlos Chagas (1928)

menina de três anos, Berenice, que apresentava febre e anemia. Ato seguinte, descreveu mais de 27 casos de formas agudas e realizou autópsia em mais de cem pessoas falecidas com a forma crônica da doença, que atinge mais o coração, o esôfago e o intestino grosso.

O trabalho resultante foi o primeiro, no mundo, a descrever a etiologia, a fisiopatologia, a anatomopatologia, o quadro clínico das formas agudas e crônicas, o vetor, os reservatórios e a epidemiologia. Só um pesquisador com alto padrão, com conhecimento de clínica, de sanitário, de epidemiologia, de pesquisa clínica e básica, é capaz de tal façanha. Chagas passou a fazer parte de um seleto grupo que sabe se beneficiar do acaso.

Essa descoberta foi publicada na *Revista Brasil Médico* em 22/04/1909 e, no mesmo dia, Oswaldo Cruz levou-a ao conhecimento dos membros da Academia Nacional de Medicina – ANM que decidiram enviar a Lassance uma missão no sentido de validar toda a pesquisa. Confirmando a veracidade e o rigor da publicação resolveram denominar a enfermidade como “Doença de Chagas”. Entretanto, o próprio Carlos Chagas, com simplicidade e humildade, preferia referir-se a ela como Tripanossomíase americana.

Embora sua notoriedade tenha advindo dessas descobertas e por suas atuações no estudo e combate à malária, Chagas atuou no campo de outras pesquisas – inclusive na Amazônia –, ocupou cargos de chefia, combateu a “gripe espanhola” de 1918 e atuou no ensino médico. Na expedição à Amazônia, analisou questões sanitárias como moradia, abastecimento de água, rede de esgoto, assistência médica e alimentação. Pesquisou ainda atividades medicinais de plantas, analisou insetos e peixes. Em quatorze de fevereiro de 1917, três dias após a morte de Oswaldo Cruz, foi nomeado Diretor do IOC onde teve fecunda gestão criando vários setores individualizados para a pesquisa.

Durante a “gripe espanhola” foi convocado pelo Presidente da República, Wenceslau Braz, para assumir as orientações de combate à pandemia. Construiu,

então, cinco novos hospitais, inclusive um no próprio terreno do IOC que denominou “Hospital Oswaldo Cruz”. Em 1942, com Chagas e seu filho já falecidos, a comunidade médica resolveu dar à edificação o nome de “Hospital Evandro Chagas”.

Em 1910, a ANM concedeu-lhe o título de Acadêmico Honorário, pois estavam seus membros ansiosos para homenageá-lo, mas não havia vaga para Acadêmico Titular.

A Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro criou a Cadeira de Medicina Tropical em 1925 e Chagas foi eleito Professor Catedrático da mesma, cargo que ocupou até sua morte.

Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas publicou inúmeros trabalhos em revistas nacionais e internacionais, recebeu as mais variadas homenagens no Brasil e em outros países, porém jamais recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina, embora, analisando-se sem patriotismo, tivesse mais méritos que muitos que já o receberam. Foi indicado ao prêmio por quatro vezes, sendo que em duas oficialmente. Arguem-se manobras externas ou internas como explicações para esta cruel injustiça. E o fulcro para tal comportamento teria sido a inveja predatória, que tanto mal já fez e continua a fazendo à Humanidade. Porém se Chagas não foi agraciado com o Prêmio Nobel, certamente recebeu e receberá, eternamente, o respeito e a admiração de todos os cidadãos do mundo. Vítima de infarto agudo do miocárdio, faleceu dia 08/11/1934, na cidade do Rio de Janeiro, aos 55 anos de idade.

Fundação Carlos Chagas / SP
Fonte: GoogleMaps



Muita vivência e muitas obras para poucos anos de vida!

E, para terminar, uma curiosidade.

Ocupo, como Acadêmico Titular na Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, a cadeira nº 11, cujo Patrono é Benjamim Baptista, o Pai da Anatomia Brasileira, e nesta Academia Fluminense de Letras, ocupo a Cadeira nº 3 da Classe de Ciências, patronímica de Carlos Chagas. Ambos nasceram no mês de julho e morreram no mês de novembro, do ano de 1934, na cidade do Rio de Janeiro. Ambos foram professores do meu pai na Faculdade Nacional de Medicina. Sou mineiro de coração e raiz; fluminense (niteroiense) por razão, coração e frutos. Benjamin Baptista era fluminense e niteroiense do Cubango; Carlos Chagas era mineiro, mas morou no Rio de Janeiro a maior parte de sua vida. Coincidências?...



LUIZ AUGUSTO DE FREITAS PINHEIRO

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 3
Classe de Ciências

Graduado em Medicina, Faculdade Fluminense de Medicina, atual UFF. Mestre em Cardiologia, UFRJ. Especializações em Cardiologia, SBC-AMB e em Eletrocardiografia, PUC-Rio. Professor Emérito da UFF. Professor Titular de Cardiologia da UFF (aposentado). Autor da monografia *Manobras propedêuticas em Cardiologia: auxílio ao diagnóstico num contexto científico, humanístico e socioeconômico*, além de três livros, vinte capítulos de livros e cento e quarenta publicações diversas. Ex-Presidente e atual Primeiro Vice-Presidente da ACAMERJ. Membro Honorário da Academia Fides et Ratio.



CASTRO MENEZES 1883-1920

Patrono da Cadeira nº 14
Classe de Letras

JOÃO BATISTA THOMAZ

Álvaro Sá de Castro Menezes – conhecido pelo nome poético de Castro Menezes – nasceu em Niterói/RJ, em 3 de junho de 1883, vindo a falecer em 7 de março de 1920.

Foi durante sua curta vida poeta, escritor, jornalista, promotor público, juiz e professor. Nesse estreito período de existência sua trajetória foi extremamente produtiva, graças à sua genialidade como amante das boas letras e à sua sapiência em muitos ramos da atividade

profissional, especialmente como docente.

Foi um dos grandes expoentes do Simbolismo no Brasil, influenciando poetas e escritores como Manuel Bandeira, Coelho Neto, Catulo da Paixão Cearense, Gilka Machado, Humberto de Campos, Antonio Joaquim Pereira da Silva, Herbert Moses.

Castro Menezes começou sua carreira literária enquanto cursava o internato no Ginásio Nacional, mais tarde integrado ao Colégio Pedro II, onde formou-se em Ciências e Letras. Seu discurso como orador da turma alcançou o reconhecimento do então presidente da República, Campos Salles.

Aos quinze anos publicou seu primeiro livro de poesias, *Mythos* (1898). Manuel Bandeira, seu contemporâneo no Pedro II, sobre ele escreveu:

Em 1901, foi o corpo discente do Externato do Colégio Pedro II enriquecido com a matrícula de um novo aluno, transferido, no último ano, do Internato da casa que então se chamava Ginásio Nacional. O rapaz tinha uma presença impressionante: puxava por uma perna (os sujeitos que puxam uma perna sempre me infundiram profundo respeito) e que bela cabeça era a sua, de nobre e espantada expressão! Mas o que alvoroçava o rapaz do Externato era saber que o novo aluno era poeta, com livro publicado e louvadíssimo pela crítica.

(...)

Terminado o curso, ele naquele ano, eu no seguinte, o poeta foi para Belém, voltou ao Rio, caiu na vida prática, tornou-se economista (sem



*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Fonte: Procuradoria / UFRRJ*

acreditar na Economia Política), magistrado, jornalista. Era um homem de uma atividade espantosa. A ela sacrificou os seus belos dons de poeta. Nos dois últimos anos de vida, tratou de reunir em livro os versos posteriores a *Mythos*. Morreu em 1920, sem concluir o preparo da edição, só postumamente publicada sob o título *Estrada de Damasco*.

Três anos antes é que fiz relações com ele, porque, tendo publicado *A Cinza das Horas*, escreveu sobre meus versos, me visitou. Graças à sua generosidade de me oferecer o papel de imprensa, pude, em 1919, editar o *Carnaval*.

Em 1905, Castro Menezes graduou-se pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro (que mais tarde integraria a Faculdade Nacional de Direito da UFRJ). Mudando-se em seguida para Belém do Pará por um curto período, foi redator do jornal *A Província* e professor do Ginásio Paes de Carvalho.

Casou-se em 1909 com Carmen Mello de Castro Menezes, nascendo da união dois filhos, João Frederico e Álvaro Cezar.

De volta ao Rio de Janeiro, foi nomeado promotor público de Itaboraí e, em 1911, juiz municipal de Conceição de Duas Barras.

Neste período, enviuvou, contraindo novas núpcias com Calypso Borges da Fonseca, com quem teve um filho, Frederico de Castro Menezes.

Em 1918, regressou ao Rio de Janeiro, então capital da República, para assumir a cadeira de Lente Catedrático de Economia Rural e Estatística da antiga Escola Superior de Agricultura (atualmente Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro).

Foi um dos poetas simbolistas que

fundaram a revista literária *Rosa-Cruz*, que buscava consagrar o poeta Cruz e Souza, precursor do Simbolismo no Brasil. Além de Castro Menezes, o grupo incluía Saturnino de Meirelles, diretor da Revista, Carlos Dias Fernandes, Gonçalo Jácome, Pereira da Silva, Paulo Araújo, Tibúrcio de Freitas, Alphonsus de Guimaraens, Maurício Jubim, Rocha Pombo, Félix Pacheco, assim como vários colaboradores.

Ao final de sua vida o poeta aproximou-se mais do movimento parnasianista, como na poesia *Lar Desfeito* (no qual chora a perda da esposa Carmen):

*Entre sorrisos descuidados,
Como um casal de namorados,
De olhar no olhar,
Troquemos novos juramentos...
Enquanto os céus não são nevoentos,
Vamos sonhar...*

Castro Menezes exerceu ainda os cargos de secretário-geral da Associação Comercial do Rio de Janeiro, da Federação das Associações Comerciais do Brasil e da Câmara Internacional do Brasil; subsecretário do Centro de Comércio de Café e do Centro de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro; secretário honorário do Centro Comercial de Cereais e diretor 2º secretário da Sociedade Nacional de Agricultura.

Foi, ainda, secretário do ministro da Agricultura, Pereira Lima, durante o governo de Venceslau Braz.

Publicou em vida: *Mythos*, *Quadros da Guerra*, *O Problema Econômico e Financeiro do*

Brasil, O Algodão nos Estados Unidos, O Futuro Econômico do Brasil, O Jardim de Heloisa.

Castro Menezes faleceu em 7 de março de 1920, aos 36 anos, vítima de um ataque cardíaco fulminante. Era então redator do *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*. Seu falecimento causou larga repercussão, especialmente nos meios literário, jornalístico e comercial.

Na ocasião, dedicava-se a reunir suas poesias posteriores a *Mythos* na coletânea *A Estrada de Damasco*, que viria a ser publicada postumamente, em 1922.

Referências:

BANDEIRA, Manuel. **Poesia Completa e Prosa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, pp. 438-439.

CASTRO MENEZES. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Castro_Menezes>. Acesso em: 10 set. 2020.



JOÃO BATISTA THOMAZ

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 14
Classe de Letras

Graduado pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Pós-graduado em Cirurgia Vascular, Universidade de São Paulo. Professor adjunto de Cirurgia Vascular, UFF. Membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia. Fellow da American Trauma Society. Membro emérito da Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Membro honorário do International Endovenous Laser Working Group, Londres. Autor de várias obras de Medicina, entre elas: *Fundamentos de Angiologia e Cirurgia Vascular; Fundamentos de Flebologia: bases clínicas e cirúrgicas; Ato médico: aspectos médicos e legais*; além de *Homens, fatos e ideias na História da Flebologia e Cirurgia Vascular* e do livro de memórias *Jornadas de um estudante*.



DUQUE DE CAXIAS 1803-1880

Patrono da Cadeira nº 15
Classe de Letras

MIRIAN P. S. ZIPPIN GRINSPUN

Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, nasceu em 25 de agosto de 1803, na fazenda de São Paulo, no Taquaru, Vila de Porto da Estrela, na Capitania do Rio de Janeiro, quando o Brasil era Vice-Reino de Portugal. Hoje, é o local do Parque Histórico Duque de Caxias, no município de Duque de Caxias, estado do Rio de

Janeiro.

Pouco se sabe da infância de Caxias. Pelos almanaques do Rio de Janeiro da época e publicados pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que davam o nome das ruas em que moravam as autoridades governamentais, sabe-se que seu pai, desde capitão, em 1811, residia na rua das Violas, atual rua Teófilo Otoni. Esta rua das Violas, onde existiam fabricantes de violas e violões e onde se reuniam trovadores e compositores, foi o cenário principal da infância de Caxias.

Sabe-se que estudou no Convento São Joaquim, onde hoje se localiza o Colégio D. Pedro II, e próximo do Quartel do Campo de Santana, que ele viu ser construído e que hoje é o Palácio Duque de Caxias, onde está instalado o Comando Militar do Leste.

Em 1818, aos quinze anos de idade, matriculou-se na Academia Real Militar, onde foi promovido a tenente, em 1821, para servir no 1º Batalhão de Fuzileiros, unidade de elite do Exército do Rei.

O retorno da Família Real e as consequências que daí advieram concorreram para a almejada emancipação do país. D. Pedro I proclamou a independência do Brasil e organizou, ele próprio, em outubro de 1822, no Campo de Santana, a Imperial Guarda de Honra e o Batalhão do Imperador, integrado por 800 guapos militares, tipos atléticos e oficiais de valor excepcional,



escolhidos da tropa estendida a sua frente. Coube ao Tenente Luiz Alves de Lima e Silva receber das mãos do Imperador D. Pedro I a bandeira do Império recém-criada, na Capela Imperial, em 10 de novembro de 1822.

No dia 3 de junho de 1823, o jovem militar teve seu batismo de fogo, quando o Batalhão do Imperador foi destacado para a Bahia, onde pacificaria um movimento contra a independência comandado pelo General Madeira de Melo. No retorno dessa campanha, recebeu o título que mais prezou durante a sua vida – o de Veterano da Independência.

Em 1825, iniciou-se a Campanha da Cisplatina e o então Capitão Luiz Alves deslocou-se para os pampas, junto com o Batalhão do Imperador. Sua bravura e competência como comandante e líder o fazem merecedor de condecorações e comandos sucessivos, retornando da campanha no posto de major.

A 6 de janeiro de 1833, no Rio de Janeiro, o Major Luiz Alves casava-se com a senhorita Ana Luiza de Loreto Carneiro Viana, que contava, na época, com dezesseis anos de idade.

Em 2 de dezembro de 1839, é promovido a coronel e, por Carta Imperial, nomeado presidente

Pantheon de Caxias
Foto: Halley Pacheco de Oliveira¹

da província do Maranhão e Comandante-Geral das Forças em Operações, para que as providências civis e militares emanassem de uma única autoridade.

Recompensado por seus elevados serviços com sucessivos títulos de nobreza, foi feito barão, conde, marquês e, por fim, em 23 de março de 1869, duque – o único a receber tal título em 58 anos de reinado de Pedro II.

No dia 7 de maio de 1880, às 20 horas e 30 minutos, fechava os olhos para sempre aquele bravo militar e cidadão que vivera no seio do Exército para glória do próprio Exército. No dia seguinte, em trem especial, chegava à Estação do Campo de Santana o seu corpo, vestido com o seu mais modesto uniforme de Marechal de Exército, trazendo ao peito apenas duas das suas numerosas condecorações, as únicas de bronze: a do Mérito Militar e a Geral da Campanha do Paraguai, tudo consoante suas derradeiras

¹ *Pantheon de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro, em frente ao prédio do Comando Militar Leste na Praça Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Licença CC. Disponível em http://pt.m.wikipedia.org/wiki/FicheiroPantheon_de_Caxias.jpg*

vontades expressas.

Outros desejos testamentários são respeitados: enterro sem pompa; dispensa de honras militares; o féretro conduzido por seis soldados da Guarnição da Corte, dos mais antigos e de bom comportamento, aos quais deveria ser dada a quantia de trinta cruzeiros (cujos nomes foram imortalizados no pedestal de seu busto, no passadiço do Conjunto Principal antigo da Academia Militar das Agulhas Negras); o enterro custeado pela Irmandade da Santa Cruz dos Militares; e seu corpo não embalsamado.

Quantas vezes o caixão foi transportado, suas alças foram seguras por seis Praças de Pré do 1º e do 10º Batalhões de Infantaria. No ato do sepultamento, o grande literato Visconde de Taunay, então Major do Exército, proferiu alocução assim concluída:

Carregaram o seu féretro seis soldados rasos; mas, senhores, esses soldados que circundam a gloriosa cova e a voz que se levanta para falar em nome deles, são o corpo e o espírito de todo o Exército Brasileiro. Representam o preto derradeiro de um reconhecimento inextinguível que nós militares, de norte a sul deste vasto Império, vimos render ao nosso velho Marechal, que nos guiou como General, como protetor, quase como pai, durante 40 anos; soldados e orador, humilde todos em sua esfera, muito pequenos pela valia própria, mas grandes pela elevada homenagem e pela sinceridade da dor.

Em 25 de agosto de 1923, a data de seu aniversário natalício passou a ser considerada como o Dia do Soldado do Exército Brasileiro, instituição que o forjou e de cujo seio emergiu como um dos maiores brasileiros de todos os tempos. Ele prestou à nação mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços como político e administrador público de contingência e, inigualados, como soldado de vocação e de tradição familiar, a serviço da unidade, da paz social, da integridade e da soberania do Brasil Império.

Em mais uma justa homenagem ao maior dos soldados do Brasil, desde 1931 os Cadetes do Exército, da Academia Militar das Agulhas Negras, portam como arma privativa o Espadim de Caxias, cópia fiel, em escala, do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias, que desde 1925 é guardado como relíquia pelo Instituto Histórico



Espadim de Caxias

Foto: Alexandre Manfrim /MD

Fonte: DefesaNet

e Geográfico Brasileiro, que o Duque de Caxias integrou como sócio honorário a partir de 11 de maio de 1847.

O Decreto do Governo Federal de 13 de março de 1962 imortalizou o nome do invicto Duque de Caxias como o Patrono do Exército Brasileiro. Atualmente, os seus restos mortais, juntamente com os de sua esposa e de seu filho, repousam no Panteon a Caxias, construído em frente ao Palácio Duque de Caxias, na cidade do Rio de Janeiro.

**MIRIAN PAURA SABROSA
ZIPPIN GRINSPUN**

Acadêmica Titular da

Cadeira nº 15

Classe de Letras



Professora titular pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Formada em Pedagogia pela PUC-Rio; mestrado em Educação pela IESAE/Fundação Getúlio Vargas; doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho. Coordenou o grupo de pesquisa Juventude, Valores e Educação na UERJ, com inúmeros trabalhos publicados nessa área. Autora de livros sobre Orientação Educacional e de educação em geral. Palestrante sobre temas ligados à Educação. Integra equipes de conselhos editoriais de diferentes revistas acadêmicas. Vice-presidente da Associação Brasileira de Tecnologia, membro da Associação Internacional de Educação e da Associação Brasileira de Educação, entre outras.



DURVAL DE ALMEIDA BAPTISTA PEREIRA n 1902

Patrono da Cadeira nº 4
Classe de Ciências Sociais

AIDYL DE CARVALHO PREIS

Falar sobre o Dr. Durval de Almeida Baptista Pereira não é uma tarefa fácil, dada a multiplicidade de ações que executou em sua vida, sempre tendo a Educação, como seu norte. Assim, à guisa de depoimento, teceremos algumas considerações, já que tivemos a honra de com ele conviver por muitos anos, seja como aluna, seja como professora da antiga Faculdade Fluminense de Filosofia, que dirigiu por quase vinte anos.

Nasceu no dia 20 de setembro de 1902, na cidade de Niterói, terceiro filho do Dr. Baltazar Bernardino Baptista Pereira Júnior e de Carolina de Almeida Baptista Pereira.

Iniciou seus estudos em escolas estaduais. Frequentou o Ginásio Macedo Soares em São Paulo, completando seus estudos preparatórios no Rio de Janeiro. Graças ao primeiro emprego, numa farmácia do Rio de Janeiro, teve condições de fazer o curso superior na Faculdade Nacional de Odontologia, hoje UFRJ. Já formado em Direito e Biomedicina, tornou-se então, também, odontólogo e professor de Odontologia.

Casou-se com Jandyra Torres Baptista Pereira, em 1927; tiveram cinco filhos e foi sempre um exemplar chefe de família, de personalidade forte, dinâmico, empreendedor e gestor, por excelência.

Seu grande sonho: fundar uma universidade e para tanto, lança a semente quando participa da

criação da Faculdade de Filosofia, nos informando:

Consideramos, contudo, que o despertar legítimo da consciência universitária fluminense foi manifestado, na I Semana Diocesana de Ação Social, promovida em maio de 1946, pelo saudoso Bispo de Niterói, Dom José Pereira Alves. Nessa oportunidade, fomos chamados para relatar tese sobre a participação dos professores na ação social. E assistimos, orgulhosamente satisfeitos, aprovação unânime da principal conclusão que indicava a necessidade de ser criada, entre nós, uma faculdade de Filosofia, como marco inicial e coroamento indispensável para a instituição de uma universidade. (PEREIRA, 1966, p.8)

Neste propósito, integra com Afro do Amaral Fontoura, Ismael de Lima Coutinho, Francisco Bittencourt Silva, Camilo Guerreiro, Lealdino Alcântara, entre outros, o grupo de professores que tomam a iniciativa para a fundação da Faculdade Fluminense de Filosofia, em 1946 (em forma de cooperativa), tornando-se seu primeiro dirigente.

Autor de artigos, livros importantes para o conhecimento não apenas da história de Niterói, mas também da história da Educação no Brasil, faz um esforço hercúleo para a criação da Universidade Federal Fluminense, contando com o decidido apoio do deputado Vasconcelos Torres.

O movimento estudantil fluminense foi de grande importância para a criação da Universidade e, dentre muitos líderes, citamos João Kiffer Neto e o nosso prezado presidente Dr. Waldenir de Bragança, incansáveis nesta luta, mercedores do reconhecimento de todos nós, pelos esforços que empreenderam em prol da Educação.

Em 18 de dezembro de 1960, com a incorporação das faculdades de Farmácia, Odontologia, Direito, Medicina e Veterinária e a agregação das faculdades de Ciências Econômicas, Enfermagem, Serviço Social, Engenharia e Filosofia, era fundada através da Lei nº 3.484 a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, tendo o Dr. Durval como seu primeiro reitor – a partir de novembro de 1965, a instituição passou a denominar-se Universidade Federal Fluminense.

Comemoramos, neste ano de 2020, os sessenta anos da fundação da nossa UFF, o que constitui mais uma razão para festejarmos Dr. Durval de Almeida Baptista Pereira, que dedicou grande parte de sua vida a esta causa. Porém, a despeito de todas as dificuldades encontradas, realizou seu grande sonho.

A UFF transformou Niterói numa cidade educadora e realizou a grande tarefa de participar de um grande legado, já que muitos egressos são motivo de grande orgulho para todos nós, pela liderança que ocupam nos variados cargos e instituições brasileiras e internacionais.

O Professor Durval de Almeida Baptista Pereira lutou com denodo, venceu grandes desafios que lhe foram impostos. Mas, com a sua fé inabalável, venceu todos. É um homem vitorioso, digno de nossa admiração e da preservação de sua memória, tarefa tão bem desempenhada pela nossa insigne instituição, Academia Fluminense de Letras.

Referências:

FACULDADE Fluminense de Filosofia. Portal **UFF Memória Informação**, 2011. Disponível em: <http://www.memoria.uff.br/images/documentos/faculdade_de_filosofia.pdf>. Acesso em 10 set. 2020.

PEREIRA, Durval de Almeida Baptista. **Contribuição para a história da UFF**: a luta para sua criação e os fatos que geraram as crises dos primeiros anos de existência 1947-1966. Niterói: UFF, Imprensa Universitária, 1966.



AIDYL DE CARVALHO PREIS

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 4

Classe de Ciências Sociais

Professora do ensino médio. Formada em História, Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras, atual UFF. Doutora em História, USP. Chefe do Departamento de História e primeira diretora eleita do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia; fundadora e coordenadora do curso de pós-graduação em História; vice-reitora – UFRJ. Membro da Comissão de Pesquisa e Pós-Graduação; pró-reitora de Extensão; professora emérita – UFF. Fundadora emérita da Associação Nacional dos Professores de História. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói e conselheira da Federação Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos. Fundadora, vice-presidente (4 vezes) e presidente (8 vezes) da ASPI-UFF. Fez palestras, publicou artigos, participou de bancas (mestrado e doutorado).

"Que profissão é mais nobre, ou mais valiosa para o Estado, do que a de quem instrui as próximas gerações?"

Cícero



EMILIO CARMO

1919-2005

Patrono da Cadeira nº 5
Classe de Ciências Sociais

MATILDE CARONE SLAIBI CONTI

Nasceu em 29 de agosto de 1919 em Rio Bonito/RJ, filho de João Carmo e Odete Carmo.

Bacharel em Direito pela Universidade

Federal Fluminense e também bacharel em Jornalismo, pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Foi professor assistente na área de Direito Penal, na Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense.

Jornalista profissional por quase vinte anos, e presidente da Associação Fluminense de Jornalistas também por quase dez anos, tendo fundado e secretariado o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio. Diretor do Jornal *O Estado*, da cadeia de jornais *A Noite*, o maior jornal então existente no Estado do Rio e chefe do Serviço de Imprensa e Rádio, no governo Amaral Peixoto, por sete anos.

Em 26 de fevereiro de 1958, foi nomeado, após concurso, para o cargo de Juiz de Direito na Comarca de Duas Barras. Foi o primeiro titular da Vara Única da Comarca de Paracambi, criada pela Lei nº 4.578, de 26 de janeiro de 1961. Posteriormente, atuou nas Comarcas de Cantagalo, Nilópolis e São Gonçalo.

Após a fusão dos antigos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara em 15 de março de 1975, passou a integrar a Justiça da nova unidade federativa, isto é, do atual Estado do Rio de Janeiro, como titular da 3ª Vara Cível da comarca



Museu da Justiça está localizado no Antigo Palácio da Justiça / RJ
Foto: Flávio Porto / Fonte: TJRJ

de São Gonçalo.

Em 10 de abril de 1984, foi empossado no cargo de Juiz do 2º Tribunal de Alçada do Estado do Rio de Janeiro. Em 14 de outubro de 1988, foi empossado também como Juiz do Tribunal de Alçada Cível, do Estado do Rio de Janeiro. Em 25 de maio de 1988, entrou em exercício no cargo de Desembargador do Tribunal do Estado do Rio de Janeiro.

Foi assistente nas presidências dos Desembargadores Marins Peixoto e Lourival Gonçalves de Oliveira e exerceu o cargo de Secretário-Geral da Associação dos Magistrados Fluminenses e da Federação Latino-Americana de Magistrados durante dois anos, na gestão do Desembargador Luiz Henrique Steele.

Também foi membro do Tribunal Regional Eleitoral durante dois mandatos, tendo exercido ainda, o cargo de Corregedor da Justiça Eleitoral no período de 1982/84.

Na Associação dos Magistrados Fluminenses, onde exerceu a presidência por 2 mandatos, 1988 a 1991, tem um passado de lutas em prol da magistratura fluminense nacional, e mercê dessas atividades, foi condecorado com a Medalha dos Serviços Distintos da AMB e a Ordem do Martelo, da AMF.

Com um grupo de magistrados fluminenses atuou na Constituinte, na fase mais crítica e no momento em que periclitavam as garantias do Poder Judiciário Nacional, só cessando a luta, quando asseguradas estavam as reivindicações do Judiciário.

Achando que na 1ª Instância realizava seu ideal de magistrado, recusou promoção para o Tribunal de Alçada por quatro vezes, e acabou concorrendo à desembargadoria como final de

carreira, visando aposentar-se no último posto.

Sempre exerceu o seu trabalho com retidão e profissionalismo.

Tem publicada uma obra de grande relevância na área jurídica, o livro denominado *Justiça do Estado do Rio de Janeiro*.

Prefaciou o livro, *Sentenças, Fundamentos e Técnicas*, em 2ª edição, no dia 17 de junho de 1991, do seu colega, também desembargador, Nagib Slaibi. Este livro, que primeiramente havia sido lançado na Associação dos Magistrados Fluminenses, teve uma calorosa acolhida e muito mais de Emílio Carmo, que fez um belo discurso, descrevendo a magnitude de tal obra, encerrando com as seguintes palavras: "A obra soube ser vazada em erudita análise do clímax do processo, expõe com clareza, como devem ser os fundamentos e a técnica do ponto mais alto do processo, a sentença."

Aposentou-se em 28 de agosto de 1989.

O Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro homenageou o ilustre magistrado, em 2007 com a atribuição do nome de Fórum Desembargador Emilio Carmo ao prédio do Fórum da Comarca de Paracambi.

Foi professor emérito, excelente magistrado de elevados princípios éticos e pessoa ímpar, um exemplo de honradez.

Deixou para sempre marcado o seu nome, no Painel da Saudade do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Seu falecimento ocorreu na cidade de Niterói, em 4 de janeiro de 2005.

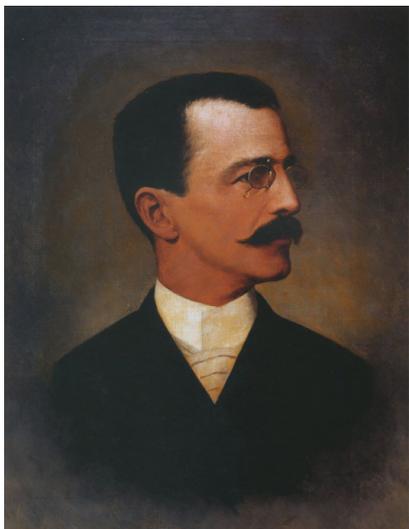
MATILDE CARONE SLAIBI CONTI

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 5

Classe de Ciências Sociais



Cirurgiã-dentista, Universidade Federal Juiz de Fora. Especialização Saúde Coletiva, Escola de Saúde Pública. Advogada militante, formada em Direito, Universidade Cândido Mendes. Doutora e pós-doutora em Ciências Jurídicas e Sociais, UMSA, Buenos Aires. Professora titular de Direito da Universidade Salgado de Oliveira. Professora de pós-graduação, Universidades Estácio de Sá, Plínio Leite, Salgado de Oliveira; e professora conferencista das Escolas de Magistratura RJ e Federal. Psicanalista, Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, e especialista em Psicossomática, UFF. Bacharel e licenciada em História. Especialização em Artes Plásticas, Universidade La Salle, com exposições em vários países.



EZEQUIEL FREIRE

1850-1891

Patrono da Cadeira nº 17
Classe de Letras

ERTHAL ROCHA
Comissão de Redação

O poeta, cronista, jornalista, contista e crítico José Ezequiel Freire de Lima nasceu em 10 de abril de 1850, em Resende/RJ, onde era vizinho da poetisa Narcisa Amália, que muito o influenciou.

Depois do preparatório no Rio de Janeiro passou pela Escola Militar e a Escola Politécnica, mas não concluiu os cursos.

Desde estudante colaborava com jornais e revistas fluminenses, como o *Astro Resende*. Integrou o Instituto Literário do Rio de Janeiro. Entre 1870 e 1873, publicou versos na revista *O Mosquito*. Seguiu para São Paulo em 1874, para cursar Direito; no mesmo ano publicou o livro de poesias *Flores do Campo*, com prefácio de Narcisa Amália – em 1879 o trabalho mereceria elogios de Machado de Assis, na *Revista Brasileira*.

Em 18 de maio de 1875, aos 25 anos, casou-se com Maria Adelaide Silva de Araújo.

Conviveu com escritores e jornalistas como Assis Brasil, Valentim Magalhães, Gaspar da Silva, Affonso Celso Junior, Wenceslau de Queiroz e Lucio de Mendonça, com quem escreveu os versos *Duo de Amor*, transcritos por Machado de

Assis em *A Semana Illustrada*.

Formou-se em 1880 pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Durante toda a década teve assídua produção jornalística, colaborando com os jornais *Correio Paulistano*, *A Província de São Paulo*, *Diário Popular*, *Gazeta de Notícias* e outros, além das principais revistas do país. Foi diretor literário da *Gazeta do Povo*.

Nomeado juiz de Araras em 1884, teve que deixar a função depois de pouco tempo por conta de problemas de saúde. Dedicou-se ao magistério a partir de 1885, lecionando Retórica no curso anexo à Faculdade de Direito.

Influenciado pelos poetas românticos, Ezequiel Freire foi considerado precursor do Simbolismo. Nos seus trabalhos ressalta-se a exaltação da natureza, com referências “às relações entre os sentidos e as emoções, os perfumes e as cores, as cores e os sons”, conforme comentou o escritor Hernâni Donato.

Escreveu ensaios abordando variados temas variados, da estética à política – na qual se posicionou como antimonarquista e abolicionista – além de críticas teatrais e musicais. É considerado um dos primeiros e mais importantes críticos de arte do final do século XIX em São Paulo.

Tanto no verso como na prosa, abordou temas e motivos nacionalistas, defendendo os ideais através de seus contos, seus artigos, sua crítica e seus versos. Seu conto *Pedro Gobá*, de caráter documental, tornou-se um clássico sobre a crueldade do sistema escravocrata.

Ramalho Ortigão o comparou aos escritores russos Turgueniev e Tolstói, pela intensidade do colorido e pela vibração do sentimento local recordados pelos trechos da obra desses

Faculdade de Direito do Largo de São Francisco
Foto: Renouveau, Jean Georges



escritores sobre a vida nos campos da Rússia.

Apreciador da botânica, cultivou um jardim de plantas exóticas na mansão em que vivia, na Rua da Consolação, cercado de livros e peças de arte.

Abatido pela tuberculose, ao pressentir o fim escolheu o local de sua sepultura e se despediu dos amigos. Faleceu aos 41 anos, em 14 de novembro de 1891, em Caçapava/SP.

Em 1910 foi editado o *Livro Póstumo*, reunindo vários de seus contos, crônicas e críticas, com prefácio do poeta Wenceslau de Queiroz.

Foi homenageado como Patrono da Cadeira nº 20 da Academia Paulista de Letras, além da Cadeira nº 17 da Classe de Letras da AFL.

Referências:

BRUNO, José Eduardo de Oliveira. **Biografia José Ezequiel Freire de Lima**. Portal Genealogia da Família Freire. Disponível em: <http://www.genealogiafreire.com.br/ef_biografia.htm>. Acesso em: 01 set. 2020.

EZEQUIEL Freire. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa636155/>>

ezequiel-freire>. Acesso em: 01 set. 2020. Verbete da Enciclopédia.

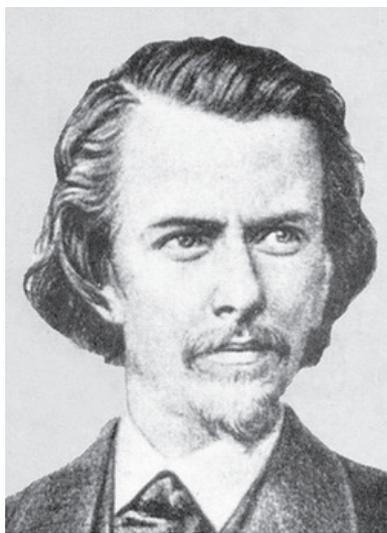
EZEQUIEL Freire. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2006. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ezequiel_Freire> Acesso em: 01 set. 2020. Verbete da Enciclopédia.



CÉLIO ERTHAL ROCHA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 27
Classe de Letras

Jornalista, escritor, advogado e defensor público aposentado. Formou-se na Faculdade de Direito da UFF. Foi apresentador do *Grande Jornal Fluminense*, transmitido pelas Rádios *Tamoio* e *Jornal do Brasil*; repórter do jornal *O Fluminense*, no qual chefiou o Departamento de Relações Públicas; assessor de Comunicação Social do Governo do Estado do Rio de Janeiro e assessor da Procuradoria Geral de Justiça. Exerceu o mandato de deputado estadual. Autor de artigos, crônicas e dos livros: *Jornalismo, política e outras paragens* e *Um olhar sobre o Ministério Público Fluminense*.



FAGUNDES VARELA 1841-1875

Patrono da Cadeira nº 18
Classe de Letras

LUIZ CARLOS LESSA

Fagundes Varela nasceu aos 17 de agosto de 1841, no município fluminense de Rio Claro, primeiro dos dezessete filhos do Dr. Emiliano Fagundes Varela e de D. Emília de Andrade.

Os sucessivos deslocamentos da família do

Dr. Emiliano, decorrentes de suas obrigações de magistrado, fizeram do futuro poeta um nômade precoce: com 15 ou 16 anos, já residira em Rio Claro, S. João do Príncipe, Goiás, Angra dos Reis, Petrópolis e Niterói.

Em 1859, aos 18 anos, partiu para São Paulo, em cuja Faculdade de Direito se matriculou. Aos 20, casou-se com Alice Guilhermina Luande, filha do empresário de um circo que então se exibia na capital paulista. Casamento desventuroso, do qual lhe nasceu o primogênito, Emiliano, que viveu apenas três meses, ensejando ao pai desesperado os versos comoventes do *Cântico do Calvário*.

Não tenho como omitir, conforme gostaria, a vida desregrada do poeta durante os anos de permanência em São Paulo (1859/1866). Ali participou de desvairadas orgias. Entregou-se sem reservas ao alcoolismo, vício do qual não mais se libertaria. Envolveu-se em escândalos com a mais requintada prostituta da cidade. Multiplicou dívidas que jamais quitaria.

Registro aqui o breve intervalo de aproximadamente um ano em que esteve em Recife, numa tentativa de prosseguir os estudos jurídicos. De lá regressou com a mesma fama de farrista e alcoólatra.

Mas, ao deixar São Paulo, já trouxera a lume quatro livros, granjeando a merecida fama

de maior poeta brasileiro vivo. Dessas e de suas demais produções falarei no tópico seguinte.

De meados de 1866 a 1871, viveu em Rio Claro, perambulando pela cidade numa misantropia impressionante. Vale lembrar que, em 1867, casou-se, em segundas núpcias, com Maria Belisária de Brito Lambert, de quem houve duas filhas, sem que o novo casamento lhe alterasse os hábitos excêntricos.

Em 1871, foi com a família para Niterói, entregando-se à composição do extraordinário poema *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*.

Essa sua última composição, Varela não chegou a vê-la em letra de forma: falecera em 19 de fevereiro de 1875, com 33 anos e meio, vítima de uma apoplexia cerebral. No atestado de óbito, registra-se, como *causa mortis*, **enomania**, que quer dizer “paixão pelo vinho”, ou, numa tradução menos literal, etilismo crônico. O passamento ocorreu em Niterói, em cujo velho cemitério de Maruí repousam para sempre os seus despojos.

Vicente de Azevedo, um dos seus melhores biógrafos, resumiu-lhe assim a tumultuada e fugaz existência: “Poeta genuinamente brasileiro, sua vida foi um poema com muitas dores e poucas alegrias”.

Produção Poética

Omito, por carecerem de valor literário, os escritos de Fagundes Varela em prosa, que não foram sequer reunidos em volume. Faço coro com todos quantos lhe estudaram a vida: ele foi poeta, e somente poeta, lídimo representante da poesia romântica brasileira, que preponderou em nossas letras (e não só nas nossas) ao longo do século XIX, cujas grandes características são: lirismo, sentimentalismo, intimismo, melancolia, amor à natureza, religiosidade, todas elas presentes nos versos inspirados de Varela, com destaque para o apego à natureza e a religiosidade.

Isto posto, relaciono, para concluir, o principal de sua poesia, com informações ou comentários necessariamente breves, tendo em vista as limitações deste trabalho.

NOTURNAS (1861) – Opúsculo com apenas 10 poemas, em que vibram, como notas predominantes, uma tristeza mórbida, um ceticismo precoce, um desejo incontido de morrer. É pasmoso que haja saído da pena de um rapaz de 19 ou 20 anos uma estrofe angustiada como esta:

*Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança,*

*Na frente sinto passar!
Os invernos me despiram,
E as ilusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar!*

O ESTANDARTE AURI-VERDE (1863) – Versos de cunho patriótico, inspirados na “Questão Christie”. Constituem o que de pior produziu o nosso poeta, em nada contribuindo para a sua merecida glória.

VOZES DA AMÉRICA (1864) – Consagração definitiva de Varela, projetando-lhe, inclusive, o nome além das fronteiras da Pátria. É, dentre as suas obras, aquela em que se verifica maior variedade de temas e em que se vislumbram as primeiras manifestações de uma ideia quase obsidente, uma das características mais marcantes da sua temática: a confrontação entre as delícias da vida campestre e o trágico cortejo de hipocrisias dos centros urbanos.

CANTOS E FANTASIAS (1865) – Novo livro e nova consagração. É talvez o mais lírico e o mais íntimo da sua produção poética. Joaquim Nabuco, estabelecendo confronto entre Varela de um lado, e Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias do outro, perguntaria: “Qual dos três nomes da poesia brasileira apresentou ainda nos bancos acadêmicos um livro da força, do quilate e do valor dos *Cantos e Fantasias*?”

Dentre os poemas desse livro, destaca-se o *Cântico do Calvário*, uma das mais emocionantes elegias da literatura brasileira, em que Varela chora, desesperado, a morte prematura do primogênito, o inocente Emiliano:

*Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança
(...)*

CANTOS MERIDIONAIS (1869) – São poemas repletos de melancolia e de ceticismo, nos quais a confrontação entre a vida do campo e a da cidade parece quase uma verdadeira obsessão.

CANTOS DO ERMO E DA CIDADE (1869) – Uma de suas características é a variedade de temas. Trata-se de poesias feitas em diversos momentos da vida. Edgard Cavalheiro, um dos grandes estudiosos da vida de Varela, assinala que, nesse volume, “vibra todas as cordas, algumas com muito brilho, outras com menor, mas sempre pairando acima da média comum”.

ANCHIETA OU O EVANGELHO NAS SELVAS (1875) – Os últimos anos de vida Fagundes Varela

empregou-os devotamente na composição dum grande e extraordinário poema que, no meu entendimento, bastaria, por si só, para aureolá-lo como um dos grandes vates da literatura brasileira, tornando-o, no dizer de Agripino Griego, "o nosso grande poeta cristão, o nosso maior poeta cristão". Piedosa narração em versos da vida e morte de Jesus. Varela coloca nos lábios de Anchieta as lições sublimes do Evangelho, imaginando-as contadas pelo Apóstolo do Brasil, para edificação e embevecimento do silvícola brasileira.

Anchieta ou Evangelho nas Selvas foi publicado poucos meses após a morte do poeta. O respectivo manuscrito está guardado na Biblioteca Municipal de São Paulo.

Para finalizar as informações sobre o meu patrono na Academia Fluminense de Letras, transcrevo, como exemplo da sua musa cristã, esta súplica angustiada e comovente:

*Jesus, dá-me valor! Lava a minha alma,
Lava-me a lira, a inspiração, a pena,
Como lavaste os pés a teus amigos!
Faze que eu não fraqueie, não tropece!
Mas, se, embora de rastros, arquejante,
Vencido pela dor e pela febre,
Eu tenha de seguir-te, oh! seja feita
A vontade de Deus bendita sempre!*

Os versos de Fagundes Varela presentes no artigo acima foram transcritos, cuidadosamente, das fidedignas *Obras Completas* (organização, revisão e notas de Frederico José da Silva Ramos, Edição Saraiva, São Paulo, 1962, 2ª edição).

LUIZ CARLOS SILVA LESSA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 18
Classe de Letras



Advogado e professor. Membro do Conselho Estadual de Educação/RJ 1962-70, cuja Câmara de Ensino Médio presidiu. Presidente do Sindicato dos Professores de Niterói e São Gonçalo 1963-66. Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras, com a monografia *José Lins do Rego no Tribunal da Gramática*. Menção honrosa do Instituto Nacional do Livro, com a citada monografia, sob o título de *Língua e estilo de José Lins do Rego*. Procurador-geral do Estado/RJ 1974-75; chefe da Assessoria Jurídica da Secretaria de Estado de Educação/RJ 1979-86 e 1991-94. Membro do Cenáculo Fluminense de História e Letras. Livros publicados: *O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa*; *João XXIII e o Marxismo*; *Arariboia, o Cobra da Tempestade*; *Poesias... talvez*; *Pontos controvertidos da vida de Arariboia*; *Dicionário de Doutrina Social da Igreja*.



FELICIANO SODRÉ **1881-1945**

Patrono da Cadeira nº 49
Classe de Letras

ENEIDA FORTUNA BARROS
Comissão de Redação

Natural de Macaé, Feliciano Pires de Abreu Sodré faleceu em Niterói/RJ. Engenheiro, militar, político e patrono da Classe de Letras (CL), por reforma estatutária – AGE de 20.08.2015.

Presidente do Estado do Rio de Janeiro, promulgou a Lei nº 2.162 de 07.11.1927, em que assegurou, sem que fosse solicitado, em atitude de raro "mecenatismo", a posse definitiva da sede da instituição, a ser instalada "no corpo central do pavimento superior do edifício da Biblioteca Pública do Estado", em final de construção.

Tal lei só se tornou possível a partir do seu mandato de prefeito (de 31.12.1910 a 21.03.1914), em que deu continuidade à fase de grandes empreendimentos na cidade, iniciada no governo de Oliveira Botelho, seu antecessor. Reformou o Teatro Municipal; propôs à Câmara de Vereadores, recursos para o saneamento da enseada de São Lourenço e a futura construção de um porto no local; aproveitou águas de rio para reforço do abastecimento em Niterói; construiu o Paço Municipal (atualmente Secretaria Municipal

de Educação), iniciou as obras de construção do novo quartel do Corpo de Bombeiros, na rua Marquês do Paraná; promoveu o calçamento de ruas e avenidas.

Para dar início à realização do projeto de criação do centro cívico da capital fluminense, começou a pôr abaixo o morro à esquerda da rua Dr. Celestino (Celestino Gomes de Oliveira, advogado militante e vereador), aterrou o antigo Campo Sujo e fez novo arruamento, que lhe possibilitou a abertura da atual Praça da República, no centro de Niterói.

Mais tarde, já Presidente do Estado, iniciou a construção do edifício sede da Biblioteca e da AFL, o primeiro a ser construído no entorno da praça, segundo o projeto arquitetônico do arquiteto Lothar Kastrup. O desenho do salão da Academia, no entanto, recebeu de suas próprias mãos, magistrais, a forma atual, admirada até hoje.

Feliciano Sodré viveu com a intensidade e a inquietude de verdadeiro estadista, sempre a serviço do bem-público. Foi responsável pelo aterro e arruamento da enseada de São Lourenço, e pela construção do porto de Niterói, projetados antes, quando prefeito. Construiu ainda o porto de Angra dos Reis, fez a abertura de túneis e instalou a rede de esgotamento de Niterói. Devesse a ele – um dos idealizadores do movimento chamado Renascença Fluminense, inspirado na remodelação da cidade do Rio de Janeiro, de Pereira Passos – a inauguração de monumentos e placas comemorativas, espalhadas por jardins e

praças públicas da cidade.

Iniciou sua vida política como deputado estadual (1910) e foi eleito senador pelo Estado do Rio (1928).

Seu nome é homenageado na Avenida Feliciano Sodré, em Niterói, próxima ao porto por ele construído; na Ponte Feliciano Sodré, em Cabo Frio (1926), que interliga os dois lados da cidade, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal; além de outros logradouros e escolas de vários municípios – e permanece “bendito” na AFL.



ENEIDA FORTUNA BARROS

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 19

Classe de Letras

Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.

Academia Fluminense de Letras
Foto: Antonio Machado





GUILHERME BRIGGS

1854-1912

Patrono da Cadeira nº 22

Classe de Letras

ENEIDA FORTUNA BARROS
Comissão de Redação

Natural de Angra dos Reis/RJ, educador, político e jornalista.

Descendente de família de educadores do antigo Colégio Briggs, em Niterói, onde veio morar desde cedo, Guilherme Christino Raoux Briggs, professor como seu pai, foi exímio no ensino de Sintaxe e Retórica. Miguel Couto e Antônio Parreiras foram alguns dos homens ilustres que passaram por suas classes.

Tornou-se logo redator do jornal *O Fluminense* (fundado em 1878), como representante do Partido Conservador. Valendo-se de sua atividade jornalística, fez campanha pública para a construção do jazigo do poeta Fagundes Varela, esquecido em cova obscura do Maruí. Após angariação de fundos, inaugurou-se o túmulo (1886), projeto do escultor Ludovico Berna.

Eleito deputado provincial (1884), debateu-se, na Câmara, pela solução do abastecimento de água na capital fluminense, então problema crucial da cidade. Dirigiu a Repartição de Estatística do Estado e ocupou, depois, o lugar de catedrático de História na Escola Normal de Niterói, que dirigiu temporariamente. Foi ainda lente do curso anexo da Escola de Direito e professor do Colégio

Abílio, no Fonseca.

Idealista dedicado, Guilherme Briggs fundou, paralelamente às suas atividades, uma agremiação literária intitulada Congresso Litterario Guarany (07.09.1880), após ter convocado, em agosto daquele ano, uma reunião de intelectuais, no teatro Santo Antônio (existente na época). O grupo, inicialmente instalado na Câmara Municipal, transferiu-se depois para a rua Visconde de Uruguai, nº 177, sobrado, incentivado pelo sucesso de suas reuniões literárias, que, desde o princípio, atraíram muitos interessados de valor.

Tendo tentado, em vão, reabrir a Biblioteca Provincial, que fora fechada, ele próprio abriu, no ano seguinte à criação do Congresso (1881), uma biblioteca, através de livros doados pela população e franqueados ao público; e lançou, a seguir (1882), *O bibliophilo*, coletânea de escritos dos sócios.

O progresso da iniciativa, o apoio da população e do público e a ajuda do poder público levaram a diretoria a transferir-se novamente (1888) para a rua Visconde de Rio Branco, também nº 177 sobrado, em busca de maior espaço para o aumento da biblioteca e a instalação da sala de consultas e do salão de reuniões.

Incansável, criou, no novo endereço, o Lyceo de preparatorios (07.09.1889), frequentado por mais de 100 (cem) alunos. Em edifício separado, abriu ainda, embora como dependência do Congresso, o Lyceo de Artes e Officios, para dar atendimento aos ex-escravos, recém-libertos pela Lei Áurea, que perambulavam, ociosos, por Niterói. Matricularam-se mais de 150 (cento e cinquenta) alunos nas aulas e oficinas do liceu, que passou a funcionar na praça Fonseca Ramos nº 1 (antigo Largo do Quartel); e depois, nos prédios nºs 35 e 37 da rua São João, alugados

Colégio Estadual Guilherme Briggs
Fonte: GoogleMaps



pela municipalidade.

Em 1904, Guilherme Briggs ainda se encontrava na presidência do Congresso, mas, retirado o auxílio público, foi fechado o Lyceu, e pouco depois, toda a associação, que chegou a ter matriculados 531 (quinhentos e trinta e um) alunos. Isso minou-lhe a saúde e ele acabou falecendo em 28.07.1912, na pobreza, deixando família numerosa.

Escreveu: *O Deus antigo e o Deus moderno; O socialismo e o futuro; e A eternidade humana.*

Seu nome permanece em uma rua de São Domingos e no Colégio Estadual de Santa Rosa.

"Qualquer que seja o custo de nossas bibliotecas, é barato comparado ao preço de uma nação ignorante."
Walter Cronkite

ENEIDA FORTUNA BARROS

Acadêmica Titular da

Cadeira nº 19

Classe de Letras



Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.



HIPÓLITO DA COSTA 1774-1823

Patrono da Cadeira nº 7
Classe de Ciências Sociais

MÁRIO DE SOUSA

Hipólito, preso pela Inquisição, fundou o primeiro jornal do País

Na história da Comunicação no Brasil, destacamos Hipólito José da Costa, editor do primeiro jornal brasileiro, o *Correio Brasiliense*.

Em 1800, período do Império, Hipólito sofreu os horrores da censura e da perseguição política. Jornalista combativo, foi autuado por

suas ideias e convicções. Vítima da Inquisição, ficou preso de 1802 a 1805. Obstinado, Hipólito conseguiu fugir da prisão e se exilou em Londres, de onde, entre 1808 e 1822, lançou 167 exemplares do *Correio Brasiliense*, defendendo a liberdade e a independência do país.

Hipólito da Costa foi reconhecido, oficialmente, como o fundador do jornalismo brasileiro, por lei aprovada pelo Congresso Federal, e promulgada pelo ex-Presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Em 2000, o Dia da Imprensa passou a ser comemorado no dia 01 de Junho, data de publicação do primeiro número do *Correio Brasiliense*, em 1808.

Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça nasceu na Colônia de Sacramento, atual República do Uruguai, em 13 de agosto de 1774, e faleceu na Inglaterra (Londres) em 11 de setembro de 1823. Filho de Félix da Costa Mendonça Furtado (brasileiro de Saquarema, RJ) e Ana Josefa Pereira, o jornalista Hipólito é o patrono da cadeira número 17 da Academia Brasileira de Letras, por escolha de seu fundador Sílvio Romero.

Em Niterói, numa generosidade do presidente da Academia Fluminense de Letras, Waldenir de Bragança, foi aprovado o nome do jornalista Hipólito da Costa como patrono da cadeira número 07 da Classe de Ciências Sociais, em homenagem aos jornalistas fluminenses. É para mim uma honra ser o primeiro a ocupar esta cadeira, em especial como jornalista e presidente

do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro.

Escreveu Hipólito da Costa na introdução do primeiro exemplar do *Correio Brasiliense*:

O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela, e cada um deve, segundo as suas forças físicas ou morais, administrar em benefício da mesma os conhecimentos ou talentos que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O indivíduo que abrange o bem geral de uma sociedade vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes que ele espalha, tiram das trevas, ou da ilusão, aqueles que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inépcia e do engano. (COSTA, 1808)

Referência:

COSTA, Hipólito. **Introdução.** *Correio Braziliense*, nº 1. Londres: jun. 1808.

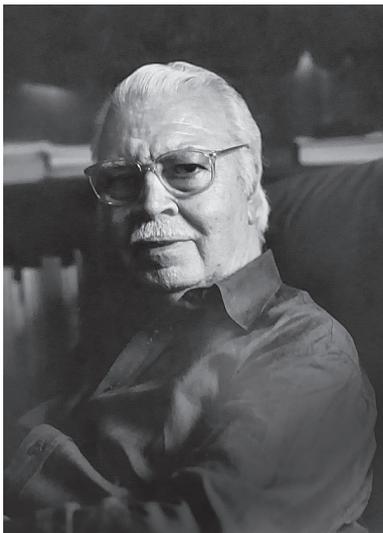


MÁRIO DE SOUSA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 7

Classe de Ciências Sociais

Bacharel em Comunicação Social / Jornalismo e Teatro. Pós-graduação em Assessoria de Imprensa. Trabalhou nos jornais *A Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Commercio*, *O Fluminense*, *A Tribuna* e outros. Foi coordenador de Teatro Universitário da Fundação Souza Marques/Rio; presidente do Fórum Permanente de Cultura/RJ; fundador e coordenador do Fórum de Artes Cênicas de Niterói; professor de Jornalismo e de Educação Artística; professor e coordenador de oficinas de Teatro para professores municipais. É editor do *Jornal da Cidade*, coordenador de Comunicação da Neltur e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais/RJ. Editou quatro livros, várias peças teatrais, dirigiu mais de 30 espetáculos.



ISRAEL PEDROSA

1926-2016

Patrono da Cadeira nº 6

Classe de Belas Artes

ROBERT PREIS

Israel Pedrosa nasceu na cidade Alto Jequitibá, Minas Gerais, no dia 18 de abril de 1926 e morreu em Niterói, no dia 07 de fevereiro de 2016, aos 89 anos. Foi pintor, pesquisador, professor universitário, escritor e livreiro.

Discípulo de Candido Portinari, cursou a Escola Superior de Belas Artes de Paris entre 1948 e 1950. Foi o fundador da cadeira de História da Arte na Universidade Federal Fluminense (1963)

e consultor “ad hoc” do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1986).

Sua atuação como professor foi muito importante e deixou sua marca indelével. Criou o símbolo (logomarca) da Universidade Federal Fluminense, que fez parte de um cartaz exposto durante uma Semana de Cultura da UFF, é usado a partir de 1967 até hoje.

Sua obra é extensa, com inúmeras premiações, nacional e internacionalmente, e tem presença definitiva no mundo artístico mundial.

Pedrosa foi o criador da *Cor Inexistente*, uma profunda e científica pesquisa sobre arte e a teoria das cores, abordando Da Vinci, Newton, Goethe e muitos gênios das artes e da literatura. Foi lançada em 1977 e já teve muitas edições, como um verdadeiro tratado indispensável a todos aqueles que se dedicam à pesquisa e às artes.

Mais que um cientista das artes, Pedrosa era um professor, um artista, um pesquisador, um mestre, sempre atento, um verdadeiro gênio cuja obra é reconhecida, respeitada pela crítica, pesquisada no mundo inteiro por historiadores e artistas.

Gostaria, contudo, de falar aqui, do amigo, com quem tive a honra de conviver e admirar mais a cada dia. Sábio, mas não contemplativo, brinda seus ouvintes em qualquer ocasião com suas aulas magnas, dadas em áreas públicas ou no seu impecável “Atelier”, momentos inesquecíveis para todos os que tiveram a ventura de usufruí-los.

Por tudo aquilo que foi, é, e sempre será, é digno da preservação de sua memória e de sua obra transcendental.

Marco Lucchesi, atual presidente da Academia Brasileira de Letras dirá: "Israel Pedrosa é um modelo de artista e intelectual, cuja vastíssima cultura tem construído uma síntese ou uma ponte rara entre ciência e poesia – tal como entendiam Goethe e Leonardo da Vinci" (Prefácio do livro de Israel Pedrosa *O Universo da Cor*, Senac Nacional, 2009).

É motivo de orgulho inaugurar a sua cadeira nº 6 (Classe de Belas Artes) a partir de agora, cultuado pela nossa grande Academia Fluminense de Letras.

Referência:

BONUCCELLI, Lucciano. **Israel Pedrosa**. 1 fotografia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Israel_Pedrosa#/media/Ficheiro:Israel_Pedrosa.jpg>. Acesso em: 31 out. 2020.



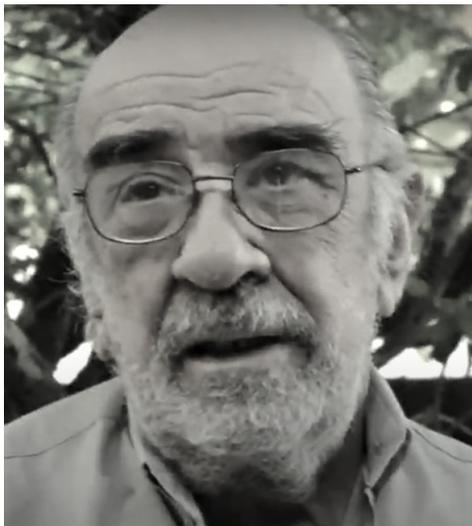
ROBERT PREIS

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 6

Classe de Belas Artes

Bacharel e licenciado em História, pós-graduado em Língua e Literatura Alemã, doutor em Linguística, USP. Especialista em Administração Universitária, UFF. Auxiliar de Ensino de Língua Alemã, USP (1968-1971).

Professor assistente de História Medieval, PUC/SP (1968). Professor de Língua e Literatura Alemã (1973-1992); chefe do Departamento de Literatura e do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (1989-1991), UFF; chefe do Setor Rio da Comissão Provisória de Terminologia Científica, junto à ABNT (1990-1996). Publicou três livros de poesia. Participou de várias exposições com desenhos, pinturas e esculturas. Membro fundador da Associação dos Professores Inativos da UFF (ASPI-UFF) e honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói.



LEIR MORAES 1935-2015

4º Ocupante da Cadeira nº 9
Classe de Letras

MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO

Leir Moraes, nada mais

Recentemente estive na Prainha, localidade situada no 2º distrito de Rio Bonito, Boa Esperança. Fui para matar a saudade do que não vivi, mas do muito que me foi contado ao longo dos anos. Saltei do carro, olhei à volta e sorri como

se estivesse presente a uma corrida de cavalos tão comum na década de sessenta ali naquele lugar. Seu Belizário, um velho rio-bonitense que vende mel próximo ao Mercado Municipal me confidenciou enquanto embrulhava o que vendia, que gostava de assistir corridas naquela época. Quase fui à sua procura para que acrescentasse mais alguma coisa ao que eu já sabia, mas a pandemia do coronavírus nos assustou e não sei por onde ele anda.

O que também me leva a ter um olhar muito carinhoso quando me refiro à Prainha é que é berço do poeta Leir Moraes, nascido em 4 de outubro de 1935 e falecido em 14 de junho de 2015. Leir foi mais que um poeta, um rio-bonitense inesquecível. Lutava pela cultura no torrão natal com unhas e dentes como se diz popularmente, vivendo a vida cultural de nossa cidade de forma única, personalíssima. Morava ao pé da Serra do Sambê numa rua cujo nome é Rua Renato de Lacerda e não podia ser de outra maneira: o poeta Renato denominando a rua do poeta Leir...

Foram, portanto, 79 anos dedicados à cidade, aos filhos, aos amigos, à poesia. Em certa ocasião Leir escreveu que seu amigo Hélio Nogueira, o também queridíssimo poeta, em versos magníficos afirmara que a poesia nasce nos rio-bonitenses ao respirarem a brisa da Serra do Sambê, o que, se bem pensarmos, justificaria

a presença da poesia no ser Leir Moraes, que a extravasava nos seus escritos fossem eles artigos, crônicas, poemas, trovas, recados, bilhetes, pequenos lembretes...

Extremamente simples. Lembro-me que comemorávamos o seu aniversário anualmente na Biblioteca Pública Municipal às oito horas da manhã onde todos os seus amigos mais chegados lá já estavam para um encontro de cunho fraternal.

Pequenos discursos, afirmações de amizade entre um gole e outro de café com leite, pãezinhos, um docinho aqui, outro acolá, de forma carinhosa e minuciosamente arrumados pelas bibliotecárias e auxiliares, além de flores para enfeitar a mesa e um bolo feito na cozinha de nossos lares. Era o que podíamos oferecer. Era o que ele recebia de bom grado. Era o que nos deixa saudade até hoje.

Dentre os livros de poesia que escreveu, escolho e recorro de *Nada Mais*, – que é, no dizer de Hélio Nogueira um livro amadurecido. E completa o poeta Hélio: “em *Nada Mais* há caminhos para os céus, com nuances de liturgia, iluminados por uma filosofia cristã”. Admirável!

Leir Moraes viveu a vida que lhe foi dada viver, intensamente. A sua posse como Membro Titular da Classe de Letras da AFL, na Cadeira nº 9, patronímica de B. Lopes, aconteceu em 12 de janeiro de 2012, em concorrida solenidade no Esporte Clube Fluminense, em Rio Bonito – a primeira posse solene realizada fora da sede da instituição, em homenagem ao escritor e poeta. No seu discurso, após ser saudado pela acadêmica Eneida Fortuna Barros (que falou em nome do acadêmico Sávio Soares de Souza) e agradecer as palavras proferidas pelo Dr. Waldenir de Bragança, presidente da Academia Fluminense de Letras, mostrou-se como se via: “Muito obrigado a todos os que aqui vieram para presenciar este momento de glória de um ser humilde que, com sacrifício e simplicidade, chegando com os pés descalços, vindo da roça, pôde calçar as sandálias indelévels e honrosas da imortalidade”.

O Dia Municipal da Cultura em Rio Bonito, instituído através da Lei nº 1.728 de 22 de outubro de 2010, é comemorado anualmente no dia 4 de outubro, dia do nascimento do poeta Leir, assim



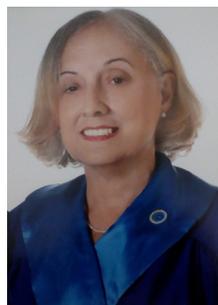
Praça Fonseca Portela, Rio Bonito

Fonte: GoogleMaps

como, a Lei nº 2.165 de 27 de dezembro de 2016 no art. 1º determina: “Passa a denominar-se Estrada Municipal Poeta Leir de Souza Moraes a atual Estrada da Prainha (BRT 108) no segundo distrito, Boa Esperança”.

Na manhã do dia 7 de maio de 2017, a Praça Fonseca Portela, em cerimônia marcada pela emoção dos familiares, amigos, autoridades e convidados, recebeu dos rio-bonitenses o busto do poeta e escritor Leir Moraes para nela, a principal praça da cidade, permanecer para sempre.

Honra ao Mérito!



**MARIA DO CARMO
SOARES CORDEIRO**

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 9
Classe de Letras

Bibliotecária, professora, escritora e poetisa. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação, UFF. Trabalhou na Biblioteca Pública Estadual de Niterói. Organizou o acervo da Casa da Cultura e respondeu pelo Departamento de Cultura de Rio Bonito. Publicou *Como foi que um rio bonito transformou-se numa cidade sorriso; Jardim de sonhos; Duque de Caxias, 22: o endereço da felicidade; Como somos: o rio-bonitense tal qual ele é; Ao pé da serra: um paraíso* (colaboração). Compôs a Oração de Graças pelo Centenário da Academia Fluminense de Letras.

*"Um poeta é, antes de qualquer coisa,
uma pessoa fervorosamente
apaixonada pela linguagem."*

W.H. Aude



LÚCIO DE MENDONÇA

1854-1909

Patrono da Cadeira nº 26
Classe de Letras

SÁVIO SOARES DE SOUSA

Lúcio de Mendonça (por extenso, Lúcio Eugênio e Vasconcelos Drummond) nasceu na fazenda do Morro Grande, em Piraí, RJ, no dia 23 de novembro de 1854.

Órfão de pai aos cinco anos, foi criado por parentes em São Gonçalo de Sapucaí, MG. Ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo em 1871, mas devido à sua participação em um protesto acabou sendo suspenso por dois anos – período que passou no Rio de Janeiro, trabalhando com o irmão Salvador de Mendonça na redação de jornal republicano, onde travou conhecimento com vários escritores famosos.

Ainda estudante, fez jornalismo profissional em *A República* e em *A Província*, de São Paulo. Em 1872, publicou *Névoas Matutinas*, com prefácio de Machado de Assis. Bacharelando-se em 1878, passou a dividir-se entre a advocacia e a imprensa, participando da campanha republicana pelas colunas de *Colombo*, *O Dia*, *O País* e *Jornal do Brasil*.

Depois de 1889 ocupou cargos de importância no novo regime, tendo chegado a ministro do Supremo Tribunal Federal (1895).

Nomeado procurador-geral da República em 1897, teve que se aposentar em decorrência da perda da visão. Faleceu no dia 23 de novembro de 1909, no Rio de Janeiro, deixando viúva D. Anita Sussekind de Mendonça.

Foi um dos fundadores da Academia

Brasileira de Letras.

Na prosa de ficção, além de um romance naturalista, *O Marido da Adúltera* (Campanha, MG, 1882), deixou Lúcio de Mendonça vários contos, recolhidos em *Esboços e Perfis* (Rio, 1889) e *Horas do Bom Tempo* (Rio, 1901). São os mais característicos, narrativas de desfecho imprevisto, à Maupassant, condimentadas com pormenores regionalistas, numa fórmula que antecipa Monteiro Lobato.

As poesias completas de Lúcio de Mendonça estão em *Murmúrios e Clamores* (Rio, 1902). Lirismo amoroso e pregação política são as duas tônicas do livro, destacando-se, neste, os pequenos cromos de crítica social de *As visões do Abismo*, que fazem de Lúcio de Mendonça um dos luminares da poesia socialista, antecipadora do Parnasianismo.

Referências:

LÚCIO DE MENDONÇA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAcio_de_Mendon%C3%A7a>. Acesso em: 20 set. 2020.

LÚCIO DE MENDONÇA. **Portal do Supremo Tribunal Federal. Ministros**. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=152>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SÁVIO SOARES DE SOUSA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 26
Classe de Letras



Bacharel em Direito, jornalista, poeta e orador, crítico de literatura e de cinema. Bancário, taquígrafo da Assembleia Legislativa, promotor e depois procurador de Justiça do MP

Fluminense. Jornalista do diário *O Estado* (1952), secretário de *O Fluminense* e coeditor de seu próprio suplemento literário (1962-1972). Colaborou em *Letras fluminenses* e na revista *Bali*. Presidente de honra da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói, integra as Academias Niteroiense e Gonçalense de Letras. Autor de: *Mundo número dois*; *O salto e o paraquedas*; *Signo de sapo*; *A outra face de Alberto de Oliveira*; *Rapsódia para sanfona*; *Argumento de trovador*; *O canibal arrependido e outros discursos*; *Ressurreição do soneto*; *Ensaio de minha douta ignorância*; e *Noé ou a máquina antediluviana*.

“Não tem pátria um povo que não
canta em sua própria língua.”
Alberto Nepomuceno



MARCOLINO GOMES CANDAU 1911-1983

Patrono da Cadeira nº 6
Classe de Ciências

WALDENIR DE BRAGANÇA
Comissão de Redação

Ministro da Saúde do Mundo

Comecei a conhecer Marcolino Candau na Faculdade Fluminense de Medicina. Mais tarde, impressionou-me como permanecia desconhecido entre seus conterrâneos, tendo alcançado a mais alta função de Saúde, como diretor-geral da Organização Mundial de Saúde.

O Rio, em 31 de maio de 1911, serviu de berço familiar para Marcolino Gomes Candau, para entregá-lo, ainda jovem, ao seu berço profissional, Niterói, onde começa seus estudos em 1928, na Faculdade Fluminense de Medicina.

A lado de Vasco Barcellos, cria o Diretório Acadêmico Barros Terra. Entusiasma-se pela Saúde Pública ao identificar-se com o professor de Higiene, o sanitarista Manoel José Ferreira – querido mestre e amigo ao qual estaria vinculado por toda a vida. Diplomando-se em 18 de novembro de 1933, passa a professor assistente de Higiene. Faz o Curso de Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública.

Nomeado médico do Estado do Rio, conhece de perto os problemas sanitários das cidades do interior. Assistente do diretor-geral de Saúde Pública, usa sua liderança para estimular colegas para o Sanitarismo. Pleiteia junto à Fundação Rockefeller no Brasil o curso de

mestrado na renomada Escola de Saúde Pública da Universidade de John Hopkins, em Baltimore, Maryland (EUA). Antes de realizar o projeto, teve a missão de combater o *Anopheles gambiae*, em 1939, como médico dos Serviços de Malária do Nordeste.

Ao retornar, chefia o Centro de Saúde de Niterói, onde se preparavam os novos sanitaristas. Em 1943-44 é designado diretor da Divisão de Educação Médica do Serviço Especial de Saúde Pública e em 1947, superintendente. Amplia as ações do órgão, iniciando programas de saúde na Amazônia e no Vale do Rio Doce.

Em 1950, é convidado a ocupar o cargo de diretor da Divisão de Organização de Serviços de Saúde da OMS. Em 1951, vai ser diretor-geral assistente e, em 1952, vice-diretor da Organização Pan-Americana de Saúde.

Em 1953, o diretor-geral da OMS, Dr. Brack Crisholm, decide afastar-se. Reúne-se, com a participação do inesquecível Maneco Ferreira, o Conselho Executivo da OMS, e Marcolino Candau é eleito diretor-geral, com um mandato de 5 anos – que seria renovado três vezes, por unanimidade.

Ei-lo, aos 42 anos de idade, feito ministro da Saúde do mundo, a enriquecer suas origens, enobrecendo e dignificando a profissão, erguendo e mantendo, por duas décadas, a credibilidade no médico brasileiro.

Deu novas dimensões à organização. Elevou o número de países membros de 48 para 153 (mais do que possuía a própria ONU). Fez editar a Revista Saúde no Mundo, contendo orientações para todos os povos. Enfrentou problemas técnicos e políticos com serenidade, imparcialidade e determinação. Construiu ampla e condigna sede – onde chegam e de onde saem as coordenadas mensagens dos avanços em todas as partes do mundo – equipada e inaugurada na sua administração (1966). No Jardim de Higiência, à entrada, roseiras de Barbacena, cactos nordestinos; entre os ornamentos, quadro de Iberê Camargo, madeira do Espírito Santo, pedras de Minas Gerais. O Brasil se faz presente na memória imorredoura de Marcolino Candau, que lá deixou as marcas do seu idealismo.

Soube ultrapassar limites e fronteiras para levar os objetivos identificados com as necessidades do bem comum a todas as regiões, sem distinções de raça, credo, condição social, política ou ideologia. Imbatível portador dos ideais, foi pioneiro, desbravador, bandeirante da Saúde – admirado e respeitado pelas suas

meritórias ações. Realizou a “Era Candau” na OMS, em 4 quinquênios de pleno sucesso. Nenhum outro dirigente alcançou tanto reconhecimento em organismos internacionais.

Chegou a ser nomeado ministro da Saúde do Brasil, em 1962, e veio pessoalmente explicar as razões para declinar do convite: liderava várias frentes de luta contra graves doenças, como malária, poliomielite, tuberculose, influenza, tracoma, esquistossomose, febre hemorrágica, hanseníase e outras, além de comandar a construção da casa própria da OMS.

Em 1972, encontramos-nos com Candau no Hotel Debret, em Copacabana. Relatou que estava coordenando os trabalhos de dois mil especialistas em cancerologia e que a Imunologia daria, em breve, respostas importantes na luta contra o câncer. Entusiasmava-se com a obtenção da vacina contra a poliomielite e a doação de Albert Sabin, a erradicação da boubá no Haiti e a estruturação do Congo Belga para programas integrais de Saúde. Sorridente, descrevia diferenças entre sua vida lá fora e aqui no Brasil, onde era um ilustre desconhecido. Presenciamos quando o ministro

da Saúde, Rocha Lagoa, ofereceu-lhe segurança em sua estada no Rio. No que ele respondeu: – “Para que? Ninguém aqui me conhece...”

Afirmava, como um obstinado, que a varíola não mais haveria de existir no mundo – e conseguiu escrever a página de sua erradicação. Era recebido com honras de chefe de Estado em inúmeros países; isto, para ele, dizia, não significava tanto quanto estar em meio à sua gente, recordando instantes vividos do outro lado da baía (Niterói) e no Rio, faces de velhos amigos e companheiros que lhe davam saudade.

Ao deixar o cargo, em 1973, foi escolhido por unanimidade pela XXVI Assembléia Mundial de Saúde para receber o título de Diretor-Geral Emérito da OMS. Foi conselheiro da Universidade das Nações Unidas de 1973 a 1974. Entre 1975-1979, exerceu o Magistério na Universidade de Michigan, como professor de Saúde Internacional.

A Revista Médica Britânica (British Medical Journal) dedicou artigo às suas realizações:

Sede da Organização Mundial de Saúde Genebra, lados norte e oeste.

Fonte: © Yann Forget/Wikimedia Commons/CC-BY-SA



Quando Candau chegou, a OMS era pequena. Ele a deixa como uma grande organização, da qual tem sido o principal arquiteto, merecidamente recebedor de honras de muitos. O monumento que deixa é uma organização internacionalmente reconhecida como efetivo instrumento a serviço das necessidades de saúde da humanidade.

Sobre ele disse o ex-diretor-geral da OMS Hiroshi Nakajima (1998):

Muito do que a instituição é hoje e muito do modo como funciona se deve ao pensamento, conselho e liderança do Dr. Candau. Os sucessos da OMS – como a erradicação da varíola, a vindoura erradicação da pólio e da filariose, não seriam possíveis se uma sólida infraestrutura não tivesse sido construída por esta organização. Dr. Candau estabeleceu as bases para esta infraestrutura.

Marcolino Candau foi casado com D. Ena de Carvalho, com quem teve dois filhos.

Em 24 de janeiro de 1983, faleceu o mais laureado aluno da Faculdade de Medicina da UFF, o dignificador de mandatos, honrando o Brasil e se transformando no ministro de Saúde do mundo para servir à harmonia entre os povos, à felicidade das nações e à paz.

Exercendo à época a prefeitura de Niterói, propusemos erguer um mausoléu em honra ao grande brasileiro. Seu filho Marcos Candau declinou, informando que o pai pedira para ser cremado – e que as cinzas fossem lançadas no Jardim de Higéia, em frente à sede da OMS.

Tivemos oportunidade de visitar o belo edifício em 1987; conversamos com o então diretor-assistente, Dr. David Tejada de Rivero, e outros funcionários que externaram profundo respeito e admiração pelo diretor Candau. Seu escritório é conservado como um altar na Catedral de Saúde, onde pontifica como um Benfeitor da Humanidade.

Niterói manifestou seu reconhecimento ao grande vulto da Saúde Pública dando seu nome ao Centro Social Urbano da Ilha da Conceição e a uma rua de Piratininga. Benemérito das Associações Médicas Brasileira e Fluminense, Doutor Honoris Causa do Conselho Universitário da UFF, foi homenageado com as mais altas distinções conferidas por exponenciais organismos de diversos países.

O desaparecimento físico de Marcolino Candau não pode apagar a memória de suas



Faculdade Fluminense de Medicina
Fonte: Acervo UFF

obras – o exemplo de perseverança, a consciência da missão que lhe fora confiada em favor da humanidade.

Referências:

BRAGANÇA, Waldenir. **O Brasil na Organização Mundial de Saúde através de Marcolino Candau Ministro da Saúde do Mundo**. Niterói: Instituto Vital Brazil, 2008.

Dr. M. G. Candau and W.H.O. **British Medical Journal**, nº 5.864, 26 maio 1973, p. 433. Londres, Inglaterra: BMJ Publishing Group Ltd / British Medical Association. Disponível em: <<https://www.bmj.com/content/2/5864/433>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PETERS, Hans. **Marcolino Gomes Candau** (1972). Nationaal Archief. 1 fotografia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcolino_Gomes_Candau#/media/Ficheiro:Marcolino_Gomes_Candau_\(1972\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcolino_Gomes_Candau#/media/Ficheiro:Marcolino_Gomes_Candau_(1972).jpg)>. Acesso em: 31 out. 2020.



WALDENIR DE BRAGANÇA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras, a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Academia Brasileira Rotária de Letras. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados*; das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas*, *O direito do idoso e a realidade*, *O Brasil na Organização Mundial de Saúde* e *Direito Médico – Direito Médico-Social*. Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).



NINA RITA TORRES 1941-2014

Patrona da Cadeira nº 12
Classe de Ciências Sociais

WALDENIR DE BRAGANÇA
Comissão de Redação

Jornalista e Educadora

Nina Rita Torres nasceu em Niterói, no dia 3 de janeiro de 1941. Nasceu em berço de ouro, mas manteve a alma de bondade e generosidade até a sua morte.

Estudou no Colégio Pio XI e concluiu o Curso Normal no Colégio São Vicente de Paula. Apesar do prestígio familiar e dos inúmeros convites, preferiu ser professora em sala de aula até se aposentar, no Centro de Educação Cívica Estadual.

O amor de Nina Rita pela educação e pelas crianças era tão grande, que criou e editou a partir de 9 de abril de 1972 o *Caderno Pingo de Gente*, suplemento infantil que durante anos trouxe conteúdo educativo, cultural e recreativo para os jovens leitores de *O Fluminense*, além de oferecer subsídios para uso em sala de aula pelos professores do Ensino Fundamental. Na produção do suplemento, a jornalista e educadora Nina Rita unia as duas vocações para realizar o elevado propósito de criar o hábito de leitura nas crianças. Dedicada, se debruçava em pesquisas sobre matérias relevantes, elaborava atividades de conteúdo pedagógico, promovia entrevistas com personalidades da Cultura e da

Literatura.

Fazendo uma rápida leitura nos arquivos desse caderno de grande importância educacional, verificamos nas fotos dos pequenos sócios do *Pingo de Gente* muitos nomes de destaque nos dias de hoje, em todos os campos de atividade profissional e intelectual. Entre eles: Marco Lucchesi, presidente da Academia Brasileira de Letras, premiado poeta, romancista, ensaísta, tradutor e esperantista, professor titular da Faculdade de Letras da UFRJ; e Monica Venerabile, que se tornou uma das mais importantes comunicadoras do rádio brasileiro, depois de estrear como grande sucesso como locutora da *Rádio Fluminense FM*.

Nina Rita, depois do sucesso do *Pingo de Gente*, pelo seu grande prestígio e conhecimento da sociedade fluminense, assinou durante anos uma coluna social e de notícias no mais antigo jornal do Estado do Rio de Janeiro.

Filha de importante família da política fluminense e brasileira, nunca buscou se beneficiar nem usar o poder do sobrenome. Seu pai, o jornalista Alberto Francisco Torres, diretor-presidente de *O Fluminense*, principal jornal do antigo Estado do Rio de Janeiro, foi deputado estadual, deputado federal constituinte, secretário estadual de Educação, chefe de Gabinete do ministro da Educação Brígido Tinoco e figura influente na Velha Província e no novo Estado do Rio. Seu tio Acúrcio Torres foi deputado federal, líder do presidente Eurico Gaspar Dutra e nome relevante no cenário político. Outro tio, Paulo Francisco Torres, foi um dos poucos marechais do Exército Brasileiro, governador, deputado federal, senador e presidente do Congresso Nacional.

Com a morte do pai, assumiu a presidência

UMEI Prof. Nina Torres em Piratininga - Niterói
Fonte: Prefeitura de Niterói



do Grupo Fluminense de Comunicação, dirigindo o jornal *O Fluminense* e as rádios *Fluminense FM* e *AM*, sem que o poder lhe subisse à cabeça, continuando a manter o estilo de vida simples até sua morte, no dia 10 de abril de 2014.

Foi casada com o jornalista Ephrem Wellington de Barros Amora, com quem teve dois filhos, Alberto Francisco Torres Amora, médico dermatologista, que faleceu prematuramente, e Alexandre Torres Amora, que a substituiu no comando dos órgãos de comunicação da família.

Seu nome está perpetuado na Unidade Municipal de Educação Infantil Nina Rita Torres Amora, no bairro de Piratininga, e como patrona da cadeira 12 da Classe de Ciências Sociais da Academia Fluminense de Letras.

Fontes:

Arquivo pessoal do autor

Arquivo pessoal do Jornalista Gilson Monteiro



WALDENIR DE BRAGANÇA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras,

a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Academia Brasileira Rotária de Letras. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados*; das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas*, *O direito do idoso e a realidade*, *O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social*. Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).



PEDRO II

1825-1891

Patrono da Cadeira nº 33

Classe de Letras

WAINER DA SILVEIRA E SILVA

Imperador do Brasil – D. Pedro II – Parte 3/3

A PRINCESA ISABEL E A LEI ÁUREA

D. Pedro II era um dos poucos que nunca possuiu escravos. Sob protestos, em 28 de setembro de 1871, foi assinada a Lei do Ventre Livre que decretava que todos os filhos de mulheres escravas, nascidos a partir de então, passariam a ser livres. Em 1887, D. Pedro II com sua saúde bastante

fragilizada, os médicos orientaram-no para que procurasse tratamento na Europa. Gradualmente, ele já melhorava, quando recebeu a notícia, em 22 de maio de 1888, a Princesa Isabel, sua filha, havia assinado a Lei Áurea abolindo a escravidão no Brasil, e disse, ainda doente: “Demos graças a Deus! Grande povo!” E desatou a chorar. Em 22 de agosto de 1888, retornou ao Rio de Janeiro, e, como sempre, foi recebido por seu povo, com grande admiração e amor. Conforme José Murilo de Carvalho, a deposição de D. Pedro II ocorreu no momento em que

tudo estava organizado: a escravidão havia sido abolida, as fundações do sistema representativo tinham sido estabelecidas devido a eleições ininterruptas, e havia ampla liberdade de imprensa (...) pela longevidade de seu governo e as transformações que ocorreram ao longo de seu curso, nenhum outro Chefe de Estado marcou mais profundamente a história da nação. (CARVALHO, 2007, p. 9)

E o britânico Roderick J. Barman escreveu que Pedro

era, ao mesmo tempo, o imperador modelo e o cidadão modelo. Tanto literal quanto metaforicamente, sobrepujava seus compatriotas. As realizações de D. Pedro II no âmbito nacional e a elevada reputação que desfrutava no exterior convenceram os brasileiros de que os objetivos que ele defendia criariam um país tão poderoso e civilizado quanto a França, Grã-Bretanha e Estados Unidos. (BARMAN, 1999, pp. XII-XIV)

Entretanto, políticos e militares, entusiasmados pelo patamar de desenvolvimento e prestígio internacional alcançados pelo país, não perceberam o engano que estavam prestes a realizar.

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

No dia 15 de novembro de 1889, pela conjugação de interesses políticos e militares, o governo imperial foi derrubado. Estava proclamada a República no Brasil.

EXÍLIO DE D. PEDRO II

No dia seguinte à Proclamação da República, organizou-se um Governo Provisório, que determinou o prazo de 24 horas para D. Pedro deixar o país. No dia 16 de novembro de 1889, Dom Pedro II escreveu:

À vista da representação escrita que me foi entregue hoje, às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir com toda minha família para a Europa amanhã, deixando a Pátria, de nós estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de empenhado amor e dedicação durante quase meio século em que desempenhei o cargo de Chefe de Estado. Ausento-me, pois, eu como todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. D. Pedro de Alcântara. (Acervo da Casa de Rui Barbosa)

Com sua família, D. Pedro II foi forçado a partir para o exílio em Portugal, deixando o país onde nascera, e que tanto amava. Sebastião Teixeira de Freitas registrou algumas palavras sobre D. Pedro II:

Alarmado com as notícias do Brasil. A República tenta varrer a religião, a turba enfurecida tritura as relíquias da monarquia. A mudança de regime era profunda. (...) Muda-se a bandeira nacional. A oposição a Deodoro faz com que ele dissolva o Congresso. (...) Em Paris, era a barba mais branca, realçada pela gravata negra do luto fechado. (...) Meia noite. Entra o dia 5 de dezembro de 1891. Meia hora mais tarde, a princesa beija a mão enregelada do imperador. O choro abafado enche o quarto. O grande corpo enche a cama pobre. Sobre o peito, um crucifixo. Os presentes oscilaram a mão trêmula de Isabel. Era a antiga maneira de reconhecer os herdeiros do trono. Morrera o hóspede estrangeiro do quarto 18 do Hotel Bedford. Sem coroa, sem casa própria, sem

pátria, morria o imperador do Brasil, pobre, simples como viveu. Mota Maia se aproxima. Retira os travesseiros, substituindo-os por uma almofada. Cumpria o último inocente desejo do monarca. Não era uma simples almofada. Era a pátria. A pátria que amou, a pátria a que procurou dar eleições livres, a pátria que tentou reformar sem sangue, numa evolução de cultura. Naquela almofada estava a terra do Brasil, que trouxera para repousar a cabeça na ilusão de ter restituída a pátria que tanto amou. (FREITAS, 2001, p. 186)

Com sua morte no exílio, consolidava-se a maior injustiça da história do Brasil sobre aquele que foi o maior estadista que governou a nação brasileira em todos os tempos.

Referências:

AMÉRICO, Pedro. **Pedro II aos 46 anos de idade e vestido com a Regalia Imperial do Brasil durante a Fala do trono, em 1872**. 1 pintura no Museu Imperial. Domínio público. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=12246333>>. Acesso em: 31 out. 2020.

BARMAN, Roderick J. **Imperador Cidadão e a Construção do Brasil, 1825-1891**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

CALMON, P. **História de D. Pedro II**. 1-5. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1975.

CARVALHO, José M. **D. Pedro II: ser ou não ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 9, p. 28.

EXÍLIO DE DOM PEDRO II. **Portal Rio de Janeiro Aqui**, 2013. Disponível em: <<http://riodejaneiroaqui.com/blog/golpe-que-derrubou-d-pedro-ii-e-exilio/>>. Acesso em: 18 abril 2020.

FREITAS, Sebastião T. de. (2001). **D. Pedro II**. Edições ISTO É, p. 186.

PEDRO II DO BRASIL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_II_do_Brasil>. Acesso em: 20 abril 2020.



WAINER DA SILVEIRA E SILVA

Acadêmico Titular da

Cadeira nº 33

Classe de Letras

Com o título de Ph.D., pela "Vanderbilt University", nos Estados Unidos, e de Mestre pelo Instituto Militar de Engenharia, é Professor Titular da Universidade Federal Fluminense e Professor Visitante da "Ohio University", nos EUA. Na UFF, atuou como Membro de todos os Conselhos Superiores, Diretor do Centro Tecnológico por duas gestões, Presidente da FEC - Fundação Euclides da Cunha, Diretor do Polo Universitário da UFF em Volta Redonda e Pró-Reitor de Extensão. É membro da AFL, do IHGN - Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, do IEEE - *Institute of Electrical and Electronics Engineers*, da "Latin American Studies Association", e da "American MENSA".



SALDANHA DA GAMA

1846-1895

Patrono da Cadeira nº 38
Classe de Letras

LUIZ DE ALBUQUERQUE

Ser de excelência e vida inspiradora, merece mais comentários que dados de uma fria e minuciosa biografia. Para entender sua importância como Patrono da Cadeira 38 desta Academia, significativo mesmo é iluminar-lhe o caráter, o desassombro, as convicções e a dedicação àqueles que, pelo estudo, estavam a preparar-se para os desafios da vida naval.

Entre os primeiros vagidos inocentes em Campos dos Goytacazes e os sons horrendos da tortura e da degola em Campo Osório, houve todo o tempo uma forja em ação, com períodos em que as fulgurantes centelhas espalhavam-se à distância entrecortados por outros onde predominava o abafamento.

Imposições e controle paterno levaram-no, por um lado, a um rápido ingresso no 2º ano do Colégio Pedro II, onde deparou-se com campo fértil para o desenvolvimento de suas qualidades intelectuais; por outro, a ver-se sob uma intromissão que, em nome do sucesso na carreira, chegou ao extremo de manipulações do pai na Corte a fim de transferi-lo para a linha de frente da Guerra da Tríplice Aliança, obrigando-o a afastar-se da esposa com apenas oito dias de casados. Os jovens amorosos e sonhadores nunca mais voltariam a se encontrar.

Não é propósito relatar-lhe o passo a passo das lides marinheiras. Foi brilhante. Estudos, comandos, viagens, representações em

conclaves internacionais, expedições de pesquisas nas proximidades antárticas, e finalmente, já almirante, diretor da Escola Naval.

Vivia-se, então, um período fortemente conturbado em todo o país: uma quartelada urdida para derrubar o gabinete do imperador acabara, para surpresa de seus próprios organizadores, por significar a queda do Império. Deodoro, que nunca pensara nisso, é proclamado presidente da República, mas velho, cansado e doente, renuncia, deixando o cargo para Floriano, este logo assumindo a postura clássica dos ditadores, incapaz de ver os opositores como adversários, mas sim como inimigos.

O Exército quer ficar no poder para governar, a Marinha, majoritariamente monarquista, não aceita tais rumos. Acontecem as Revoltas da Armada, e Saldanha, coerente com seu pensamento e solidário com sua Força, termina, após inúmeras peripécias, por tornar-se o comandante da esquadra na Guanabara, não mais acatando as ordens do governo, fato que comunica por carta diretamente a Floriano.

Fizera o possível para não chegar a esse ponto. Como diretor da Escola Naval, julgava-se comprometido com uma missão específica evitando, enquanto pudesse, engajar-se diretamente na luta, "no interesse de salvaguardar a Escola e seus alunos, que são o futuro e a esperança da Marinha".

Continuava a manter seu respeito pelo patriotismo dos camaradas da força terrestre, mas não deixava de adverti-los: "Por mais ilustradas que sejam as classes militares de qualquer país e elevado o seu efetivo numérico, não está na essência do seu papel a direção política dos destinos da pátria".

Inferiorizado militarmente pela escassez de armas, munição e víveres, completamente desassistido de apoio para os feridos, alvo fácil para as fortalezas de Niterói onde Floriano mandara concentrar suas forças, vítima dos desentendimentos políticos e diplomáticos entre os governos de Brasil e Portugal, Saldanha é derrotado.

Mas não desiste da luta a que fora levado por sua coragem, lealdade e convicção democrática. Perdera no mar, agora vai por terra. Busca aliar-se aos que, no Rio Grande do Sul, lutavam contra Floriano. O intrépido almirante transforma-se em general intrépido.

No dizer de Joaquim Nabuco, deixa "o dorso das ondas bravias e, como um herói das

Cruzadas, monta um cavalo e parte para a batalha que sabia perdida”.

No imaginário de Camões, Aníbal fazia pouco da filosofia no contexto das artes bélicas ao dizer que:

*A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando*

O próprio bardo, porém, responde com palavras de que Saldanha poderia servir-se para um autorretrato de corpo inteiro por incorporar vocação, caráter e respeito pelo conhecimento:

*Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente*

Homens como esse fazem um país. A tal gente a Academia Fluminense de Letras é

devedora. A Saldanha, em especial, deve o Brasil.

Referência:

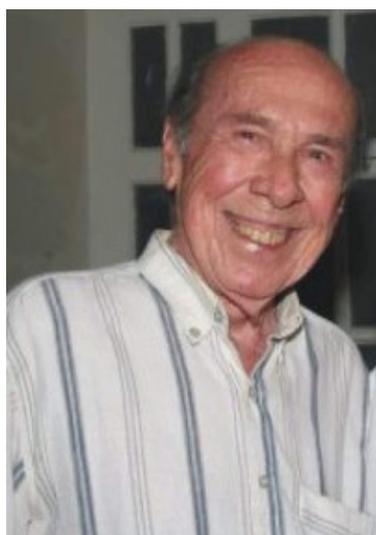
CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**, Canto Décimo (1572).



LUIZ CARLOS DE ALBUQUERQUE SANTOS

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 38
Classe de Letras

Oficial da Marinha; professor. Exerceu o magistério na Universidade Federal Fluminense, Escola Naval, Escola Superior de Guerra, Colégio Interamericano de Defesa (Washington, EUA), entre outros. Autor de oito romances e dois livros de poesia. Destacam-se: *O futuro do passado* (romance premiado no Concurso Nacional da Secretaria de Cultura do Paraná, 1994); *A sombra colorida*; *No inverno, talvez...*; *As cunhadas*; *A transparência velada*; *Encontro de paralelas*; e *A saga de Valquíria*. Ordem do Mérito Naval, Ordem do Mérito das Forças Armadas e Medalha da Junta Interamericana de Defesa.



SYLVIO VIANNA

1926-2007

Patrono da Cadeira nº 14

Classe de Belas Artes

WALDENIR DE BRAGANÇA
Comissão de Redação

O brilhante músico, maestro, compositor e arranjador Sylvio Reim Vianna nasceu no Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 1926, filho do militar João da Silva Vianna e da pianista Luiza Amália Berger Reim Vianna – premiada com a medalha de ouro do Instituto Nacional de Música. Aos dois

anos de idade Sylvio mudou-se com a família para Niterói, passando a considerar-se niteroiense de coração. Iniciou-se ao piano aos 7 anos, com sua mãe, que também lhe ensinou flauta transversa. Por iniciativa própria, começou ainda a tocar uma velha gaita do avô.

Estreou aos 17 anos, na Rádio Sociedade Fluminense, de Niterói, logo passando a contribuir também como redator, lançando seu próprio programa, *Manhã de Ritmos*, e fundando a Orquestra Brasileira de Gaitas. Continuou na Rádio ao ingressar no serviço militar obrigatório, juntando-se a uma banda marcial, com a qual participou do Desfile da Vitória, que recebeu a Força Expedicionária Brasileira no retorno da II Guerra. Ao mesmo tempo, passou a atuar, também, na Rádio Clube Fluminense.

Pouco depois de Sylvio concluir o serviço militar, a Orquestra Brasileira de Gaitas teve que paralisar as atividades por falta de patrocínio; o músico foi convidado então a juntar-se ao grupo de Xavier e sua Orquestra de Gaitas, fazendo apresentações na Rádio Nacional e na Rádio Globo.

Em 1946 passou a integrar a Orquestra Brazilian Rascals, com a qual viajou pelos estados de Minas Gerais e São Paulo, e participou dos filmes da Atlântida *Segura esta Mulher*, *Asas do Brasil* e *Sob a Luz do Meu Bairro* – os dois últimos com Oscarito e Grande Otelo – chegando,



Grill Room (antigo Cassino Icaraí) / Niterói, RJ
 Fonte: IBGE

inclusive, a aparecer em cenas de *Interlúdio*, de Alfred Hitchcock, filmadas no Rio de Janeiro.

Após o fechamento dos cassinos, a Brazilian Rascals acabou, e Sylvio ingressou na Rádio Jornal do Brasil, aos 23 anos, como solista. Foi também pianista e arranjador da Rádio Mauá. Na televisão, participou do programa *Almoço com as Estrelas*, comandado por Aérton Perlingeiro. Trabalhando no Hotel Plaza, certa noite, decidiu dar uma oportunidade a um rapaz desconhecido que pedia para tocar – era João Gilberto.

Contratado por Jardel Filho, foi a Buenos Aires gravar músicas para o filme *Mundo Estranho*. Lá permaneceu por um ano, apresentando-se em casas de show como o Cassino Russe, do Conde Guy de Nogrady, célebre violinista húngaro.

Em dezembro de 1950, Sylvio conheceu Marly Alves de Oliveira, que convidou seu conjunto a animar uma festa beneficente. Encantado, o músico propôs-se a tocar sem nada cobrar. Alguns meses depois, Sylvio ficava noivo de Marly – formada em piano pelo Conservatório de Música de Niterói. O casamento aconteceria em 22 de dezembro de 1951.

Sylvio Vianna tocou, entre outros, na boate Arpege, de Waldyr Calmon, no Night Club Icaraí, no Cassino da Urca, e no Copacabana Palace Hotel, onde se dedicou ao piano e ao vibrafone,

atuando com Dick Farney e Steve Bernard, com os quais gravou vários discos.

No final da década de 1950, o cenário musical começou a mudar e o mercado de trabalho foi ficando mais difícil para os instrumentistas. Para enfrentar a crise, Sylvio diversificou suas atividades: trabalhou em uma loja de instrumentos musicais, deu aulas de espanhol e alemão, e por oito anos, foi gerente do Jurujuba late Clube. Mais tarde, voltou a lecionar música e teclado (instrumento do qual foi o pioneiro em Niterói e que possibilitaria seu retorno à carreira).

Formando seu próprio conjunto musical, voltou a se apresentar em bailes em clubes sociais e fazer excursões. Atuou como tecladista no conjunto Violinos do Rio, apresentando-se também em São Paulo, no Palácio dos Leões, em São Luiz do Maranhão, em Manaus e ainda em Brasília – em eventos no palácio de governo, nos tempos do Presidente Ernesto Geisel.

Entre as estrelas da música brasileira que cantaram composições de Sylvio Vianna encontram-se: Carminha Mascarenhas, com quem tocou *Toada do Beijo*, Dalva de Oliveira, com quem tocou *Tango da Saudade*, Waleska, que gravou *Eu sou Assim* e Fernando Barreto, que gravou *Sonhos de Uma Noite de Verão*. Mas a composição que o artista considerava seu maior sucesso era o bolero *Icaraí*, composto em 1952 para a reabertura do antigo Cassino Icaraí, agora

como Night Club Icaraí, decantando as belezas do bairro – “Recanto azul da minha cidade / Poema que invade o meu coração...”

Sylvio considerava-se um autodidata. Além do espanhol e do alemão, falava inglês e francês. Com 11 álbuns gravados, elaborou ainda um CD a partir de pesquisas em sons virtuais, com novos arranjos para algumas de suas composições. Dedicado à causa beneficente, foi sócio-fundador do Lions Clube Niterói e reativou a seção niteroiense da Cruz Vermelha Brasileira, que passou a presidir. Recebeu várias homenagens, entre elas os títulos de Colaborador Emérito do Exército Brasileiro e Cidadão Honorário de Niterói, a Ordem do Mérito Arariboia, a Medalha Duque de Caxias, a Pena de Ouro.

Convivi e senti de perto a grandeza artística e a generosidade do coração do grande mestre. Sempre que solicitado, ofertava sua arte musical para colaborar com entidades beneficentes. Tive o privilégio de receber sua gentileza ao elaborar as partituras de algumas músicas que ousei compor.

Sylvio Vianna faleceu em 24 de maio de 2007, deixando inconsoláveis Marly, sua companheira por quase 56 anos, as filhas Míriam e Maria Luiza, genros, netos e toda a comunidade niteroiense, que durante mais de seis décadas acompanhou de perto o brilho do seu talento.

Referências:

BALTHAZAR, Celso. **Sylvio Vianna**. A vida e a música de um niteroiense de coração! Rio de Janeiro: Dupligráfica Editora, 2007.

ERTHAL, Márcia. **O pianista preferido da high society**. O Fluminense. Caderno Encontro. Niterói, 1 jun. 1990.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / Biblioteca. Acervo dos Municípios Brasileiros. **Grill Room**: niterói, rj. Niterói, RJ. [19--]. Fotografia. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=443129&view=detalhes>. Acesso em: 31 out. 2020.



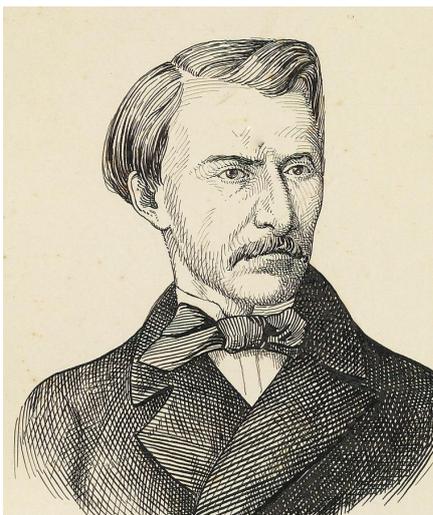
WALDENIR DE BRAGANÇA

Acadêmico Titular da

Cadeira nº 29

Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras, a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Academia Brasileira Rotária de Letras. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados*; das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas*, *O direito do idoso e a realidade*, *O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social*. Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).



VISCONDE DE ARAGUAIA

1811-1882

Patrono da Cadeira nº 45

Classe de Letras

ENEIDA FORTUNA BARROS
Comissão de Redação

Natural de Niterói/RJ (13.08.1811), Domingos José Gonçalves de Magalhães, o Visconde de Araguaia, é considerado o introdutor do romantismo no Brasil.

Publicou *Poesias*, livro com tendências religiosas e patrióticas, em 1832, ano em que se formou em Medicina.

Ao viajar à Europa (1833), onde foi aperfeiçoar-se na profissão, passou a conhecer o romantismo francês, e publicou a revista *Niterói*, juntamente com Sales Torres-Homem e Manuel de Araújo Porto Alegre, em que fez crítica à literatura brasileira, ainda sob influência estrangeira.

Escreveu, então, em Paris (1836), *Suspiros poéticos e saudades*, obra de valorização da natureza, com seus predicados e suas aspirações, segundo a nova poética romântica, que assegurou a proclamada genialidade do futuro Visconde de Araguaia.

Na sua volta ao Brasil, lecionou Filosofia (Colégio Pedro II), assumiu cargos políticos e entrou para a diplomacia (1839). Foi enviado em

missões diplomáticas à Itália, França, Áustria, aos EUA, à Argentina, ao Uruguai, Paraguai e Vaticano, onde faleceu (10.07.1882).

Publicou, às expensas do Imperador (1857), o longo poema épico indianista, em dez cantos e versos soltos, *A Confederação dos Tamoios*, em que narra a guerra desses gentios, aliados aos franceses, ao tentarem tomar a povoação de São Vicente, ocupada pelos portugueses; e, finalmente, a fundação da cidade do Rio de Janeiro.

No Canto VI, exalta Niterói:

*Niterói! Niterói! Como és formoso!
Eu me glorio de dever-te o berço!
Montanhas, várzeas, lagos, mares, ilhas,
prolífica Natura, céu ridente,
léguas e léguas de prodígios tantos
num todo harmônico e sublime,
onde os olhos verão longe deste Éden?*

Aquele primeiro verso gerou polêmica entre críticos, mas, na verdade, ao usar o adjetivo formoso (no masculino), referia-se ao golfo (baía pequena), como era chamado o outro lado da Guanabara.

Adiante, ele explica:

*Aquela que ali vês na oposta margem
a linda Niterói será chamada.*

Gonçalves de Magalhães dedicou o poema a D. Pedro II, que lhe concedeu o título de Barão, e posteriormente, de Visconde.

Outras obras: *Antônio José* (tragédia), no centenário da morte do dramaturgo; *Os fatos*

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 1838
Fonte: IHGB

do espírito humano (obra pioneira da filosofia no Brasil); *A alma e o cérebro e Comentários e pensamentos* (ensaios filosóficos); *Urânia* (poesias); *Amância* (novela).

Recebeu os títulos de Cavaleiro e Comendador de várias Ordens.

Foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e é patrono também da Academia Brasileira de Letras.

Referência:

M. J. Garnier - GARNIER, M.J. **Visconde de Araguaya**. Rio de Janeiro (RJ): F.Brignet & Cie. Editores, [189-?]. 1 des., pb. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon960827/icon960827_026.jpg>. Acesso em: 2 mai. 2015.



ENEIDA FORTUNA BARROS

Acadêmica Titular da

Cadeira nº 19

Classe de Letras

Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de

Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/ Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.





VITAL BRAZIL 1865-1950

Patrono da Cadeira nº 15
Classe de Ciências

ANTÔNIO JOAQUIM WERNECK DE CASTRO

(...) Anteontem uma notícia trágica esfaqueou meu coração. Um dos filhos do meu meeiro – ele tem dez! – de quatorze anos, rapazote sacudido e trabalhador, foi carpir o catingueiro roxo. Ouviu o cascavelar dos malditos crotalos e sentiu a picada no pé descalço. Cascavel. Picada mortal! Felizmente, meu amigo e vizinho, Dr. Batalha, socorreu. Deu-lhe a injeção específica: soro antiofídico para cascavel (...) a finalidade imediata desta crônica: abençoar, louvar e exaltar Vital Brazil! Onde há estátua que celebre a glória de tão grande brasileiro? (...) A obra de Vital Brazil é tão importante quanto a de Fleming ou do Dr. Salk. O Cientista patricio é digno de estar na gratidão da humanidade como os que descobriram a penicilina ou a vacina contra a poliomielite... Ao ver ressuscitar o garoto, tão trabalhador, devemos ao cientista. E pensei na estátua que será o altar de um culto: o da gratidão de todos os brasileiros. (Menotti Del Picchia, 1892-1988)¹

Vital Brazil Mineiro da Campanha nasceu em 28 de abril de 1865, em Campanha, MG, e faleceu em 8 de maio de 1950, aos 85 anos, no Rio de Janeiro. É o primeiro filho de Mariana Carolina Pereira de Magalhães e José Manoel dos Santos Pereira Junior. Teve 6 irmãs e 1 irmão, todos(as) com nomes peculiares², decorrentes da imaginação de seu pai inspirado nas circunstâncias e nos locais de nascimento para batizá-los(as).

Seu desejo pela medicina surgiu ainda na

infância, quando ocorreu um surto de varíola em Caldas e ele serviu de elemento vacinífero para o celebre médico sueco que ali vivia desde 1841, Dr. André Regnell (1807-1884)³.

Vital Brazil se tornou um dos grandes nomes na História das Ciências da Saúde, foi um dos pioneiros da Medicina Experimental no Brasil e o precursor da Toxinologia nas Américas. Por estes e outros motivos a seguir registrados, está eternizado como Herói da Pátria no Panteão da Pátria em Brasília, DF, e é patrono da Cadeira nº 15 da Classe de Ciências da nossa Academia Fluminense de Letras.

Atravessou dificuldades para conseguir trabalho que garantisse recurso suficiente para se mudar para o Rio de Janeiro e entrar para Faculdade Nacional de Medicina. Apesar de ter intencionado pesquisar sobre o ofidismo para o seu trabalho de conclusão de curso, foi desestimulado por diversas razões por seu orientador, principalmente pela falta de laboratório e de segurança para lidar com as serpentes. Foi um dos dois estudantes escolhidos para trabalhar em um dos consultórios mais concorridos da Santa Casa, com o Dr. José Pereira Rego (1816-1892)⁴, Barão do Lavradio, considerado precursor dos sanitaristas brasileiros.

Após sua formatura, em janeiro de 1892, retornou para São Paulo, e sob a orientação do Dr. Cesário Motta (1847-1897)⁵, se engajou na estruturação do modelo de Saúde Pública pós-proclamação da República. Esteve na frente de combate às epidemias que castigavam o país, febre amarela, cólera e varíola. Em 1895, em Botucatu, em meio a sua rotina médica foi chamado a socorrer uma jovem picada por serpente que não resistiu e faleceu. A partir de então abraçou definitivamente o combate ao ofidismo.

Em 1897, retomou o combate às epidemias junto aos amigos sanitaristas, entre estes, Adolfo Lutz (1855-1940), Emilio Ribas (1862-1925), Victor Godinho (1862-1922) e José Bonilha de Toledo (1871-1903). Entrou para o Instituto Bacteriológico. Em 1899, foi o primeiro a diagnosticar o surto da peste bubônica em Santos, SP. Contraiu a doença e ao voltar para São Paulo, ainda convalescente, em 4 de novembro, inicia a inoculação de cavalos para a produção de soros, ao lado do então Hospital de Isolamento, hoje Instituto Emilio Ribas, antes mesmo da aquisição da fazenda Butantan. Suas pesquisas sobre os envenenamentos por animais contribuíram para o estabelecimento de um novo conceito para as ciências biomédicas, a hoje denominada especificidade antigênica, base



Rua Sete de Setembro 74

RIO DE JANEIRO



Teixeira & Vasquez

ANTIGA CASA GARCIA

da Imunologia.

(...) Vital Brazil, já no começo de suas atividades no Instituto Bacteriológico em 1897, inicia o preparo de soro antiveneno ofídico, verificando que o soro anticrotálico dava uma pequena proteção contra o veneno de jararaca, enquanto o antijararaca não protegia nada contra o veneno crotálico; demonstrou assim a especificidade dos soros antivenenos ofídicos, noção que não existia (...) Pelo pequeno sumário de uma parte dos trabalhos de Vital Brazil pode-se fazer uma apreciação de seu valor científico e de sua atividade incansável pois em todos os assuntos sobre veneno e envenenamento por animais peçonhentos estudou e experimentou, criando um grande cabedal de conhecimentos que compreendeu, organizou e difundiu. (Gastão Rosenfeld, 1912-1990)⁶

Pioneiro na divulgação científica e na prática da ciência cidadã, implantou postos antiofídicos em cidades e regiões do país, sobretudo, no interior. Lançou e dirigiu periódicos referenciais para o conhecimento médico, publicou dezenas de artigos em diferentes línguas e em revistas de outros países. Em 1917, recebeu a patente do soro antiofídico e, imediatamente, a doou ao Governo para benefício da população brasileira. Destaca-

Vital Brazil com pais e irmãos.
Rio de Janeiro, década de 1890.
Fonte: Acervo Casa de Vital Brazil

se a fundação do Instituto Vital Brazil, em 03 de junho de 1919, Niterói, em parceria com o Estado do Rio de Janeiro. O IVB se tornou, também, um marco de excelência do fazer científico. Foi no IVB que a vacina BCG foi introduzida e produzida pela primeira vez no país:

(...) rememorando nesta reunião de cientistas... porque há honras que não se rejeitam e os méritos do Dr. Vital Brazil já estão consagrados, não precisam da nossa amizade, benevolência, e pairam acima de quaisquer favores. (Emílio Ribas, 1862-1925)⁷

Vital Brazil se casou duas vezes e teve 22 filhos; 18 chegaram à idade adulta. A primeira união ocorreu em outubro de 1892, em SP, com Maria da Conceição Philipina de Magalhães – Nhazinha (1877-1913), e a segunda em setembro de 1920, em Niterói, com Dinah Carneiro Vianna (1895-1975).

Ao final de um programa da Rádio Nacional dedicado a contar a sua trajetória, homenagem recebida poucos meses antes de falecer, Vital Brazil se pronuncia assim:



Vital Brazil Extração de Veneno dec.1900
Fonte: Acervo Casa de Vital Brazil

Não tenho orgulho de minha pobre ciência, mas estou satisfeito com minha alma e o meu coração. Para uma alma bem formada, não há como fazer bem aos outros e o bem que consegui fazer é que conforta e tranquiliza meu velho coração. Obrigado, amigos.⁸

Notas:

¹ Cobra, Menotti del Picchia – crônica publicada no *Correio Paulistano*, em junho de 1955.

² Nomes das irmãs e irmão de Vital Brazil: Maria Gabriela do Vale do Sapucahy (Mariquinhas); Iracema Ema do Vale do Sapucahy; Judith Parasita de Caldas (Sinhá); Acácia Sensitiva Indígena de Caldas (Vidinha); Oscar Americano de Caldas; Fileta Camponeza de Caldas (Benzica); Eunice Peregrina de Caldas.

³ Anders Fredrik Regnell (1807-1884), renomado médico e botânico sueco.

⁴ José Pereira Rego, Barão do Lavradio (1816-1892), médico, da Ordem Imperial da Rosa, da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Ordem de Francisco José da Áustria. Membro Titular e aclamado Presidente Perpétuo da Academia Imperial de Medicina. Membro Correspondente da Real Academia Médica de Ciências de Lisboa, da Sociéte Française de

Hygiène e da Reale Accademia di Medicina di Torino.

⁵ Cesário Nazianzeno de Azevedo Motta Magalhães Júnior (1847-1897), médico, sanitarista, escritor e político.

⁶ Gastão Rosenfeld (1912-1990). Mem. Inst. Butantan, 34:X-XVI, 1969. Gastão Rosenfeld, médico e bioquímico.

⁷ Emilio Marcondes Ribas (1862-1925), médico sanitarista, diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo promoveu experiências determinantes para comprovar a transmissibilidade da febre amarela pelo mosquito.

⁸ Érico Vital Brazil, pesquisador, presidente da Casa de Vital Brazil, neto do cientista.



ANTÔNIO JOAQUIM WERNECK DE CASTRO

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 15

Classe de Ciências

Graduado em Medicina, Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca –

Fiocruz; especialização em Planejamento de Sistemas de Saúde. Pesquisador e coordenador adjunto de Pesquisa da Fundação de Apoio Técnico e Científico à Fiocruz. Secretário de Assistência à Saúde do Núcleo Estadual do Ministério da Saúde/RJ. Subsecretário de Saúde da Secretaria Municipal de Saúde/RJ. Sanitarista da Secretaria de Estado de Saúde/RJ. Sanitarista e médico de família da Secretaria Municipal de Saúde de Niterói. Ex-diretor presidente do Instituto Vital Brazil. É responsável pelo Projeto de Pesquisa no Instituto de Tecnologia em Fármacos – Fiocruz, na produção de antirretrovirais. Autor de livros, artigos e produções técnicas, participou de congressos e encontros.

*"Os benefícios da ciência
não são para os cientistas,
e sim para a
humanidade."*

Louis Pasteur

Instituto Vital Brazil, Niterói
Fonte: IVB



TEMPLO DA PALAVRA

GALOPE

MARLY SOARES PRATES LIMA
in memoriam

Esse cavalo doido, mensageiro
das emoções, da vida portador,
ora conduz tranquilo, ora ligeiro,
a seiva que nos dá todo vigor.

Num passo bem marcado, sem parceiro,
caminha firme, livre, marchador.
Batendo cascos vai, passarinho.
Seu trote é certo, mas enganador.

E quando o Amor encontra, num recorte
da estrada que o destino vem mostrar,
se assusta; empina, por sentir, mais forte

do que o pulsar da vida, o turbilhão
que, num instante, agita e faz parar
esse cavalo doido – o coração.

NOSSA SAUDOSA HOMENAGEM À ACADÊMICA MARLY PRATES FALECIDA EM 18 DE SETEMBRO DE 2020

MARLY SOARES PRATES LIMA

Acadêmica Fundadora da
Cadeira nº 14

Classe de Belas Artes



Contabilista, estilista de Moda,
professora de Arte de Dizer,
palestrante, declamadora, premiada
como intérprete e poetisa, Marly
integrou o Ateneu Angrense de
Letras e Artes e a Associação

Niteroiense de Escritores, foi colaboradora do
Centro Cultural Maria Sabina e membro do Grupo
Nuance. Participou de Oficinas Literárias, fez parte
de comissões julgadoras em concursos de poesias.
Reuniu seus poemas no Recital *Marly e sua Poesia* e
no livro *Galope* (Nitpress, 2019). Foi reconhecida com
a Medalha José Cândido de Carvalho, outorgada pela
Câmara Municipal de Niterói.



DEFINITIVAMENTE (nas pegadas de Neusa Peçanha)

NEIDE BARROS RÊGO

Eu acredito que os poetas
não se vão, daqui,
definitivamente.
Em seus versos, permanecem.
E revivem
cada vez que são lembrados.

Imagino suas almas
revisitando os lugares
onde andaram, criaram poemas,
os lugares onde amaram.

Eu penso?!... Não.
Tenho a firme convicção
de que os poetas
não se vão,
daqui,
definitivamente.

1998, para o poeta Waldenir de Bragança

NEIDE BARROS RÊGO

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 11

Classe de Belas-Artes



Professora. Tradutora. Fundou
o Centro Cultural Maria Sabina,
onde ensina Arte de Dizer e
realiza eventos culturais. Publicou
Revelação e *Água Escondida*
(antologia que reuniu 234 poetas
niteroienses). Membro vitalício da Associação
Universal de Esperanto. Com Sylla Chaves, organizou
as antologias: *Brazila Esperanta Parnaso* e *Poesias
escolhidas do Brazila Esperanta Parnaso* (bilíngue). Tem
poesias em 140 antologias. Faz parte do Grupo Nuance,
de Arte de Dizer. Gravou DVDs e CDs. Intérprete e
autora premiada em concursos de poesias no Brasil,
na Bulgária, Holanda, Rússia e Itália.

*Neste Natal, desejamos
Paz, Amor, Fraternidade
não somente a quem amamos,
mas a toda a Humanidade.*

Neide Barros Rêgo

FONTE DE LUZ

SARA RIFER

Os filhos desta terra, nascidos
de uma nova geração,
não conhecem teu passado, a
tua história e, no entanto,
também te lançam olhares cheios de admiração.
Tu és majestoso, e não há quem negue teu valor.
Teus raios não são como os de
outrora, mas, em movimentos
igualmente cadenciados, levam
luz a milhas de distância e
inundam de confiança o coração dos
que navegam na escuridão.
Tu és majestoso, e nem o tempo
apagou o teu valor.
A teus pés, passaram marujos,
pescadores, turistas e moradores.
Alguns vieram só para olhar, outros
vieram para te estudar,
e muitos ousaram conhecer-te por
inteiro, escalando teus degraus.
Tu és majestoso e só existe um no Brasil como ti.
Mas tua história, teu passado nem
mesmo esse outro tem igual.
Em homenagem ao trigésimo sexto
aniversário da princesa Isabel,
teus raios de luz cortaram o céu,
ao som do Hino Nacional.
Tu não és apenas fonte de luz.
Tu és guardião de vidas
dos que andam pela terra e dos
que navegam pelo mar.
Teu coração incandescente e
teus longos braços de luz
desconhecem a linha do tempo
e se tornam elos vivos
que ligam todos nós, frágeis imortais,
ao passado e ao presente.
Tu sempre serás majestoso, pois
carregas em tua história
a memória adormecida de um
inigualável patrimônio cultural.
Para além de um farol da Marinha,
que auxilia a navegação,
tu és a fonte de luz, que a todo
coração seduz como
O Majestoso Farol Luminoso
do Cabo de São Tomé.

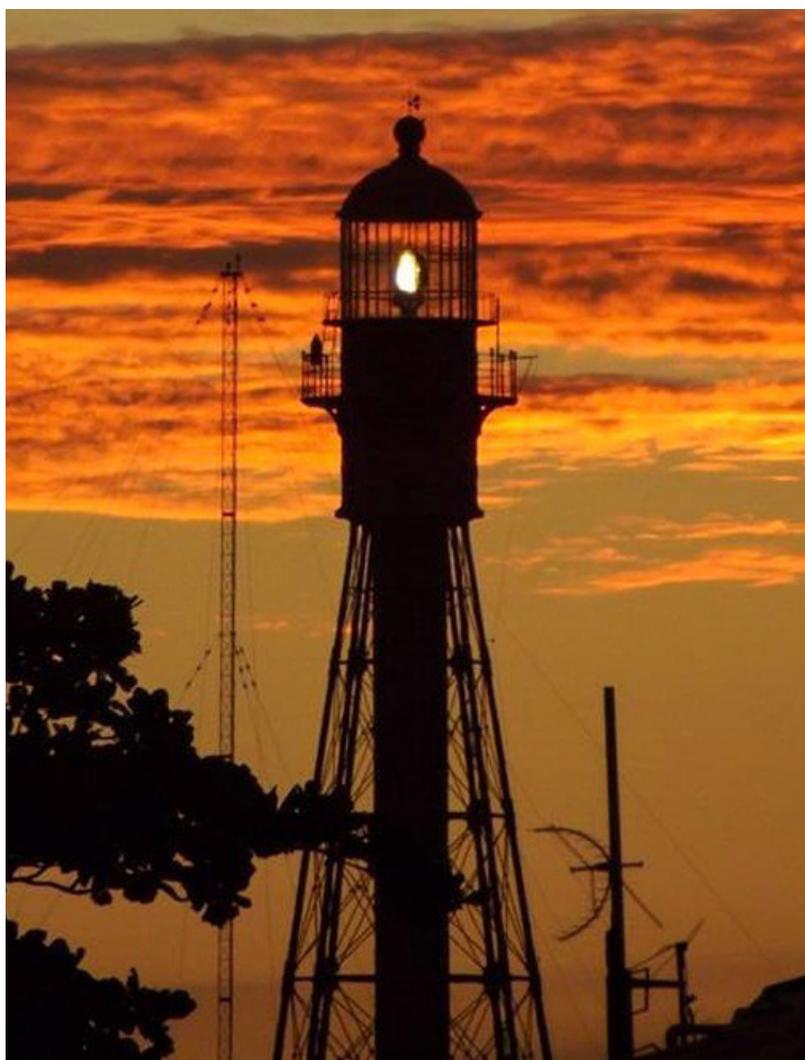


SARA RIFER
(JUSSARA RIBEIRO DE
SOUZA FERREIRA)

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 42
Classe de Letras

Curso de Formação de Professores (IEPAM). Licenciatura/Habilitação em Matemática (FFC). Por concurso, ingressou nas Redes Municipal e Estadual. Especializou-se em Problemas Ambientais Regionais (UFF). Atuou em unidades privadas e na UENF. Convidada a assumir cargos em comissão na Secretaria Municipal de Educação e na Coordenadoria Regional-NF1, foi coautora de Portarias e Resoluções da SMECE e de inúmeros materiais didáticos, com destaque para a coleção *Aprender Fazendo*, (Matemática e Ciências). Sob o pseudônimo de Sara Rifer, lançou os romances regionais: *Sob a luz do Farol* (2012), *Longe de Casa* (2013), *Amor e Ódio: laços do passado* (2015), *Além das Cinzas* (2016) e *Uma luz a me guiar* (2018).

Farol de São Thomé -Campos dos Goytacazes/RJ
Fonte: Agência Brasil



A VOLTA À ESCOLA NA PANDEMIA

MIRIAN P. S. ZIPPIN GRINSPUN



Liceu Nilo Peçanha
Fonte: Agência Brasil

Estamos vivendo um tempo muito difícil, onde a pandemia tem números assustadores não só de pessoas com o vírus, como o número de mortes. Hoje, dia 14 de setembro seriam reabertas as escolas particulares para a volta dos alunos às escolas. Ontem, na praia de Copacabana teve uma passeata de professores pedindo o retorno dos alunos às escolas.

Esta situação tão difícil, tem os dois lados bem visíveis. Um que é o retorno às escolas com toda a estrutura da instituição, onde verificamos que este longo período de ausência prejudica, além da aprendizagem, questões referentes às relações com os professores e com os colegas, além das merendas, etc. Outro ponto seriam as condições que a escola pode oferecer, neste momento, no caso das higienizações, das distâncias entre os alunos, das dificuldades de acesso, etc.

As escolas e as redes enfrentaram uma série de entraves para conseguir manter as crianças e adolescentes em algum contexto de aprendizagem durante o isolamento social. E os desafios continuam: agora, embora ainda não haja uma data prevista – principalmente para a rede pública – está na hora de começar a pensar nas estratégias para voltar às aulas.

LEVANTO ALGUNS PONTOS: as aulas não presenciais foram realizadas com todos os alunos da escola? Quais os projetos que as secretarias estaduais e municipais elaboraram para este retorno? Devido ao risco ainda presente de infecção pelo novo coronavírus, as escolas terão de organizar novas rotinas. Já os educadores terão não só de replanejar o ano letivo, mas também considerar os efeitos diferenciados que a pandemia e o afastamento da escola produziram sobre as crianças/alunos.

Segundo Beatriz Cardoso, doutora em Educação pela USP, as regras de retorno às aulas não podem prejudicar ainda mais as crianças:

Os protocolos devem vir dos órgãos centrais – governos estadual e municipal e secretarias de Educação – e faço um exercício de me colocar no lugar das autoridades responsáveis. Não é fácil. Deve haver uma lei para todo mundo ou é necessário analisar situações diferenciadas e com base em quê? No caso da educação infantil é ainda mais complicado porque a linguagem das crianças pequenas é o corpo. Como garantir o distanciamento entre elas?¹

Neste momento difícil ainda percebemos que a verba do MEC foi encaminhada para o Ministério da Economia para um novo replanejamento. Acredito que a volta às aulas vai precisar – e muito – de um projeto que assegure às escolas as condições mínimas para suas novas estruturas e para o funcionamento das mesmas.

Gostaria de finalizar deixando em aberto algumas questões: como será considerado o ano letivo de 2020? Os projetos serão da responsabilidade dos estados e dos municípios? Como serão as relações das escolas com as famílias dos alunos? Como serão as provas do ENEM para o acesso ao ensino superior?

Esperamos muito sucesso na volta à escola, torcendo para que este momento difícil passe o mais rápido possível.

Referência:

¹ Fundação FHC. **Os desafios do ensino infantil durante e depois da pandemia**, 03/08/2020. Portal Rede GIFE. Disponível em: <<https://gife.org.br/os-desafios-do-ensino-infantil-durante-e-depois-da-pandemia/03>>. Acesso em: 18 set. 2020.



MIRIAN PAURA SABROSA
ZIPPIN GRINSPUN

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 15
Classe de Letras

Professora titular pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Formada em Pedagogia pela PUC-Rio; mestrado em Educação pela IESAE/Fundação Getúlio Vargas; doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho. Coordenou o grupo de pesquisa Juventude, Valores e Educação na UERJ, com inúmeros trabalhos publicados nessa área. Autora de livros sobre Orientação Educacional e de educação em geral. Palestrante sobre temas ligados à Educação. Integra equipes de conselhos editoriais de diferentes revistas acadêmicas. Vice-presidente da Associação Brasileira de Tecnologia, membro da Associação Internacional de Educação e da Associação Brasileira de Educação, entre outras.

INFORMAÇÕES FALSAS - "FAKE NEWS" - NÃO COMPARTILHE ANTES DE VERIFICAR A VERACIDADE: A RESPONSABILIDADE ESTÁ EM SUAS MÃOS!

REGINA COELI VIEIRA DA SILVEIRA E SILVA

A expressão "fake news" passou a ser utilizada com maior frequência pela mídia internacional, durante o período da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, referindo-se às falsas informações identificadas por empresas especializadas, divulgando conteúdo duvidoso e sensacionalista, sobre personalidades como sua adversária, Hillary Clinton.

Embora pareça ser fenômeno recente, notícias falsas, tão conhecidas hoje como "fake news", já eram utilizadas desde o final do século XIX, e já constavam do dicionário Merriam-Webster. A expressão "fake news" refere-se a um tipo de imprensa marrom, distribuição proposital de desinformação via qualquer meio de comunicação de massa (jornal, televisão, rádio), e, mais recentemente, via meios eletrônicos (on-line), e através de mídias sociais. Seu objetivo geralmente é chamar a atenção para fatos enganosos. Através de manchetes sensacionalistas, seus autores nutrem interesses financeiros e/ou políticos. Sua disseminação pode ser catastrófica para diferentes setores da sociedade, como saúde, economia, segurança (CROXTON, p.1-2).

"Atenção! Atenção! A Terra está sendo invadida por Marcianos!"

A orquestra dava segmento a seu concerto, e em alguns minutos, era novamente interrompida:

"Extra! Extra! Estamos sendo invadidos por Marcianos! Protejam-se!"

Foi assim que Orson Welles, radialista norte-americano, veiculou, durante uma hora, em seu programa de domingo à noite, às 20 horas, o romance A Guerra dos Mundos, escrito por H.G. Wells, em forma de rádio peça, no dia 30 de outubro de 1938, e causou grande confusão entre seus ouvintes. Embora o radialista tivesse, ao início, lido o prólogo do romance, anunciando

que seria uma peça que constava de um concerto durante o qual, haveria avisos de que seres alienígenas, vindos de Marte, estariam atacando a Terra, o público que sintonizava a estação e começava a ouvir, teoricamente, aquele concerto de uma orquestra, acreditava ser verdadeira a interrupção com o alerta que anunciava a invasão da Terra. (FORTUNATO, p. 1)



Capa do vinil Guerra dos Mundos
(transmissão de rádio original)

Fonte: FORTUNATO, p. 1

Longos engarrafamentos se formaram pelas estradas, com ouvintes que tinham carros e resolveram fugir para o interior. Igrejas lotaram com pessoas buscando abrigo e conforto emocional. Pessoas ligavam de toda parte, solicitando maiores informações, para estações de rádio, delegacias, etc. Foram reportados até mesmo, alguns casos de suicídios. (SCHWARTZ, p. 10-11)

No Brasil, temos dois tristes casos que foram bastante divulgados e que foram ocasionados por "fake news". Em 2014, falsas informações multiplicadas através de uma rede social, com o retrato falado de uma mulher que sequestrava crianças para rituais de magia negra, levou a espancamento até a morte de uma mulher, que foi erroneamente confundida, por dezenas de moradores de Guarujá, São Paulo (FOLHA DE S. PAULO, p. 8). O segundo caso refere-se ao boato de que algumas vacinas estariam levando muitas crianças à morte! Esse boato multiplicou-se através das redes. Acredita-se que esse tenha sido um dos fatores que levou crianças brasileiras

a serem novamente acometidas pelo sarampo, por exemplo.

Percebe-se que qualquer informação falsa, seja sobre a eficácia de um remédio, a intenção de um candidato a um cargo político, a iminência de forte temporal para as próximas horas, o aumento do preço da gasolina, ou mesmo a presença do Papa na Praça Arariboia, pode levar pessoas a tomarem diferentes atitudes em suas vidas. Mentiras divulgadas como verdades criam boatos, que podem disseminar ódio para milhões de usuários das redes sociais. Algumas páginas ou sítios de informações falsas na "internet" utilizam endereços e formatos semelhantes aos portais de notícias conhecidos, levando usuários à crença de que estão navegando por páginas que têm credibilidade. Em geral, a informação falsa chega atrelada a informações verdadeiras, através das mídias sociais.

O modo mais eficaz de evitar a multiplicação de informações falsas é verificando a procedência da informação. Precisamos compartilhar apenas informações que tenham realmente vindo de fontes idôneas. Faz-se necessário que duvidemos sempre e procuremos informações adicionais sobre a veracidade de notícias que nos pareçam duvidosas. Existem agências especializadas ("fact-checking") para ajudar nessa busca.

Publicamos abaixo os itens do diagrama acima, com orientações para a identificação de notícias falsas criado pela Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA – *The International Federation of Library Associations and Institutions*). (IFLA – *How To Spot Fake News*, p.1)

1. Considere a fonte da informação: Tente entender sua missão e propósito olhando para outras publicações do site.
2. Leia além do título: Títulos chamam atenção, tente ler a história completa.
3. Cheque os autores: Verifique se eles realmente existem e são confiáveis.
4. Procure fontes de apoio: Ache outras fontes que suportem a notícias.
5. Cheque a data da publicação: Veja se a história ainda é relevante e está atualizada.
6. Questione se é uma piada: O texto pode ser uma sátira.
7. Revise seus preconceitos: Seus ideais podem estar afetando seu julgamento.
8. Consulte especialistas: Procure uma confirmação de pessoas independentes com conhecimento.

Lembre-se sempre: não compartilhe informações antes de verificar sua veracidade! Exerça sua cidadania, sendo você o agente neutralizador que ajudará a interromper o efeito cascata da multiplicação da falsa notícia! Precisamos que cada um faça sua parte! A responsabilidade de ajudar a não proliferar notícias falsas está literalmente em suas mãos!

Referências:

CROXTON, Will and Rebecca Chertok Gonsalves. (2017) 60 Minutes Overtime: What's "Fake News"? 60 Minutes Producers Investigate. **CBS News**, 26 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/whats-fake-news-60-minutes-producers-investigate/>>. Acesso em: 19 set. 2020.

FORTUNATO, Ederli. **Guerra dos Mundos: 75 anos da Falsa Invasão Marciana**. In: THE ENEMY, Plataforma de Games, 2013. Disponível em: <<https://www.theenemy.com.br/games/orson-welles-e-a-iguerra-dos-mundosi-65-anos-de-uma-farsa>>. Acesso em: 17 set. 2020.

How To Spot Fake News. **IFLA**, sítio da International Federation of Library Associations and Institutions. Disponível em: <<https://www.ifla.org/publications/node/11174>>. Acesso em: 18 set. 2020.

NOTÍCIA FALSA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Not%C3%ADcia_falsa>. Acesso em: 17 set. 2020.

SCHWARTZ, A. Brad. **Broadcast Hysteria: Orson Welles's War of the Worlds and the Art of Fake News** 1st ed. New York: Hill and Wang, 2015.

COMO IDENTIFICAR NOTÍCIAS FALSAS

 <p>CONSIDERE A FONTE Clique fora da história para investigar o site, sua missão e contato.</p>	 <p>LEIA MAIS Títulos chamam a atenção para obter cliques. Qual é a história completa?</p>
 <p>VERIFIQUE O AUTOR Faça uma breve pesquisa sobre o autor. Ele é confiável? Ele existe mesmo?</p>	 <p>FONTES DE APOIO? Clique nos links. Verifique se a informação oferece apoio à história.</p>
 <p>VERIFIQUE A DATA Repostar notícias antigas não significa que sejam relevantes atualmente.</p>	 <p>ISSO É UMA PIADA? Caso seja muito estranho, pode ser uma sátira. Pesquise sobre o site e o autor.</p>
 <p>É PRECONCEITO? Avalie se seus valores próprios e crenças podem afetar seu julgamento.</p>	 <p>CONSULTE ESPECIALISTAS Pergunte a um bibliotecário ou consulte um site de verificação gratuito.</p>

Tradução: Denise Cunha


 International Federation of Library Associations and Institutions

How to Spot Fake News (versão em português)

Fonte: IFLA

VEJA o passo a passo da notícia falsa que acabou em tragédia em Guarujá. Cotidiano. **Folha de S. Paulo**, ed. (27 de setembro de 2018). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/veja-o-passo-a-passo-da-noticia-falsa-que-acabou-em-tragedia-em-guaruja.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2020.

"Exerça sua cidadania, sendo o agente neutralizador que interrompe o efeito cascata da multiplicação da falsa notícia! A responsabilidade está literalmente em suas mãos!"

Regina Coeli da S. e Silva



REGINA COELI VIEIRA DA SILVEIRA E SILVA

Acadêmica Titular da Cadeira nº 34 Classe de Letras

Mestre e Doutora Ph.D. em Comunicação pela "Ohio University", nos Estados Unidos, onde é Professora Visitante. Ex-Professora da UFF, Professora Titular do Curso de Comunicação e Editora-fundadora dos Cadernos de Estudos e Pesquisas da Universidade Salgado de Oliveira. Autora de diversos livros, capítulos e artigos no Brasil e no exterior. Membro da AFL, do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e também das seguintes organizações: "Latin American Studies Association", "Association for Education in Journalism and Mass Communication", e "Brazilian Studies Association".

MEMÓRIAS QUE FORAM TOMBADAS JUNTO COM O LEILÃO DO EDIFÍCIO DA RÁDIO NACIONAL

ALCIR CHÁCAR

Confesso que fiquei surpreso com a notícia de que o Edifício Joseph Gire, mais conhecido como "A Noite", magnífico arranha-céu de características históricas levantado numa das extremidades da Avenida Rio Branco, na altura da Praça Mauá, e bem próximo ao Porto da Cidade do Rio de Janeiro, será leiloado pelo Governo Federal. A imponente construção em concreto armado, de 102 metros de altura, um projeto do arquiteto francês Joseph Gire, o mesmo responsável pelo Hotel Copacabana Palace, e do brasileiro Elisário Bahiana, iniciada nos anos vinte, e que até 1930 foi considerado o prédio mais alto da América Latina, era assim conhecido por sediar durante seus primeiros anos o jornal *A Noite*. Durante muito tempo, seu terraço servia de mirante com uma deslumbrante vista da Baía de Guanabara, e a partir de 1937, já sem o jornal, passou a abrigar a Rádio Nacional, que vivia sua época áurea com seus programas de auditório e radionovelas.

De seus estúdios e auditórios, lançados por Cesar de Alencar e Paulo Gracindo, despontavam nomes da música que se tornaram famosos na época, como as irmãs Linda e Dircinha Batista, Dalva de Oliveira, Cauby Peixoto, Silvio Caldas, Gilberto Alves, Orlando Silva, Nora Ney, entre

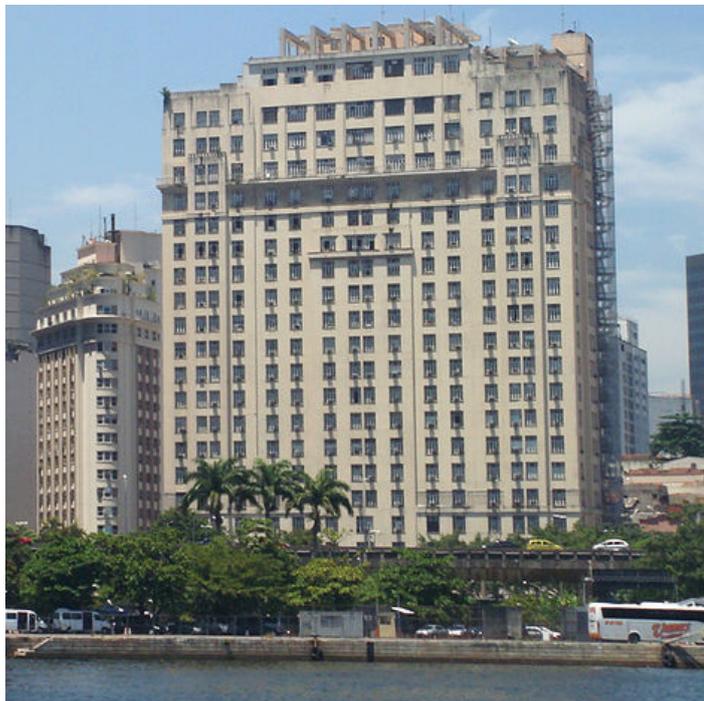
tantos outros, sem esquecermos, é claro, das rainhas do rádio Emilinha Borba e Marlene. O teatro através do rádio, com suas histórias memoráveis transformadas em radionovelas como *O Direito de Nascer*, *Escrava Isaura*, *Obrigado*, *Doutor*, que emocionavam o público e formavam e lançavam nomes como Chico Anysio, Paulo Gracindo, Roberto Faissal, Mario Lago, Paulo Roberto, Daisy Lúci...

Mas antes de ser afogado por minhas lembranças, quero também, junto ao prédio, "leiloar" algumas de minhas memórias ali vividas

Ginásio Bittencourt Silva, atual IACS/UFF

Fonte: O Casarão / Jornal de Comunicação Social da UFF





Edifício "A Noite" na Praça Mauá, cidade do Rio de Janeiro
Foto: Fulviusbsas

naquela época, quando ainda cursava o quarto ano ginásial no saudoso Colégio Bittencourt Silva.

Durante os ensaios de uma peça de teatro que encenaríamos no aniversário da escola, eu e o colega Carlos Caldas, hoje conhecido cirurgião plástico, ambos estreados na ribalta, mas não na "cara de pau", fomos convidados pelo Professor José, irmão do Diretor Francisco Bittencourt, e por indicação de dois colegas veteranos, Fernando Boquinha e Maurício Sherman – que anos mais tarde se tornou em prestigiado diretor de teatro, cinema e televisão – para representarmos o colégio em um programa vespertino da Radio Nacional que buscava novos talentos nas escolas de teatro, chamado *No Meu Tempo de Rapaz*. E lá fomos nós, eu, o caipira de Campos dos Goytacazes, e Carlos, o de Itaperuna, todos perfumados, serelepes nos sentindo o último biscoito do pacote, rumo às escadarias do estrelato pelas ondas da Radio Nacional.

Atravessamos a Baía da Guanabara de barcas – naquela época a Ponte Rio-Niterói era um sonho ainda mais distante do que o nosso de nos tornarmos estrelas, e, ao nos aproximarmos do imenso prédio, Carlos ficou até tonto de tanto girar a cabeça tentando enxergar o seu topo. Lembro que tentava ainda ajeitar a roupa sob os risos do colega quando vimos no restaurante a cantora Nora Ney... Era a glória!!!!

Recebemos os scripts para leitura antes de nossa apresentação e fomos orientados em como deveríamos segurá-los e dobrá-los para

não fazer ruído no microfone. Essa e outras tantas informações que recebemos, mas que me esqueci de quase todas elas ao adentrarmos o silencioso estúdio e descobrir que iríamos contracenar com ninguém mais ninguém menos que Roberto Faissal e Daisy Lúcidí, e ainda seríamos dirigidos por Mário Lago, narrador do programa! Iniciada a contagem regressiva para nossa escalada rumo ao estrelato, era três, dois, um e, está no ar...

Sou obrigado a interromper o relato desta história verídica e, quem sabe também colocá-la a leilão junto ao sonhado sucesso nos programas radiofônicos semanais e a chance de conceder o meu primeiro autógrafo, da mesma forma como eu e o meu futuro colega de estrelato tivemos nossas carreiras cortadas radicalmente pelo meu tio e responsável e pelo pai de Carlos, que ainda fizeram questão de nos confrontar com o compromisso assumido com o vestibular de medicina.

A notícia do leilão do edifício sede da antiga Rádio Nacional ecoa até agora na minha cabeça como ecoam também na minha mente as lembranças de minha meteórica carreira artística interrompida. Volto então o olhar para minha mesa onde enxergo a pilha de cópias de editoriais escritos durante todos esses anos, discursos, palestras, artigos médicos, além de poemas e contos que aguardam a minha atenção para atenderem à solicitação de selecioná-los para publicação e com o mesmo entusiasmo daquela tarde no Edifício Joseph Gire reinício então a contagem regressiva anteriormente interrompida: três, dois, um...

Niterói, 29 de setembro de 2020

**ALCIR VICENTE VISELA
CHÁCAR**

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 5
Classe de Ciências



Médico (UFF), pós-graduado em Radiologia do Tórax (UFRJ). Graduado em Administração em Saúde (PUC-Rio). Ex-presidente da Associação Médica Fluminense,

fundador da Sociedade Fluminense de Pediatria (atual SOPERJ). Membro correspondente estrangeiro da Academia Nacional de Medicina de Buenos Aires. Atual vice-presidente da Regional Sudeste da Federação Brasileira de Academias de Medicina – FBAM. Ex-presidente da Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Idealizador e organizador do Conclave Brasil-Argentina e do I Congresso Sul-Americano de Academias de Medicina.

O SEGREDO DO MAGISTÉRIO CONSCIENTE

LUIZ FELIZARDO BARROSO

Após o excelente seminário sobre Competências Acadêmicas, sob diversos prismas, ocorreu-me relatar-lhes minha experiência, sob o prisma da MOTIVAÇÃO, haurida em meus passados trinta anos de Magistério Superior, como professor de Direito Comercial da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Eminentes professores

Em toda minha trajetória profissional no campo juseconômico, sempre fui um Advogado que lecionava ou, se quiserem, um Professor que advogava, impregnando cada uma das minhas expertises profissionais, recíproca e diuturnamente, com a vivência da outra.

Em verdade, após minha experiência no Magistério Superior de mais de trinta anos, deime conta, fazendo u'a mea culpa, de que, em verdade, eu nunca ensinei nada aos meus alunos, mas sempre tentei fornecer-lhes as condições ideais, através das quais eles pudessem aprender alguma coisa, valendo-me, então, do ferramental da MOTIVAÇÃO.

Neste sentido, sempre procurei fazer com

que meus alunos apreciassem minha matéria, mostrando-lhes que muitos assuntos, os quais seriam por nós tratados, ao longo do semestre, já seriam familiares a eles, no seu dia a dia, no trato das dificuldades práticas da vida.

Aos que possuíssem veículo automotor próprio, eu indagava se o haviam adquirido utilizando-se de financiamento, com garantia de alienação fiduciária. isto porque esta última figura jurídica, como forma de garantia, fazia parte de nossa grade curricular.

Assim ocorria, também, por exemplo, com a figura jurídica do cheque; um dos títulos de crédito, como popular meio de pagamento, a ser por nós estudado.

Quando a matéria versasse sobre falências e concordatas, levava para o recinto de nossas aulas os autos dos respectivos processos judiciais (falência da Panair do Brasil, por exemplo) para que os alunos fossem, desde logo, se familiarizando com o que iriam encontrar, pela frente, assim que se graduassem em Direito...

Embora muitos alunos desejassem estagiar em meu escritório de advocacia, escolhia os de maior aproveitamento, como que os premiando, modéstia à parte, pela boa performance.

Hoje, posso me gabar de ter tido com ex-

Faculdade Nacional de Direito - UFRJ

Fonte: UFRJ



alunos e ex-estagiários, vários advogados, alguns atuais juizes, promotores e defensores públicos, bem como procuradores *in house*, mediante concurso público, de inúmeras empresas estatais brasileiras.

Findo o semestre, para aferição do aproveitamento de meus alunos, sem prejuízo da prova escrita, demandada pela legislação vigente, MOTIVAVA os cinquenta alunos, em média, integrantes de cada turma minha, para que se reunissem em grupos de cinco e elegessem um relator, o qual iria apresentar, oralmente, em presença dos demais alunos da classe, o tema por eles eleito; procurando, com isto, ao provocar-lhes sua desinibição, mostrar-lhes que a profissão do Direito demanda do profissional competente que ele se faça entender e convencer seu interlocutor, não só pela palavra escrita, mas, muitas vezes, aliás, como sói acontecer com os criminalistas, principalmente, pela palavra falada.

Embora não me preocupasse com minha figura de professor, em particular, muito menos da matéria Teoria do Estado, ou então, simplesmente de Civismo, finda uma de minhas aulas, uma aluna me procurou e me disse "Mestre, o Senhor é o único professor que, quando dá suas aulas, fala bem do Brasil".

Confesso que fiquei gratificado com aquela assertiva, provando que o Magistério Acadêmico, remunera o professor em uma moeda, cujo valor seria despiciendo e impossível mesmo de

quantificar.

Como Procurador de carreira, *in house*, portanto, do Banco do Brasil e titular da Advocacia Felizardo Barroso & Associados, nunca lecionei pensando na compensação financeira oriunda do cargo de professor.

MOTIVOU-ME, isto sim, ter sido obrigado a estudar mais, para poder melhor ensinar; conviver com os jovens alunos para, inclusive, poder compreender melhor meus filhos adolescentes, mas, principalmente, por estar exercendo uma profissão, a de mestre, da qual todas as demais dependem.

LUIZ FELIZARDO BARROSO

Acadêmico Titular da

Cadeira nº 4

Classe de Letras



Ph.D., doutor em Ciências Jurídicas e Sociais, professor jubilado em Direito Comercial – UFRJ. Membro dos Institutos dos Advogados Brasileiros e do Distrito Federal e do Fórum Permanente de Direito Empresarial da Escola de Magistratura/RJ. Conselheiro da Federação Interamericana de Advogados; membro do Tribunal de Ética e Disciplina OAB/RJ; procurador aposentado do Banco do Brasil; titular da Advocacia Felizardo Barroso & Associados; presidente da Cobrart Gestão de Ativos e Participações; consultor/instrutor do SEBRAE/RJ. Autor e coautor de diversas obras de cunho jurídico. Diplomado pela Escola Superior de Guerra – ESG.

O MÉDICO E O IDEALISMO

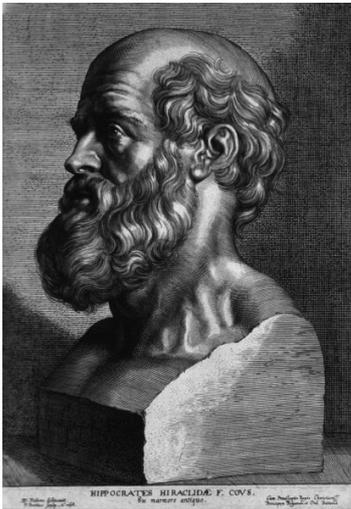
JOÃO BATISTA THOMAZ

Nessa altura da vida não tenho nem resquícios de dúvidas que os idealistas são, na verdade, os homens que têm todos potenciais necessários para alcançar o(s) objetivo(s) proposto(s). Os idealistas não vivem de sonhos mas das chamadas dos seus ideais. Ainda que o mundo moderno ache que os idealistas são fantasiadores, esse predicado é um inominável equívoco. O idealista, na sua essência, procura atingir seus objetivos e esses desaguam em variadas colações; quando encontrando no seu caminho transeuntes desfavoráveis acha que faz parte esse cruzamento, sendo um elemento dentro do seu mundo e do seu panorama vivencial. A sua reação diante desse quadro é comumente singela, sempre dentro de um perfil ético e jamais usando

artifícios comuns dos dissolutos e impudicos para atingir o almejado.

Os idealistas sabem harmonizar suas vidas com seus ideais. Não se exaltam ou almejam antecipar com fervor desmedido a(s) meta(s) pretendida(s). Mas, quando chegam aos desígnios propostos é como se tivessem sido progenitores de um rebento recheado de força e beleza. Nessa etapa não estacionam para observar reiteradamente esse renovo, mas continuam celeremente à procura do seu objetivo seguinte. São sempre ávidos e recalcitrantes procuradores de metas que lhes façam melhores homens, para a sociedade a que pertencem. Nesse passo, de uma etapa, de uma conquista para outra é um tomar fôlego.

Inquestionavelmente o mundo deve seus estágios de evoluções graças às perseveranças, constância, conquistas e exemplos dos idealistas. Em muitas condições de vida os idealistas são



Retrato de Hipócrates.
Foto: Everett Historical

protótipos a serem seguidos pelas sociedades a que pertencem ainda que eles não almejem tais ocorrências. O seu objetivo supremo é atingir os seus ideais, ainda que saibam que muitos deles são quimeras, mas que nos seus bojos merecem esforços que devem ser perseguidos.

Todos os males se tornam apequenados diante dos esforços do idealista na procura "do seu ideal", é nessa condição esses homens [mulheres] se sentem dignos de si mesmos e bastam a si mesmos. Os homens "acomodados" não são os seus paradigmas para os idealistas; mas os vitalizados sim. A seiva vital dos idealistas são objetivos a serem alcançados ou atingidos. Os seus propósitos e desígnios são os alvos a serem abordados. Os idealistas seguem o axioma que refere que é um dever perseguir ardorosamente os seus sonhos, tendo como certo que eles um dia os perseguirão.

Tem se avaliado o mérito dos idealistas pelas resistências e relutâncias que provocam nos seus habitats e as intempéries que a eles possam atingir. Os idealistas sempre foram e continuarão sendo parcamente compreendidos pelos homens comuns de uma sociedade, e seus ideais sempre serão os seus fanais. Creem no infinito, já que que acreditam no marasmo e na mediocridade os quais são os seus reflexos. Para os idealistas não há paradas para descanso ou encerramento de uma jornada; tudo para eles é dinâmico e ininterrupto.

A santidade dos idealistas é deste mundo; entrampaessabeatitudeoshomensquemerecem pensar e lutar em prol dos seus objetivos, a fé no futuro e na verdade tomando como parâmetros exemplos maiores e do sublime; suas ânsias em alcançar o que almejam não leva invariavelmente ao sossego ou ócio. O idealista procura o que é perfeito, ainda sabendo da existência da miragem, mas vivendo numa familiaridade superior à realidade imediata; renunciam às cumplicidades e muitos dos bens "arranjados", das benfeitorias dos tempos modernos, permanecendo de modo

inabalável no seu caminho, já que esse o levará ao derradeiro sonho contido na sua intimidade. A sua virtual visão do seu futuro é "um devaneio" a ser concretizado. Os idealistas tentam, às vezes conseguem, inovar a sua época, e desta forma antecipam o vindouro para alguns que conseguem visualizar a "sua grande obra". O idealista sempre tenta; é obstinado nas suas caminhadas em prol de seus objetivos, continuamente de dimensões maiores que a que vive.

Um idealista representa uma força viva, que almeja alcançar um objetivo, sendo portanto um indivíduo com vitalidade e ânsias sempre em ebulição. Para esse tipo de homens cada atividade finda é o descanso para outras.

Definiu-se um idealista quando "concebem, no íntimo, seus objetivos, e colocam as suas energias a serviço dessa fantástica realização". As suas visões continuamente contêm a previsões do futuro ainda que esse pode, no seu potencial, ser improvável.

Só merecem o nome de "idealistas" os homens que anseiam por um futuro melhor contra um presente que merece correção, já que aos seus olhos o período hodierno necessita de reparos, decorrentes das suas natas imperfeições. Quando um idealista diz "estou empacando" vem significar que já presentiu que seus dias terráqueos estão associados ao seu fim... Encerrou sua jornada entre os vivos; por certo outras marchas o aguardarão em outras dimensões.



JOÃO BATISTA THOMAZ

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 14
Classe de Letras

Graduado pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Pós-graduado em Cirurgia Vascular, Universidade de São Paulo. Professor adjunto de Cirurgia Vascular, UFF. Membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia. Fellow da American Trauma Society. Membro emérito da Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. Membro honorário do International Endovenous Laser Working Group, Londres. Autor de várias obras de Medicina, entre elas: *Fundamentos de Angiologia e Cirurgia Vascular*; *Fundamentos de Flebologia: bases clínicas e cirúrgicas*; *Ato médico: aspectos médicos e legais*; além de *Homens, fatos e ideias na História da Flebologia e Cirurgia Vascular* e do livro de memórias *Jornadas de um estudante*.

NITERÓI
INSPIRAÇÃO POÉTICA

HERÓI

LEDA MENDES JORGE



Na praça tão cheia
a estátua nua.
Apesar de empolgante,
os músculos à mostra,
o povo olha e não vê
o índio valente,
o índio destemido,
da tribo temiminó,
fundador de Niterói.
O guerreiro intrépido
parece guardar
o passado
na bruma do
esquecimento.

Que vontade eu tenho
ao vê-lo sob o sol,
ao vê-lo sob a chuva
de lhe dizer baixinho,
quase a sussurrar:
Martim Afonso de Sousa,
meu querido Arariboia,
sai desse bronze,
vai repousar.
Também na glória
os heróis descansam...

Estátua do Cacique Araribóia (1965), fundador de Niterói. Localizada no largo de mesmo nome na Praça Martim Afonso Foto: Acadêmico Antônio Machado



LEDA MENDES JORGE

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 5

Classe de Belas Artes

Formada em Piano pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. Ex-presidente da Associação Niteroiense de Escritores, ex-secretária da Academia Niteroiense de Letras, ex-vice-presidente e atual secretária da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Colegiada acadêmica do Clube de Escritores de Piracicaba. Membro correspondente da Academia Rio Cidade Maravilhosa. Livros publicados: *Haicais*, tema de tese de mestrado na UFRJ; *Sinceramente* (que teve versão em CD com acompanhamento musical de Mauro Costa Júnior); e *Poucas palavras*. Participou de várias antologias.

LOUVOR A NITERÓI (2)

ALBA HELENA CORRÊA



*Panorâmica do Parque da Cidade
Foto: Claudney Neves*

Que bom é recordar meus tempos de criança
lembrar dos casarões com quintais e varandas,
dos velhos armazéns, açougues e quitandas,
das vilas tão comuns e boa vizinhança!

Infância, juventude, aqui sempre vivi:
da "Cidade Sorriso", eu vi grande progresso.
Palavras de louvor não poupo, nem as meço,
no afã de enaltecer os encantos daqui.

Deve-se a fundação ao índio Arariboia:
– Morro de São Lourenço – o berço dessa joia,
– o meu torrão cresceu, ao lado do seu povo.

Fonseca, Icaraí, o Centro, Santa Rosa
e tantos bairros mais... que vida prazerosa!
se eu nascer outra vez, que seja aqui de novo!



ALBA HELENA CORRÊA

Acadêmica Titular da
Cadeira nº 13

Classe de Letras

Pedagoga – Faculdade Fluminense de Filosofia, pós-graduada em Orientação Educacional – Faculdade Nacional de Filosofia. Mestre em Educação – UFF. Trovadora, sonetista, cordelista, haicaísta, cronista, contista, biógrafa, ensaísta e declamadora diplomada. Colaboradora do jornal Unidade e da Universidade Aberta da Terceira Idade. Membro das Academias Brasileiras de Literatura de Cordel e de Trovas, e membro correspondente das Academias Itaperunense de Letras e Cachoeirense de Letras. Vice-presidente da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Integrante dos Escritores ao Ar Livro e do Calçadão da Cultura.

NITERÓI

RAUL DE OLIVEIRA RODRIGUES

Do índio conservas o teu nome austero
e esses traços românticos, sutis,
que dão à tua gente este sincero
e ardente amor às cousas guaranis.

És a mais brasileira das cidades
porque somaste, em lúcido cadinho,
no transcurso dos anos, das idades,
o negro, o índio e o português do Minho.

Em tuas terras de contorno airoso,
de Icaraí até Piratininga,
o Atlântico se acalma e, carinhoso,
de espumas brancas tuas praias pinga.

Teus pescadores se reúnem no
festival das canoas que se vão
de Jurujuba, Barreto e Itaipu,
para São Pedro honrar, em procissão.

Lá nos morros do Céu, do Cavalão,
que o Sol de luz e cor envolve e cobre,
as casinhas de taipa, o barracão,
são palácios de amor da gente pobre.

Na rampa azul de São Lourenço estão,
como lindo mural e rara joia,
a igreja de Anchieta e o casarão
que era a taba do índio Arariboia.

As fortalezas e os canhões solenes
que protegeram a invicta cidade,
conservam, gloriosas e perenes,
as tradições da nacionalidade.

Sei que amanhã e pelo tempo afora
mais progresso virá, nessas infindas
transformações das forças progressistas,
cujo avanço em teus pórticos ressoa.

Mas tu te manterás como és agora:
bela cidade de mulheres lindas,
de sábios, de poetas e de artistas,
seara espiritual de gente boa,
onde homens e mulheres se unirão, de pé,
para a festa do amor, da poesia e da fé.



RAUL DE OLIVEIRA RODRIGUES

(1908-1994)

in memoriam

4º ocupante da Cadeira nº 31
Classe de Letras

PEDRA DO ÍNDIO

NEIDE BARROS RÊGO



Pedra do Índio

Fonte: Cultura Niterói

Na parede da sala da mansão,
a tela, ricamente emoldurada
– do pintor a mais bela criação –,
é, talvez, do poeta, a mais amada.

Rainha entre as demais, é atração.
Apenas uma pedra que, forjada,
parece um índio de cocar. Cartão
postal de Icaraí, praia encantada!...

Não sei por que, mas imagino vê-lo
– o guerreiro –, a esperar, qual sentinela,
que o poeta e pintor Paulo Rebello,
com seu amor, pincéis e inspiração,
viesses eternizá-lo numa tela
para reinar na sala da mansão.

(para o poeta e pintor Paulo Rebello, 1999)



NEIDE BARROS RÊGO

Acadêmica Titular da

Cadeira nº 11

Classe de Belas-Artes

Professora. Tradutora. Fundou o Centro Cultural Maria Sabina, onde ensina Arte de Dizer e realiza eventos culturais. Publicou *Revelação* e *Água Escondida* (antologia que reuniu 234 poetas niteroienses). Membro vitalício da Associação Universal de Esperanto. Com Sylla Chaves, organizou as antologias: *Brazila Esperanta Parnaso* e *Poesias escolhidas do Brazila Esperanta Parnaso* (bilíngue). Tem poesias em 140 antologias. Faz parte do Grupo Nuance, de Arte de Dizer. Gravou DVDs e CDs. Intérprete e autora premiada em concursos de poesias no Brasil, na Bulgária, Holanda, Rússia e Itália.

VILA REAL DA PRAIA GRANDE HINO A NITERÓI

NILO NEVES
(MÚSICA DE ALMANIR GREGO)

Vila Real da Praia Grande,
Sempre altaneira, operosa.
Vila Real da Praia Grande,
Terra feliz, dadivosa.

"Cidade Sorriso, encantada",
"Niterói, Niterói, como és formosa"

Por amor ao Brasil, unido, imenso,
Aprendeste a lição do "índio herói",
Começando a escrever, em São Lourenço,
Tua história, querida Niterói...

Evocando, orgulhosos, teu passado
De bravura, de trabalho e de nobreza,
Nós louvamos que Deus nos tenha dado
A paisagem de luz da natureza...

Acima: Hino a Niterói - Vila Real da Praia Grande
Fonte: Cultura Niterói

Abaixo: Dom João e a família real, assistindo no campo de Dona Helena, na Praia Grande, aos exercícios da Divisão de Voluntários d'El Rei, em 1816. In J. B. Debret, Voyage pittoresque et historique au Brésil (Paris, Firmin Didot frères, 1834-1839). Prancha com o título: "Embarquement des troupes à Prahia Grande, pour l'Expédition contre Monte-Video". (BNRJ).

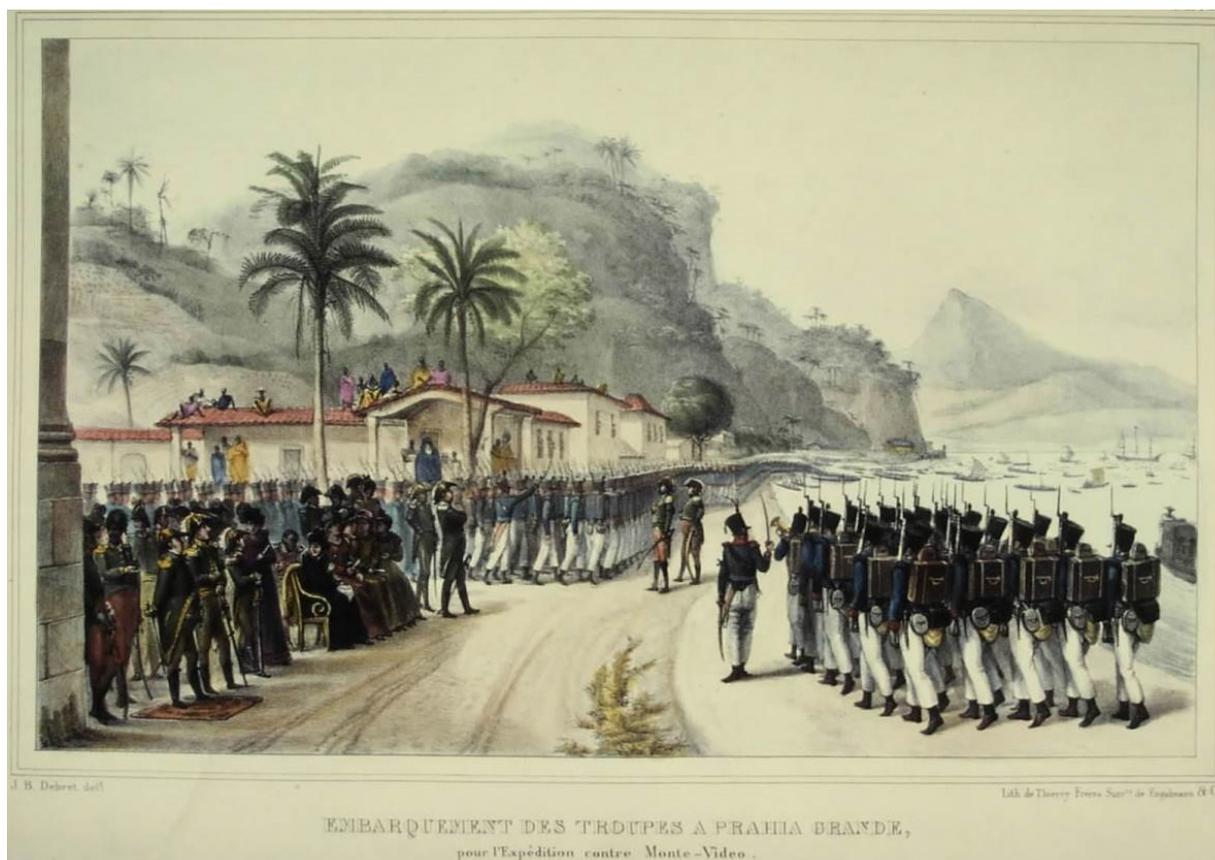
HINO A NITEROI
(Vila Real da Praia Grande)

Letra: NILO NEVES

Música: ALMANIR GREGO



NILO NEVES
in memoriam
Membro da Classe de
Correspondentes Nacionais



NITERÓI
HISTÓRIA E ATUALIDADE

O BRASÃO DE NITERÓI

WALDENIR DE BRAGANÇA

Homenageando Niterói em seu 447º aniversário, vamos recordar as datas e elementos significativos contidos no referido Brasão.

São três as datas marcantes nele gravadas: 1573, 1819 e 1835.

Em 1573, após o final da guerra contra os invasores franceses, por insistência de Estácio de Sá o índio Arariboia e sua tribo instalaram-se nas "Bandas do Além", do outro lado oposto à cidade do Rio de Janeiro, de forma a manter protegida a Baía de Guanabara. Ali o herói Arariboia fundou a Vila de São Lourenço dos Índios.

Em 1819, a localidade tornou-se a Vila Real da Praia Grande, confiada ao juiz de fora José Clemente Pereira, por reconhecimento da Corte Portuguesa, instalada na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1835 a Vila Real da Praia Grande foi feita capital da Província do Rio de Janeiro, passando a chamar-se Nictheroy. Em 1º de fevereiro daquele ano, instalava-se a primeira Assembleia Legislativa do Estado, tendo como presidente José Joaquim Rodrigues Torres, mais tarde Visconde de Itaboraí.

O simbolismo do Brasão do município de Niterói celebra os vários elementos de sua origem: um cocar e duas flechas representam o fundador Arariboia e a tribo temiminó, com a cor vermelha remetendo à coragem e ao valor dos indígenas; as iniciais IHS (Jesus Hominis Salvador ou Jesus Salvador dos Homens) e os cravos representam a presença dos jesuítas junto aos temiminós, dando início à Aldeia de São Lourenço, com a cor branca simbolizando valores ligados à religião e à espiritualidade; a coroa imperial homenageia Dom Pedro II, que deu à Niterói o título de Cidade Imperial, sendo o verde a cor da Casa de Bragança; e a roda dentada representa a indústria, lembrando o pioneirismo de Niterói na industrialização, com a Companhia Ponta d'Areia, do Barão de Mauá (o caduceu ao centro é símbolo de Mercúrio, deus do Comércio).

Encontram-se, ainda, nele, a Pedra da Itapuca, lembrando as muitas belezas naturais de nossa cidade, e o azul que representa a alegria, o saber e a lealdade de seus habitantes.

O Brasão está presente na bandeira do município. Escolhida através de um concurso e adotada a partir de 1969, ela se divide em dois campos – o primeiro é branco, simbolizando a busca pela paz, e o segundo é azul, simbolizando



a vocação marítima da cidade. O brasão fica localizado no centro do campo branco.

Referências:

ALBUQUERQUE, Francisco. **São Domingos**: o berço histórico da Vila Real da Praia Grande e imperial cidade de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 2008.

VASQUEZ, Maurício e PEREIRA, Renata Cavalcanti. **Símbolos de Niterói**. Página da Secretaria de Cultura, Portal da Prefeitura de Niterói. Disponível em: <<https://culturaniteroi.com.br/blog/?id=429>>. Acesso em 12 set. 2020.



WALDENIR DE BRAGANÇA

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras,

a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Academia Brasileira Rotária de Letras. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados*; das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas*, *O direito do idoso e a realidade*, *O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social*. Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).

48º JOGOS FLORAIS DE NITERÓI

COMISSÃO DE REDAÇÃO
COLABORAÇÃO DA UBT-NITERÓI

Os Jogos Florais de Niterói compõem, oficialmente, as comemorações do aniversário de Niterói (Lei nº 3.111/2014), sendo esperado evento cultural anual, motivador de poetas trovadores de cidades do Brasil e de fora dele, que brindam Niterói com o brilho de sua sensibilidade poética.

Este ano, em face das circunstâncias de conhecimento geral, os JOGOS FLORAIS não poderão acontecer de forma presencial; a solenidade de premiação será realizada de forma telepresencial, através do aplicativo ZOOM, sempre evidenciando a elevada participação impregnada do espírito poético.

Anteriormente, a programação tinha início com a Missa em Trovas na Capela de São Lucas da Casa do Médico, celebrada pelo Poeta e Acadêmico Monsenhor Elídio Robaina. Seguiu-se almoço de confraternização no Restaurante à Mineira, em cujas colunas se encontram afixadas dezenas de trovas selecionadas ilustrando culturalmente o ambiente.

Na manhã do dia 21 de novembro de 2020, terá início a programação telepresencial do 48º Jogos Florais de Niterói, às 10h, com a celebração da Missa em Trovas pelo Acadêmico Monsenhor Elídio Robaina; a partir das 15h, será promovida a Solenidade de Premiação, com a execução do Hino Nacional Brasileiro, seguido do Hino do Trovador e da Oração de São Francisco, padroeiro dos trovadores. Ocorrerão homenagens de Honra ao Mérito e pronunciamentos. A coordenação será da Trovadora Alba Helena Corrêa, Vice-Presidente da UBT-Niterói.

Concorreram no 48º Jogos Florais de Niterói 155 participantes, nos Âmbitos Nacional / Internacional, Estadual e Novos Trovadores, sendo classificados os concorrentes abaixo:

ÂMBITO NACIONAL/INTERNACIONAL

TEMA "IDOSO"

Vencedores: Marciano Batista de Medeiros (Parnamirim/RN), Élbea Priscila de Sousa e Silva (Caçapava/SP), Caterina Balsano Gaioski (Irati/PR), Magnus Kelly (São Gonçalo do Amarante/RN), Bessant (Pindamonhangaba/SP)

Menções Honrosas: Francisco Gabriel (Natal/RN),

UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES SEÇÃO NITERÓI



JOGOS FLORAIS DE NITERÓI

Lucília Alzira Trindade Decarli (Bandeirantes/PR), Arlindo Tadeu Hagen (Juiz de Fora/MG), Antonio Augusto de Assis (Maringá/PR), Relva do Egypto Rezende Silveira (Belo Horizonte/MG)

Menções Especiais: Prof. Garcia (Caicó/RN), Romilton Faria (Juiz de Fora/MG), Olímpyo da Cruz Simões Coutinho (Brusque/SC), Flávio Stefani (RS), Maria Helena de Oliveira Costa (Ponta Grossa/PR)

ÂMBITO ESTADUAL

TEMA "MISSÃO"

Vencedores: Sandro Pereira Rebel (Niterói/RJ), Antonio Rosalvo Accioly (Nova Friburgo/RJ), Lourdes Regina Ferreira Gutbrod (RJ), Talita Batista (Campos dos Goytacazes/RJ), Mariângela Tavares Viana (São Gonçalo/RJ)

Menções Honrosas: Maria Helena Ururahy (Angra dos Reis/RJ), Rosa Mendes (RJ), Ailto Rodrigues (Nova Friburgo/RJ), Gilda Baptista de Freitas (Niterói/RJ), Clenir Neves Ribeiro (Nova Friburgo/RJ)

Menções Especiais: Thales Baptista de Freitas (Niterói/RJ), Roderique Pedro Albuquerque (Itaboraí/RJ), Cléber Roberto de Oliveira (RJ), Maria Madalena Ferreira (Magé/RJ), Maria Danusa Almeida (Campos dos Goytacazes/RJ)

ÂMBITO NOVOS TROVADORES

TEMA "BERÇO"

Vencedores: Maria Amélia Baptista Mérida (São Gonçalo/RJ), Francisco Maia dos Santos (Caicó/

RN), Dulce Rocha de Mattos (Niterói/RJ), Neide Barros Rego (Niterói/RJ), Vitória Rangel França (Campos dos Goytacazes/RJ), Lucrécia Welter W. Ribeiro (Toledo/PR), Antonio Soares – ASO (Niterói/RJ), Maria Luisa Bontorin Dipp (Curitiba/PR), Nilde Barros Diuana (Niterói/RJ), Ana Regina Seixas Azevedo Moreira

A UBT-Niterói ressalta o especial esforço da sua dedicada e dinâmica Vice-Presidente Alba Helena Corrêa diante das circunstâncias decorrentes da pandemia, que exigiram significativas adaptações. Manifesta, ainda, seu reconhecimento pela indispensável colaboração dos ilustres membros das Comissões Julgadoras: no Âmbito Nacional/Internacional – Gilvan Carneiro da Silva (São Gonçalo/RJ), Maria Madalena Ferreira (Magé/RJ), Renato Alves (RJ); no Âmbito Estadual – Arlindo Tadeu Hagen (MG), Élbea Priscila de Sousa e Silva (SP), Antonio Colavite (SP); no Âmbito Novos Trovadores – Marialice Araújo Velloso (RJ), Lourdes Regina Gutbrod (RJ), Maria Helena Oliveira Costa (PR); e da fiel depositária Talita Batista.

Em face da situação atípica, não será possível fazer a entrega dos troféus e medalhas, como ocorria nos eventos anteriores. Os certificados dos respectivos classificados serão encaminhados por via eletrônica. Livreto digital

contendo as trovas selecionadas será divulgado pelos meios eletrônicos e poderá ser impresso pelos interessados.

Os temas para o 49º Jogos Florais de Niterói (2021) são: Nacional/Internacional – “Luz”; Estadual – “Milagre”; e Novos Trovadores – “Prece”.

HINO DOS TROVADORES

(Letra e música de Luiz Otávio)

Nós os trovadores,
somos senhores de sonhos mil!
somos donos do universo
através de nosso verso!

E as nossas Trovas,
São bem as provas desse poder,
Elas tem o dom fecundo
De agradecer a todo mundo!

*Missa em Trovas do 47º Jogos Florais de Niterói
Foto: Murilo Lima*



O ESCRITOR JOAQUIM HELEODORO III: um elo entre Niterói e Petrópolis

CLEBER FRANCISCO ALVES

Muitos são os laços que unem as cidades de Niterói e de Petrópolis. Inúmeras personalidades da história da velha província fluminense tiveram ligações fortes com ambas as cidades. No universo literário, especialmente no âmbito da Academia Fluminense de Letras, podemos destacar as figuras dos petropolitanos Ernesto Paixão e Carlos Maul, que figuraram dentre seus fundadores. Neste artigo queremos reverenciar a memória de um escritor niteroiense pouco lembrado em sua cidade natal, mas que deixou marca indelével na história literária de Petrópolis. Trata-se do escritor Joaquim Heleodoro III¹. Nascido em Niterói em 09/05/1888, quatro dias antes da assinatura da Lei Áurea, com apenas 5 anos de idade sua família mudou-se para Petrópolis, pois seu pai – na época funcionário público estadual – teve que se transferir para a cidade serrana que passou a ser a capital do Estado do Rio, em razão da eclosão da Revolta da Armada. Embora poucos tenham sido os anos vividos em Niterói, jamais deixou de lembrar do seu torrão natal, como bem revela esse belo poema, publicado na imprensa petropolitana em 1916:

*Meu formoso Niterói, / Meu lindo berço
dourado, / Invicto, forte, herói, / Oh! Meu berço
idolatrado! / Tua fronte engrinaldada, / De
tantos louros, reais / És a Atenas cobiçada / Pelos
intelectuais! / Em teu seio sempre amado, / Brota
a fina flor da gente, / Riso puro, adocicado / Nos
dás sempre reverente. / Oh meu berço tão formoso,
/ Oh meu Niterói querido, / Recebe deste saudoso /
Filho, um preito agradecido!²*

Já órfão de mãe, perdeu também o pai aos 10 anos de idade, ficando sob a tutela da irmã Mariana e do cunhado Paulino Nicolay. Ainda menino começou a trabalhar no comércio, o que o impediu de continuar frequentando a escola. Um pouco depois conseguiu colocação de mensageiro no Telégrafo Nacional e, naquela repartição, cumpriu meritória carreira como telegrafista. Casou-se com Georgina Marcella, de cujo enlace vieram 9 filhos, sobrevivendo 5. Viúvo, contrai segundas núpcias com Astrogilda

Marques Duarte, com quem teve mais 5 filhos, sobrevivendo 4, dentre os quais o escritor, historiador e professor petropolitano Joaquim Eloy Duarte dos Santos³. Além do devotamento à família, desde muito jovem dedicava-se às artes literárias. Publicava seus trabalhos na imprensa local: escreveu romances, crônicas, poemas... Mesmo sem instrução escolar formal, era um leitor voraz e absoluto autodidata: com amparo na Lei Carlos Maximiliano, inscreveu-se no Colégio Pedro II para prestar exames que o habilitassem a exercer a docência. Obteve licença para lecionar História, Geografia, Português e Aritmética, o que fez em diversos colégios petropolitanos. Prestou concurso de capacitação em Ciências Contábeis e obteve o título de “guarda-livros” passando a dedicar seu tempo fora da repartição pública, à contabilidade, ao ensino e à administração de entidades sem fins lucrativos, dentre as quais se destaca a Escola de Música Santa Cecília, de que foi grande benfeitor.

Joaquim Heleodoro III era frequentador assíduo de reuniões e tertúlias literárias e cívicas na Cidade Imperial. Essa inquietude/operosidade o levou a tornar-se o idealizador da criação da Academia Petropolitana de Letras, que é reconhecida historicamente como a primeira academia literária de âmbito municipal a ser fundada no Brasil, em 03 de agosto de 1922, prestes a completar seu centenário. Como consta do relato feito por seu filho Joaquim Eloy Duarte dos Santos, em detalhado artigo que publicou em maio de 1970, no número 12 da Revista da Academia Petropolitana de Letras, Joaquim Heleodoro III havia participado, no dia 28 de junho de 1922, de uma sessão literária em homenagem ao escritor residente em Petrópolis, Gregório de Almeida, que recém falecera; empolgou-se com os discursos e com a beleza da memorável reunião e, entusiasmado com o que viu, teve a ideia de propor a organização de semelhantes encontros literários e artísticos com maior frequência. Escreveu então uma carta àquele que havia sido o mentor daquele evento literário, João Roberto d’Escragnolle, sugerindo-lhe a criação de uma entidade que reunisse os escritores e artistas de forma contínua e permanente. D’Escragnolle, figura de projeção na sociedade petropolitana da época, remeteu a carta ao jornal *Tribuna de Petrópolis*, que a acolheu e publicou em matéria intitulada *Uma ideia feliz*. Lançada a semente, d’Escragnolle convidou Joaquim Heleodoro III e seu amigo poeta Reynaldo Chaves para marcarem



Praia de Itaipu - Niterói

Fonte: Cultura Niterói

uma reunião e convidarem outros interessados. O que, feito, atraiu mais de duas dezenas de escritores, poetas, jornalistas, todos reunidos na sede da "Empresa Alex", uma espécie de agência de turismo da época, que pertencia a d'Escragnolle. Surgia então a Associação Petropolitana de Ciências e Letras, no dia 3 de agosto de 1922; mais tarde, no ano de 1929, foi rebatizada como Academia Petropolitana de Letras. Nas quase quatro décadas que se seguiram, até seu falecimento em 19/09/1959, Joaquim Heleodoro III contribuiu decisivamente para a consolidação e desenvolvimento da entidade literária: ocupou todos os cargos diretores, inclusive a presidência. Por tudo isso, é meritoriamente reconhecido como o "Idealizador" da APL.

O escritor Joaquim Heleodoro era versátil em vários gêneros literários, mas dentre suas obras primas destaca-se o poema *Gaivotas*⁴: uma belíssima poesia de saudade. Eis seu canto:

*Voai gaivotas ligeiras / Pela amplidão
desses mares, / Sede aladas mensageiras / De
meus tristonhos penares. / Levai a todo o Universo,
/ Meus pesares, meus tormentos, / As minhas
queixas em verso, / Os meus loucos pensamentos
/ Vós, que nas tardes fagueiras / Passeais sobre
o oceano / Levai céleres, ligeiras, / Bem longe, os
meus desenganos. / Levai, bem longe da terra /
Meus ais, meus doridos cantos, / As águas que o
mar encerra / São formadas de meus prantos. /
Voai, gaivotas ligeiras / E meus ais e meus pesares
/ Soltai às brisas fagueiras... / Na vastidão desses
mares.*

O poeta ao deixar sua terra – a amada Niterói – com apenas 5 anos, onde vivera a mágica infância brincando na praia, em folguedos com os irmãos, lembranças tragadas pelo mar

da distância registrou na retina da saudade as gaivotas, graciosas guardiãs de seus lúdicos e mais felizes instantes da vida. Sua obra literária é, pois, um elo perene de união das cidades de Niterói, onde nasceu, e de Petrópolis, onde viveu e alcançou a merecida imortalidade acadêmica.

Notas:

¹ Terceiro (III) porque seus pai e avô usavam o mesmo nome completo. O pai (II), e o avô (I), são os personagens centrais dos II e III volumes da obra *Os 3 Heleodoros*, editados no ano de 2019 com os subtítulos, respectivamente: *O poeta-Herói* e *Um valoroso empresário ou Memórias do Ginásio Dramático*, de autoria do escritor Joaquim Eloy Duarte dos Santos, filho, neto e bisneto respectivamente dos Heleodoros.

² Poema publicado na imprensa petropolitana e constante das páginas 152 e 153 do livro *Gaivotas*, edição póstuma, publicada no ano de 2019.

³ O autor deste artigo registra o agradecimento ao eminente Professor Joaquim Eloy Duarte dos Santos, de quem é confrade na Academia Petropolitana de Letras, pelos subsídios fornecidos que foram essenciais para elaboração deste artigo.

⁴ *Gaivotas*, páginas 21 e 22 do livro *Gaivotas*, 2019.

CLEBER FRANCISCO ALVES

Acadêmico Titular da
Cadeira nº 12
Classe de Letras



Professor universitário e defensor público. Graduado em Direito pela Universidade Católica de Petrópolis, com pós-doutorado na Universidade de Londres. Mestre e doutor em Ciências Jurídicas pela PUC-RIO.

Professor da Universidade Católica de Petrópolis e da Faculdade de Direito da UFF. Autor dos livros *Justiça para todos! A assistência jurídica gratuita nos Estados Unidos, na França e no Brasil*; *Defensoria Pública no Século XI: Novos horizontes e desafios*; e *O princípio constitucional da dignidade da pessoa humana: o enfoque da Doutrina Social da Igreja*, além de inúmeros artigos em periódicos nacionais e estrangeiros.

COLÉGIO BRASIL

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Fundado em 12 de outubro de 1902 pelo Professor João Pereira da Silva – o Professor João Brasil – o Colégio Brasil funcionou em Niterói até 1985, sendo considerado um dos mais importantes colégios do Estado do Rio.

No dizer de centenas de ex-alunos que continuam se reunindo anualmente, em 12 de outubro, para marcar a data de fundação do colégio (com programação que inclui missa em ação de graças): "O Colégio Brasil, mais do que um prédio, é um estado de espírito."



Acima, Emblema do Colégio Brasil;

A direita, Pavilhão Principal do Colégio Brasil.

Fonte: Família Brazil / CDP – Centro de Documentação e Pesquisa de Niterói.



HINO DO COLÉGIO BRASIL

MÚSICA DO MAESTRO FELÍCIO TOLEDO LETRA DO DR. A. GONÇALVES

Pela Escola sejamos, um dia,
Povo heroico da Pátria feliz,
Exaltemos o ardor que irradia
Toda a glória de nosso País!

Coro

O Colégio Brasil, frente à frente,
Sempre grande, a lutar, a vencer,
Seja o Templo da luz eloquente
Aclarando o infinito: O SABER!
Que os luzeiros da Pátria fremente
Do futuro os heróis devem ser...
Pelo livro, na Ciência que vence,
Seja a nossa divisa: ESTUDAR,
Que ao futuro somente pertence
Quem deseja crescer... e marchar...

Coro

Possa altivo o Brasil, nossa terra,
Inspirado no Céu sempre azul,
Elevar a grandeza que encerra
Desde o Norte às coxilhas do Sul!

Coro

Seja a Escola a esperança suprema
Toda envolta na Fé, no Labor...
Que se parta, nos pulsos, a algema
Onde possa vibrar nosso AMOR...

Coro

Colaboração da Acadêmica Gracinha Rego

FALERJ

FALERJ

COMISSÃO DE REDAÇÃO

A Academia Fluminense de Letras comemorou seu centenário de fundação (22/07/1917) com extensa programação cultural que culminou com a realização do I Congresso Brasileiro de Academias de Letras, no H Niterói Hotel, de 20 a 22 de julho de 2017.

Dentro da programação do Congresso foi promovida a Assembleia de Fundação da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, com a presença de lideranças de várias academias de âmbito municipal, com o objetivo de apoiar o movimento cultural fluminense, em esforço conjunto para aprofundar nossas raízes culturais.

A FALERJ tem entre suas finalidades: congregar, estimular e apoiar as Academias de Letras e Artes sediadas no Estado; promover intercâmbio e mútua colaboração em atividades socioculturais; zelar pela melhoria constante da Educação Literária e Artística; incentivar a criação de Academias de Letras e Artes em cidades que

ainda não as possuam.

A instituição já realizou dois congressos e dez jornadas culturais reunindo representantes das academias associadas, sediados em diferentes cidades e regiões do Estado.

A Academia Fluminense de Letras mantém seu propósito de apoiar e incentivar as atividades das Academias de Letras do território fluminense, e abre este espaço em sua Revista para as manifestações das afiliadas da Federação.



ACADEMIA CAMPISTA DE LETRAS: 81 ANOS DE HISTÓRIA!

*HÉLIO DE FREITAS COELHO
VANDA TEREZINHA VASCONCELOS*

Corria o ano de 1939. Lá fora, em breve começaria a segunda guerra mundial. No Brasil, vivíamos um tempo de restrições democráticas, sem eleições, sem partidos políticos, sem as liberdades formais para o livre debate das ideias em público. Campos era uma cidade que girava em torno das usinas, do comércio e da cana. Havia teatros, clubes, jornais, carnaval, jogos, casas de mulheres, os ritos e as rezas, faculdades, as confeitarias e os cafés onde se misturavam boêmios, jornalistas, advogados, médicos, músicos, poetas, intelectuais e políticos, todos buscando nas brechas possíveis espaços para se expressar. Foi nesse ambiente que a Academia Campista de Letras foi fundada em 21 de junho. Entre seus fundadores, ainda que figurassem progressistas no campo literário e político-

ideológico, o grupo hegemônico – ainda que de indiscutível renome intelectual – era constituído por moderados, e conservadores. Tanto é verdade que, por muito tempo, a Academia ficaria blindada ao Modernismo e suas tendências que, numa espécie de Modernismo tardio, corajosamente e com brilho despontava entre nós como resistência cultural ao longo dos anos 50. Dialeticamente, tempos depois, por ironia e imperativo histórico, seus mais representativos nomes passaram a fazer parte da instituição, em muito contribuindo para sua oxigenação e fortalecimento até os dias atuais...

Fundada no Café Clube (no Boulevard Francisco de Paula Carneiro/"Calçadão") entre falatórios, declamações e tertúlias, das mesas do Café saíram para concretização do ato no antigo Edifício Trianon, na sala de representação do Diário Oficial/RJ, como nos informa Herbson Freitas, sendo seu primeiro presidente o Advogado Nelson Pereira Rebel (1939-1944). Estavam lá: Barbosa Guerra, Gastão Graça, Alberto Ribeiro Lamego, Dióscoro Vilela, Manoel Joaquim da Silva Pinto, Jerônimo Ribeiro, Álvaro Duarte Barcelos, Rogério Gomes de Souza, Letelbe Barroso, José



Academia Campista de Letras, Praça Nilo Peçanha, Campos dos Goytacazes, RJ

Fonte: Acervo dos municípios brasileiros - IBGE

Honório de Almeida, Godofredo Tinoco, Herdy Garchet, Mário Barroso, Alberto Frederico de Moraes Lamego, Silvio Fontoura, Abelardo N. Vasconcelos, Jaime Landim, José Landim, Ewerton Paes da Cunha e Isimbardo Peixoto (segundo Dr. Welligton Paes).

Criada nos moldes da Academia Brasileira de Letras (modelo Academia Francesa), estruturou-se a ACL com 40 Cadeiras reverenciando figuras ilustres nas letras e nas artes, nas ideias, no brilho cultural de Campos da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Foi um começo difícil, funcionando precariamente aqui e ali – Automóvel Clube Fluminense, Associação de Imprensa Campista (fundada em 1929), residências de Acadêmicos – até que, em 10 de abril de 1948 recebeu as chaves por Decreto Oficial do Prefeito Salo Brand e instalou-se no belo, hoje centenário e imponente prédio de sua sede no Jardim São Benedito (Praça Dr. Nilo Peçanha). Esta conquista não impediu algumas dificuldades de funcionamento adequado, e turbulências no fim da Era Godofredo Tinoco (um capítulo à parte, entre críticas e aplausos, 1944-1983), levaram a que suas reuniões fossem realizadas no Salão Nobre da Santa Casa, no escritório do Acadêmico Dr. Renato Aquino e no Hotel Planície, retomando suas atividades na sede em função dos esforços e gestões dos Presidentes Jamil Ábido (1983-1984), Américo Rodrigues da Fonseca (1984-1996), Walter Siqueira (1996), com destaque para a atuação de Renato Aquino (1996-1999),

Waldir Carvalho (1999-2001) e Raul Linhares (2001-2003). Nos últimos dezessete anos, sob a Presidência de Arlete Parrilha Sendra (2003-2005, 2007-2009), Herbson Freitas (2005-2007), Elmar Martins (2010-2012/13), Hélio de Freitas Coelho (2013/2018), Herbson Freitas (2018/2019), Vanda Terezinha Vasconcelos (2020/2021), a Academia tem ampliado suas relações com a comunidade acadêmica para além da letras, buscando sua inserção com maior intensidade na vida cultural de nossa Terra, promovendo cursos, concursos literários, editando livros, jornal e revistas, dando visibilidade aos trabalhos de Acadêmicos/as e autores convidados, celebrando convênios com o Poder Público municipal que viabilizaram ampliação e melhoria nas instalações. Essa parceria precisa ser restabelecida, pois é preciso retomar a excelência dessas publicações e muito há por fazer no sentido da ACL vir a ocupar efetivamente seu papel de instância e agência de produção cultural, circulação de ideias e socialização do saber. Merece destaque nossa intensa participação no processo de fundação e construção da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro sob a batuta e inspiração do Dr. Waldenir de Bragança, tendo a honra de sediar a I Jornada Cultural da FALERJ em nossa cidade no dia 24 de março de 2018 numa grande homenagem ao Campista Histórico Presidente Nilo Peçanha.

A gestão iniciada agora em março de 2020 viu-se impedida de desenvolver o programa que havia traçado por conta da pandemia, o que não impediu a adoção de uma série de medidas junto aos Acadêmicos, Acadêmicas e a comunidade campista. Destaque-se o começo de uma reestruturação administrativa e espacial, um avanço no processo de inserção nas redes sociais e a elaboração de pequenos vídeos nos quais cada Acadêmico/a se apresenta e traça um perfil da vida e obra do Patrono de sua cadeira. Com uma nova Diretoria de elevado nível cultural, entusiasmada e com domínio das novas tecnologias de comunicação, com certeza muito vai ser realizado ao longo do ano. Aos 81 anos, a ACL avança como convém existir, ser e avançar uma Academia no século XXI. Abaixo, as 40 Cadeiras da ACL, com seus Patronos e seus atuais ocupantes.

01-Patrono Alberto de Faria, Acadêmico Hélio Gomes Cordeiro; 02- Álvaro Ribeiro de Barros, Ana Raquel de Souza Poubaix; 03- Anfilóquio de Lima, Wellington Paes; 04-Amélia Gomes de Azevedo, Sylvia Paes; 05- Balthazar Dias Carneiro, Geraldo dos Santos Machado; 06- Benedito Pereira Nunes, Inês Cabral Ururahy Souza; 07- Eloy Ornellas, Ronaldo Henrique Barbosa Júnior; 08- Flamínio Caldas, Antonio Manoel Alves Rangel; 09- Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, Simonne Teixeira; 10- Francisco Portela, Alcimar das Chagas Ribeiro; 11- Francisco Augusto de Paula Carvalho, Heloisa Helena Crespo Henrique; 12- Heitor Silva, Hélio de Freitas Coelho; 13- Inácio de Moura, Renato Aquino; 14- João Barreto, Vanda Terezinha Vasconcelos; 15- João Antonio de Azevedo Cruz, Joel Ferreira Mello; 16- João Batista de Lacerda Filho, Arlete Parrilha Sendra; 17- João Batista de Lacerda Sobrinho, Elias Rocha Gonçalves; 18- João Batista Pereira, Carmen Eugênia Sampaio de Lemos; 19- José Alexandre Teixeira de Mello, Christiano Abelardo Fagundes Freitas; 20- José Bernardino Batista. Pereira de Almeida, Cândida Maria Rebel Albernaz; 21- José Carlos do Patrocínio, Herbson da Rocha Freitas; 22- Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Júnior, Walter Siqueira; 23- José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, Levi de Azevedo Quaresma; 24- José Pinto Ribeiro Sampaio, Roberto Pinheiro Acruche; 25- Júlio Feydit, Vilmar Rangel; 26- Luiz Felipe Saldanha da Gama, Genilson Paes Soares; 27- Manoel Camilo Ferreira Landim, João Zaccaro Noronha; 28. Manoel Martins do Couto Reis, Edinalda Maria Almeida Silva; 29- Manoel



Rodrigues Peixoto, Sebastião José de Siqueira; 30- Max de Vasconcelos, Fernando da Silveira; 31- Manuel Múcio da Paixão Soares, Alluysio Abreu Cardoso Barbosa; 32- Nilo Peçanha, José Florentino Salles; 33- Obertal Chaves, Orávio de Campos Soares; 34- Pedro Augusto Tavares Junior, Sandra Maria França Viana; 35- Pedro Manoel Moll, Elmar Rodrigues Martins; 36. Sebastião Viveiros de Vasconcelos, Joel Maciel Soares; 37- Severino Lessa, Gilda Maria Wagner Coutinho; 38- Teófilo Guimarães, Carlos Augusto Souto de Alencar; 39- Conselheiro Tomás José Coelho de Almeida, Alberto Rosa Fioravanti; 40- Tancredo Saturnino Teixeira de Mello, Oswaldo Barreto de Almeida.



HÉLIO DE FREITAS COELHO

Professor da Universidade Federal Fluminense (Serviço Social / Campos), da Faculdade de Direito de Campos (UNIFLU I) e ex-Presidente da Academia Campista de Letras

VANDA TEREZINHA VASCONCELOS
Médica, professora da Faculdade de Medicina de Campos, Presidente da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia e Presidente da Academia Campista de Letras



"Os Acadêmicos são seres etéreos, mensageiros alados, feitos da presença do que realizaram."
São Tomás de Aquino

IGNÁCIO DE MOURA PRIMEIRO PRESIDENTE DA SOCIEDADE FLUMINENSE DE MEDICINA E CIRURGIA / SFMC – 1921

Patrono da Cadeira nº 13 da
Academia Campista de Letras – ACL
Cadeira Ocupada no Momento pelo
Arquiteto Renato Marion Martins de Aquino

VANDA TEREZINHA VASCONCELOS

Nasceu em Campos, a 12 de agosto de 1875 e faleceu em Niterói em 27 de dezembro de 1926. Filho do Dr. Sebastião José Moura e Balbina Ribeiro Moura. Em 1903 casou-se com Olívia Chaves de Moura e dessa união nasceram os seguintes filhos: Tasso (professor), Nadir, Nídia (poetisa), Inácio (médico), Aloysio (advogado, jornalista e poeta), Carmen e Maria.

Formou-se em medicina em 1897 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fez estudos de especialização em Paris, Viena e Berlim, especializou-se em cirurgia e obstetrícia.

Muitos foram os biógrafos deste notável campista, como Múcio da Paixão, Latour Arueira, entre tantos outros. Foi o primeiro presidente da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia no período de 1921 a 1922 quando, por motivos particulares, afastou-se da presidência, passando-a então ao seu vice, Dr. Benedito Gonçalves Pereira Nunes. Patrono da Cadeira nº 13 da Academia Campista de Letras, médico, poeta, jornalista e excelente orador, foi sempre o mesmo valoroso ser humano.

Em 03 de abril de 1907 fundou e dirigiu o jornal *O Tempo*, juntamente com seu cunhado Obertal Chaves, que foi editado até 22 de dezembro de 1911.

Na Academia Fluminense de Letras, Tomé Guimarães conta um episódio consagrador para o notável cirurgião Ignácio de Moura: “Daniel de Almeida, então considerado o maior cirurgião brasileiro, sempre chamado para operar em Campos, dizia: – Vocês aqui em Campos só deviam chamar-me para caçar codornas, porque para operar vocês têm aqui um profissional melhor do que eu, que é o Ignácio”.

Foi professor e diretor do Liceu de Humanidades e Escola Normal de Campos.

Posteriormente, foi administrador regional dos Correios e Telégrafos do Estado do Rio de Janeiro, passando então a residir em Niterói.

Deixou extensa produção literária em jornais e revistas, que lamentavelmente, não foram reunidos em livro. O também médico e obstetra, Dr. Wellington Paes, relata: “É impressionante como o sábio médico e primoroso poeta, conseguiu ter tantas outras atividades”. O médico Dr. Osvaldo Luís Cardoso de Melo enaltecia o talento e extraordinária verve do colega Ignácio de Moura. Múcio da Paixão analisou-o de maneira extraordinária em sua obra “Movimento Literário de Campos”.

Durante longo período, colaborou no *Monitor Campista*, com o pseudônimo de “João”. Colaborou extensamente com a revista *Aurora*; muitos afirmam que foi essa a fase mais fecunda e operosa de seu formoso espírito literário.

Desdobrou-se em esforços para cumprir a sua missão. Enquanto poeta ou jornalista não abandonou a nobre profissão de médico. Soube, como poucos, acompanhar o progresso da ciência e muitas vezes dar prova da sua capacidade e, sobretudo, da sua boa vontade para com o seu semelhante.

Cantou o amor, ainda que sofridamente:

*Bastou que te encontrasse e te conhecesse;
Nada mais foi mister – prendi-me aos teus encantos:
E, abrindo o coração, deixei que o amor crescesse
dentro dele e minasse os últimos recantos.*

*Com tal desprendimento e tal desinteresse
nunca ninguém te amou, mas foram tais e tantos
os infortúnios meus, que o coração parece
hoje em dia afogado em lágrimas e prantos.*

*Levou-me o amor, que o amor de um déspota não
passa,
dos pórticos do Sonho às portas da desgraça,
e me fiz afinal um mísero cativo.*

*A mulher... a mulher governa a humanidade!...
Rebelde é que suplico a minha liberdade
E que maldigo o amor no cárcere em que vivo.*

A ternura, a meiguice e a suavidade constituem a nota dominante da poesia de Ignácio de Moura. Pouco antes de morrer disse: “O meu consolo é que a ciência não está sujeita às leis de nossa fragilidade. Nós vamos e a ciência fica”.

A medicina levou-o para Bariri, Estado de São Paulo, em 1914. A saudade reclamou intensamente e o poeta compôs uma canção de louvor à terra campista, altamente amorosa e



fortemente sociológica. É o seu poema *À cidade de Campos*, (22 estâncias de 4 versos):

*O teu nome aprendi, como um santo estribilho,
Assim deixei do berço a inocência fugaz.
Eu me orgulho de ser, minha terra, teu filho
E de ter, no meu sangue, o sangue Goytacaz.*

*Nessa imensa planície, em que vives tranquila,
Avultas muito mais que uma grande montanha.
Tua glória imortal vem de longe e scintilla,
Desde Benta Pereira até Nilo Peçanha!*

*Só porque sou teu filho, a ladeira da vida
Parece-me um tapete inundado de luz.
Minha terra natal, terra nobre e querida
De Teixeira de Mello e de Azevedo Cruz.*

*Quanto te quero e adoro a pena mal descreve.
E, si te leio a historia, o meu peito se inflamma.
Quem te pôde abater, quando a Patria te deve
José do Patrocínio e Saldanha da Gama?*

*Que saudade, ao falar de Cardoso de Mello,
De Lacerda Sobrinho e de Silva Tavares,
Victimas do dever, que o estúpido cutelo
Da morte arrebatou. Merecem três altares!*

*Entre os grandes varões, figura Thomaz Coelho,
E Azeredo Coutinho assombra a tua história.
Que às novas gerações sirva de exemplo e espelho
O teu passado escripto em página de glória.*

*Campistas, como irmãos unidos num só laço,
Nossa terra será mais poderosa e forte!
Que seja o nosso lemma a inteligência e o braço
Pelo berço commum, do nascimento à morte.*

*Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia /
Faculdade de Medicina de Campos
Fonte: RCFMC*

*As mais puras e as mais fagueiras esperanças
Germinam da instrucção. É preciso que a escola
Seja o segundo lar de todas as crianças
Que precisam de luz como o pobre de esmola.*

*Nossos filhos serão mais uteis e felizes
Às artes se entregando e aos estudos agrarios,
É delles o caminho, a escola de aprendizes.
Em vez de bachareís, façamos operarios.*

*A terra que a altivez conserva dos selvícolas,
Precisa, antes do mais, de braços produtores.
De commercio, de indústria e de núcleos agrícolas.*

*O meu sonho é transpor os espaços e os muros
Que me afastam de ti, grande terra campista!
Não morrerei, sem ver teus horizontes puros,
Teus campos de esmeralda em que se perde a vista!*

Fontes:

Arquivo do Dr. Welligton Paes

CONTE, Francisco de Almeida e outros. **Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia** – 80 Anos de História. Campos dos Goytacazes: SFMC, 2001, p. 33-37.

SILVA, Fábio Soares da. **Capitão Francisco Rodrigues de Freitas e Umbeldera da Silva Pinto**, p. 30-33.



VANDA TEREZINHA VASCONCELOS
Médica, professora da Faculdade de Medicina de Campos, Presidente da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia e Presidente da Academia Campista de Letras

CARTA DE VASSOURAS

MEMORIAL PARA DEFESA, VALORIZAÇÃO E EXPANSÃO DO IDIOMA PORTUGUÊS

As entidades culturais do Estado do Rio de Janeiro, reunidas em 18 de setembro de 2020, em encontro virtual promovido pela Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, pela Academia Fluminense de Letras e pela Academia de Letras de Vassouras, com apoio do Elos Internacional da Comunidade Lusíada, realizado através do aplicativo Zoom, tendo como tema central "O QUE MAIS FAZER PARA DEFENDER E VALORIZAR O NOSSO IDIOMA", após ampla análise sobre a posição do idioma português (oficial no Brasil pelo Art. 13 da Constituição da República Federal) em seus aspectos básicos, levando em conta serem finalidades das Academias de Letras e entidades culturais congêneres, assim como do Elos Internacional da Comunidade Lusíada, a preservação, valorização e expansão do idioma e da literatura nacional, decidiram expor a seguir fundamentos e, ao final, apresentar proposições e recomendações visando equacionamento de obstáculos para alcançar a sua merecida posição mundial, correspondente às suas dimensões territoriais, demográficas, culturais, socioeconômicas, políticas e estratégicas.

CONSIDERANDO que fatos e dados mais recentes revelam que o idioma português é falado por mais de 210 milhões de brasileiros, sendo idioma oficial de 9 países – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste – e de dezenas de cidades nos 5 continentes, como Macau, na China, e Goa, na Índia;

CONSIDERANDO que é o 3º idioma mais falado nos países do Ocidente e o 4º idioma cultural do mundo, o mais falado no Hemisfério Sul do Planeta Terra, o 5º mais utilizado por usuários da internet e a língua oficial de trabalho em 32 organizações internacionais, somando cerca de 300 milhões de pessoas falantes em vários continentes;

CONSIDERANDO que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, criada em 17 de julho de 1996, tem, além dos países-membros, a participação do Embaixador Antônio Guterres, atual Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas;

CONSIDERANDO que em setembro de 2019 a Assembleia Geral da ONU aprovou Resolução 86

sobre Cooperação com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e que o referido documento foi aprovado por 17 nações (fora os membros da CPLP) empenhados no fortalecimento das ações da CPLP e que o objetivo central era poder valorizar cada vez mais e promover o idioma português, com pronunciamento do Presidente de Portugal Marcelo Rebelo e do 1º Ministro Antônio Costa;

CONSIDERANDO que o Diretor-Geral da CPLP, Embaixador Armindo Brito Fernandes, que é de São Tomé e Príncipe, e o Secretário-Executivo, Embaixador Francisco Ribeiro Telles, de Lisboa, conclamaram a necessidade de reforços nas áreas cultural e empresarial, e no conjunto das atividades socioeconômicas dos países membros para obtenção dos objetivos de reconhecimento do idioma português pela ONU, ao lado do árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo;

CONSIDERANDO que a UNESCO conferiu ao idioma português Relevância Mundial e, em decorrência, instituiu o Dia Mundial do Idioma Português, comemorado em trabalhos virtuais em 5 de maio de 2020, com a participação de representantes da ONU, além dos membros da CPLP, e sendo evidenciada a RELEVÂNCIA do idioma em uma realidade marcada pela globalização, e que líderes mundiais da ONU, UNESCO e CPLP exaltam a influência de nosso idioma;

CONSIDERANDO que a língua camosiana é a base de forte elo dos povos e pessoas ligadas à cultura e que o espaço lusófono ferve cada vez mais com o movimento cultural e também econômico, político e estratégico e que é evidente que nosso idioma se espalha nas várias manifestações culturais, nos meios de comunicação, além de serem os países lusófonos abastecedores de alimentos para o mundo e possuidores de recursos econômicos e um dos mais elevados PIBs do planeta;

Em face do exposto, RESOLVEM:

Reiterar que a oficialização do idioma português como 7º idioma da ONU viria criar na organização um parâmetro de justiça que ainda não existe, não havendo argumentos que possam justificar o não reconhecimento e que a Diretoria da ONU deve deixar de ser indiferente e mesmo desprezar as fortes razões objetivas diante da posição mundial da Língua Portuguesa;

Reconhecer ser constrangedor verificar a timidez e a falta de tomada de posição política pelo Parlamento Nacional, com pronunciamentos e ações em favor da oficialização do idioma e

que a sua projeção e expansão influenciariam na autoestima dos povos lusófonos e a prosperidade das organizações, empresas e postura política do Brasil e dos demais países de Língua Portuguesa no cenário mundial.

A CARTA DE VASSOURAS é recurso em defesa da valorização e expansão da Língua Portuguesa, devendo ser levada ao Presidente do Elos Internacional da Comunidade Lusíada, Prof. Sidney França e ao Vice-Presidente para a América do Sul Dr. José Roberto Frutuoso, assim como ao Presidente e ao Secretário-Executivo da CPLP, a fim de que a façam chegar à UNESCO, se assim considerarem, com o propósito de

influenciar como mais uma vigorosa manifestação das aspirações e dos sentimentos da significativa parcela dos cultores do idioma de Camões.

Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro
Academia Fluminense de Letras
Academia de Letras de Vassouras
Elos Internacional da Comunidade Lusíada / Distrito 8
Cenáculo Fluminense de História e Letras
Elos Clubes de Niterói e Teresópolis
Academia Niteroiense de Letras
Academia Teresopolitana de Letras



NOMINATA

CLASSE DE LETRAS**CADEIRA 01**

Patrono: Alberto Silva
 Fundador: Salomão Cruz
 Ocupantes: Hélio Nogueira, Élio Monnerat Solon de Pontes
 Membro atual: Alexandre Gazé (Alexandre Gazé Filho)

CADEIRA 02

Patrono: Alberto de Oliveira
 Fundador: Antônio Lamego
 Ocupantes: Phocion Serpa, Walfrido Faria, Maria da Conceição Pires de Melo
 Membro atual: Waldeck Carneiro (Waldeck Carneiro da Silva)

CADEIRA 03

Patrono: Alberto Torres
 Fundador: Carlos Maul
 Ocupantes: Luiz Magalhães
 Membro atual: José Raymundo Martins Romeo

CADEIRA 04

Patrono: Alcindo Guanabara
 Fundador: Alceste Fróes
 Ocupantes: Alfredo Cumplido de Sant'Ana, Enéas Marzano
 Membro atual: Luiz Felizardo Barroso

CADEIRA 05

Patrono: Andrade Figueira
 Fundador: Henrique Castrioto
 Ocupantes: Abel Sauerbronn de Azevedo Magalhães, Edmo Rodrigues Lutterbach
 Membro atual: Franci Machado Darigo

CADEIRA 06

Patrono: Antônio Aguiar
 Fundador: Jônatas Botelho
 Ocupantes: Ramon Alonso, Mario Ritter Nunes
 Membro atual: Márcia Pessanha (Márcia Maria de Jesus Pessanha)

CADEIRA 07

Patrono: Azeredo Coutinho (Bispo)
 Fundador: Olímpio de Castro
 Ocupantes: Arnaldo Nunes, Antônio Carlos da Rocha Villaça
 Membro atual: Marcus Antônio de Souza Faver

CADEIRA 08

Patrono: Azevedo Cruz
 Fundador: Homero Pinho
 Ocupantes: Jacy Pacheco, Paulo Campos, Herval de Souza Tavares, Waldir Pinto de Carvalho
 Membro atual: Eduardo Antônio Klausner

CADEIRA 09

Patrono: B. Lopes
 Fundador: Olavo Bastos
 Ocupantes: Maurício de Lacerda, Lyad de Almeida, Leir de Souza Moraes
 Membro atual: Maria do Carmo Cordeiro

CADEIRA 10

Patrono: Belisário Augusto
 Fundador: Epaminondas de Carvalho
 Ocupantes: Paulino Neto, José Antônio Soares de Souza, Hilton Massa
 Membro atual: Lúcia Romeu (Lúcia Maria Barbosa Romeu)

CADEIRA 11

Patrono: Benjamin Constant
 Fundador: Ricardo Barbosa
 Ocupantes: Oscar Fontenelle, Dayl de Almeida, Etacyr Guimarães de Campos
 Membro atual: Fernando Gama (Fernando Gama de Miranda Netto)

CADEIRA 12

Patrono: Carlos de Lacerda
 Fundador: Tomé Guimarães
 Ocupantes: Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes
 Membro atual: Cleber Francisco Alves

CADEIRA 13

Patrono: Casimiro de Abreu
 Fundador: Altino Pires
 Ocupantes: Vilmar de Abreu Lassance
 Membro atual: Alba Helena Corrêa

CADEIRA 14

Patrono: Castro Menezes
 Fundador: Creso Braga
 Ocupantes: Marcos Almir Madeira
 Membro atual: João Batista Thomaz

CADEIRA 15

Patrono: Duque de Caxias
 Fundador: Soares Filho
 Ocupantes: Oswaldo Paixão, Henrique Glória Serpa Pinto
 Membro atual: Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

CADEIRA 16

Patrono: Euclides da Cunha
 Fundador: Cortes Junior
 Ocupantes: Vasconcelos Torres
 Membro atual: Cybelle Moreira de Ipanema

CADEIRA 17

Patrono: Ezequiel Freire
 Fundador: Manuel Duarte
 Ocupantes: Elói Pontes, Mário Newton Filho, José Newton de Almeida Baptista Pereira (Arcebispo)
 Membro atual: Cláudia Cataldi

CADEIRA 18

Patrono: Fagundes Varela
 Fundador: Emílio Kemp
 Ocupantes: Luiz Reid
 Membro atual: Luiz Carlos Silva Lessa

CADEIRA 19

Patrono: Felisberto de Carvalho
 Fundador: Quaresma Júnior

Ocupantes: Agenor de Roure, L.F. Carpenter, Albertina Fortuna

Membro atual: Eneida Fortuna Barros

CADEIRA 20

Patrono: Firmino Silva

Fundador: Eugênio Cordeiro

Membro atual: Jota Carino (Jonaedson Carino)

CADEIRA 21

Patrono: Francisco de Lemos (Bispo)

Fundador: Serpa Pinto

Ocupantes: Ismael de Lima Coutinho, Maria Alice Barroso

Membro atual: Elídio Robaina (Monsenhor)

CADEIRA 22

Patrono: Guilherme Briggs

Fundador: Edmundo March

Ocupantes: Sylvio Figueiredo, Mário Duarte Monteiro

Membro atual: Maximiano de Carvalho e Silva

CADEIRA 23

Patrono: Joaquim Manuel de Macedo

Fundador: Armando Negreiros

Ocupantes: Leopoldo Teixeira Leite Filho, Xavier Placer, Hélio Alonso

Membro atual: Peterson Barroso Simão

CADEIRA 24

Patrono: José do Patrocínio

Fundador: Levi Fernandes Carneiro

Membro atual: Tarcísio Meireles Padilha

CADEIRA 25

Patrono: Júlio Maria (Padre)

Fundador: J. Demorais

Ocupantes: Nelson Rangel, Newton Perissé Duarte, Lourenço Luiz Lacombe

Membro atual: Roberto dos Santos Almeida

CADEIRA 26

Patrono: Lúcio de Mendonça

Fundador: Ildefonso Falcão

Membro atual: Sávio Soares de Sousa

CADEIRA 27

Patrono: Luiz Pistarini

Fundador: Gomes Leite

Ocupantes: Alberto Lamego, Alberto Torres

Membro atual: Erthal Rocha (Célio Erthal Rocha)

CADEIRA 28

Patrono: Macedo Soares (Conselheiro)

Fundador: Júlio Salusse

Ocupantes: Toledo Piza, Romeu Silva, Lourival Ribeiro

Membro atual: Maria Beltrão (Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão)

CADEIRA 29

Patrono: Manuel Carneiro

Fundador: Múcio Paixão

Ocupantes: Teófilo Guimarães, Hamilton Nogueira

Membro atual: Waldenir de Bragança

CADEIRA 30

Patrono: Martins Teixeira

Fundador: Alfredo Rangel

Ocupantes: Luiz Lamego, Amélia Tomás, Vera de Vives

Membro atual: Leslie Aloan (Leslie de Albuquerque Aloan)

CADEIRA 31

Patrono: Paulo da Silva Araújo

Fundador: Castro Menezes

Ocupantes: J.E. da Silva Araújo, Francisco Pimentel, Raul de Oliveira Rodrigues

Membro atual: Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

CADEIRA 32

Patrono: Pedro Luiz

Fundador: Belisário de Souza

Ocupantes: Kleber de Sá Carvalho, Emmanuel de Macedo Soares

Membro atual: Vaga

CADEIRA 33

Patrono: Pedro II

Fundador: Alberto Fortes

Ocupantes: Magalhães Gomes, Dulcydides de Toledo Piza

Membro atual: Wainer da Silveira e Silva

CADEIRA 34

Patrono: Pereira da Silva (Conselheiro)

Fundador: Honório Silvestre

Ocupantes: Thiers Martins Moreira, Celso Kelly, Walter Di Biase

Membro atual: Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

CADEIRA 35

Patrono: Quintino Bocaiúva

Fundador: Horácio Campos

Ocupantes: Nelson Rebel, Artur de Almeida Torres

Membro atual: Fátima Cunha Ferreira Pinto

CADEIRA 36

Patrono: Raja Gabaglia

Fundador: Henrique de Araújo

Ocupantes: Everardo Backheuser, Brigido Tinoco, Waldyr Jansen de Mello

Membro atual: Vaga

CADEIRA 37

Patrono: Raul Pompeia

Fundador: Adelino Magalhães

Ocupantes: Alípio Mendes, Luiz Calheiros Cruz

Membro atual: Marcelo Câmara (Marcelo Nóbrega da Câmara Torres)

CADEIRA 38

Patrono: Saldanha da Gama

Fundador: Lacerda Nogueira

Ocupantes: Godofredo Tinoco, Ayrton Pinto Ribeiro, Alberto Valle

Membro atual: Luiz de Albuquerque (Luiz Carlos de Albuquerque Santos)

CADEIRA 39

Patrono: Salvador de Mendonça

Fundador: Sena Campos

Ocupantes: Henrique Lagden, Valfredo Martins, José Geraldo Pires de Mello

Membro atual: Flávio Chame Barreto

CADEIRA 40

Patrono: Silva Jardim

Fundador: Olavo Guerra

Ocupantes: Mauricio de Medeiros, João Rodrigues de Oliveira, José Alfredo de Andrade

Membro atual: Rogério Devisate

CADEIRA 41

Patrono: Silva Marques

Fundador: Eurípedes Ribeiro

Membro atual: Marco Lucchesi (Marco Americo Lucchesi)

CADEIRA 42

Patrono: Soares de Souza Júnior

Fundador: Martins Teixeira Júnior

Ocupantes: Alberto Ribeiro Lamego, Togo de Barros

Membro atual: Sara Rifer (Jussara Ribeiro de Souza Ferreira)

CADEIRA 43

Patrono: Teixeira de Melo

Fundador: Ernesto Paixão

Ocupantes: Arthur Nunes da Silva, Heitor Gurgel, José Inaldo Alves Alonso

Membro atual: Vaga

CADEIRA 44

Patrono: Teixeira e Souza

Fundador: Osório Dutra

Ocupantes: José Cândido de Carvalho, Hervê Salgado Rodrigues, Milton Nunes Loureiro

Membro atual: Marcello Cerqueira (Marcello Augusto Diniz Cerqueira)

CADEIRA 45

Patrono: Visconde de Araguaia

Fundador: Joaquim Peixoto

Ocupantes: Prado Kelly, Alaor Eduardo Scisínio, Kleber Leite (Sebastião Kleber da Rocha Leite)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 46

Patrono: Visconde de Beaurepaire Rohan

Fundador: Antônio Figueira de Almeida

Ocupantes: Alves Cerqueira, Renato de Lacerda, Luis Antônio Pimentel

Membro atual: Andréa Caldas (Andréa Christina Silva Panaro Caldas)

CADEIRA 47

Patrono: Visconde de Itaboraí

Fundador: Oliveira Viana (Francisco José de Oliveira Viana)

Ocupantes: Sabóia Lima, Alcydes Machado Gonçalves, Angelo Longo

Membro atual: Sandro Pereira Rebel

CADEIRA 48

Patrono: Visconde de Sepetiba

Fundador: Melquíades Picanço

Ocupantes: Macário Picanço, Aloysio Tavares Picanço

Membro atual: Lúcio Picanço Facci

CADEIRA 49

Patrono: Feliciano Sodré

Fundador: José Mauro Haddad

CADEIRA 50

Patrono: Ary Parreiras (Almirante)

Fundador: Alexandre Chini (Alexandre Chini Neto)

CLASSE DE BELAS ARTES

CADEIRA 01

Patrono: Acácia Brazil de Mello

Fundador: Dalka Azevedo (Dalka Lima Coutinho de Azevedo)

Membro atual: Vaga

CADEIRA 02

Patrono: Affonso Gonçalves Reis

Fundador: Maestro Bernardo (José Bernardo de Souza)

CADEIRA 03

Patrono: Alcyr Pires Vermelho

Fundador: Deila Scharra (Deila Maria Ferreira Scharra)

CADEIRA 04

Patrono: Chiquinha Gonzaga

Fundador: Lúcia Motta (Lúcia Regina Antunes da Motta)

CADEIRA 05

Patrono: Francisco Mignone

Fundador: Leda Mendes Jorge (Leda Mendes Jorge Aidar)

CADEIRA 06

Patrono: Israel Pedrosa

Fundador: Robert Preis

CADEIRA 07

Patrono: Jayme Moreira de Luna

Fundador: Antônio Machado (Antônio Alberto Carvalho Machado)

CADEIRA 08

Patrono: Leopoldo Fróes

Fundador: Veronica Debellian Accetta

Membro atual: Gracinha Rego (Maria das Graças Alves de Azevedo Rego)

CADEIRA 09

Patrono: Lourenço Fernandes

Fundador: Magda Belloti (Magda Telles Loureiro Belloti)

CADEIRA 10

Patrono: Margarida Lopes de Almeida

Fundador: Maria Aparecida Barreto da Silva

CADEIRA 11
Patrono: Maria Sabina
Fundador: Neide Barros Rêgo

CADEIRA 12
Patrono: Noel Rosa
Fundador: Myrtis Ruschel Bergamaschi de Leoni Ramos

CADEIRA 13
Patrono: Raimunda Viana
Fundador: Maria de Carvalho Mendes

CADEIRA 14
Patrono: Silvio Vianna
Fundador: Marly Prates (Marly Soares Prates Lima)
Membro atual: Vaga

CADEIRA 15
Patrono: Villa-Lobos
Fundador: Therezinha de Maria Carvalho Pinto

CLASSE DE CIÊNCIAS

CADEIRA 01
Patrono: Américo Braga
Fundador: Aristeu Pessanha (Aristeu Pessanha Gonçalves)

CADEIRA 02
Patrono: Aurora de Afonso Costa

CADEIRA 03
Patrono: Carlos Chagas
Fundador: Luiz Augusto de Freitas Pinheiro

CADEIRA 04
Patrono: Emilia de Jesus Ferreiro

CADEIRA 05
Patrono: João da Silva Vizella
Fundador: Alcir Chácar (Alcir Vicente Visela Chácar)

CADEIRA 06
Patrono: Marcolino Candau
Fundador: Wanderley Francisoni Mendes
Membro atual: Vaga

CADEIRA 07
Patrono: Otílio Machado
Fundador: Salvador Borges Filho

CADEIRA 08
Patrono: Oswaldo Cruz
Fundador: Demócrito Jonathas de Azevedo

CADEIRA 09
Patrono: Osvaldo Monteiro de Carvalho
Fundador: Alcides Pissinatti

CADEIRA 10
Patrono: Paulo Pimentel
Fundador: Cláudio Chaves (Cláudio do Carmo Chaves)

CADEIRA 11
Patrono: Roched Seba
Fundador: Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

CADEIRA 12
Patrono: Rodolpho Albino

CADEIRA 13
Patrono: Romero Cunha
Fundador: Guilherme Eurico Bastos Cunha
Membro atual: Vaga

CADEIRA 14
Patrono: Silvio Pires de Mello
Fundador: Luiz Rogério Pires de Mello

CADEIRA 15
Patrono: Vital Brazil
Fundador: Antônio Werneck (Antônio Joaquim Werneck de Castro)

CLASSE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CADEIRA 01
Patrono: José de Anchieta (Padre)
Fundador: Carlos Wehrs

CADEIRA 02
Patrono: Darcy Ribeiro
Fundador: Luiz Augusto Erthal

CADEIRA 03
Patrono: João VI
Fundador: Francisco Tomasco de Albuquerque

CADEIRA 04
Patrono: Durval de Almeida Baptista Pereira
Fundador: Aidyl de Carvalho Preis

CADEIRA 05
Patrono: Emilio do Carmo
Fundador: Matilde Carone Slaibi Conti

CADEIRA 06
Patrono: Francisco Alves
Fundador: Aníbal Bragança (Aníbal Francisco Alves Bragança)

CADEIRA 07
Patrono: Hipólito José da Costa
Fundador: Mário Sousa (Mário José Fernandes Rodrigues de Sousa)

CADEIRA 08
Patrono: Jalmir Gonçalves da Fonte
Fundador: Nagib Slaibi Filho

CADEIRA 09
Patrono: João Brasil
Fundador: Clélio Erthal

CADEIRA 10
Patrono: José Bonifácio da Silva
Fundador: Sylvio Lago Jr. (Sylvio Pereira Lago Júnior)

CADEIRA 11
Patrono: José Clemente Pereira
Fundador: José Alves Pinheiro Júnior

CADEIRA 12
Patrono: Nina Rita Torres

Fundador: Haroldo Zager (Haroldo Zager Faria Tinoco)

CADEIRA 13

Patrono: Princesa Izabel

Fundador: Antônio Izaías da Costa Abreu

CADEIRA 14

Patrono: Teixeira de Freitas

Fundador: Edson Alvisi (Edson Alvisi Neves)

CADEIRA 15

Patrono: Violeta Campofiorito Saldanha da Gama

Fundador: Andréa Ladislau (Andréa Antônia Ladislau)

MEMBROS HONORÁRIOS

01 - Domício Proença Filho

02 - Pietro Novellino

03 - Roberto de Souza Salles



*Detalhe da fachada do prédio da Academia Fluminense de Letras e Biblioteca Pública Municipal, na Praça da República, 7, Centro de Niterói (projeto do arquiteto Pedro Campofiorito, parte integrante do conjunto arquitetônico da Praça da República)
Foto: Acadêmico Antônio Machado*



PARCERIA:



PREFEITURA
DE NITERÓI

SECRETARIA
DAS CULTURAS

FUNDAÇÃO
DE ARTE



www.academiafluminensedeletras.com.br